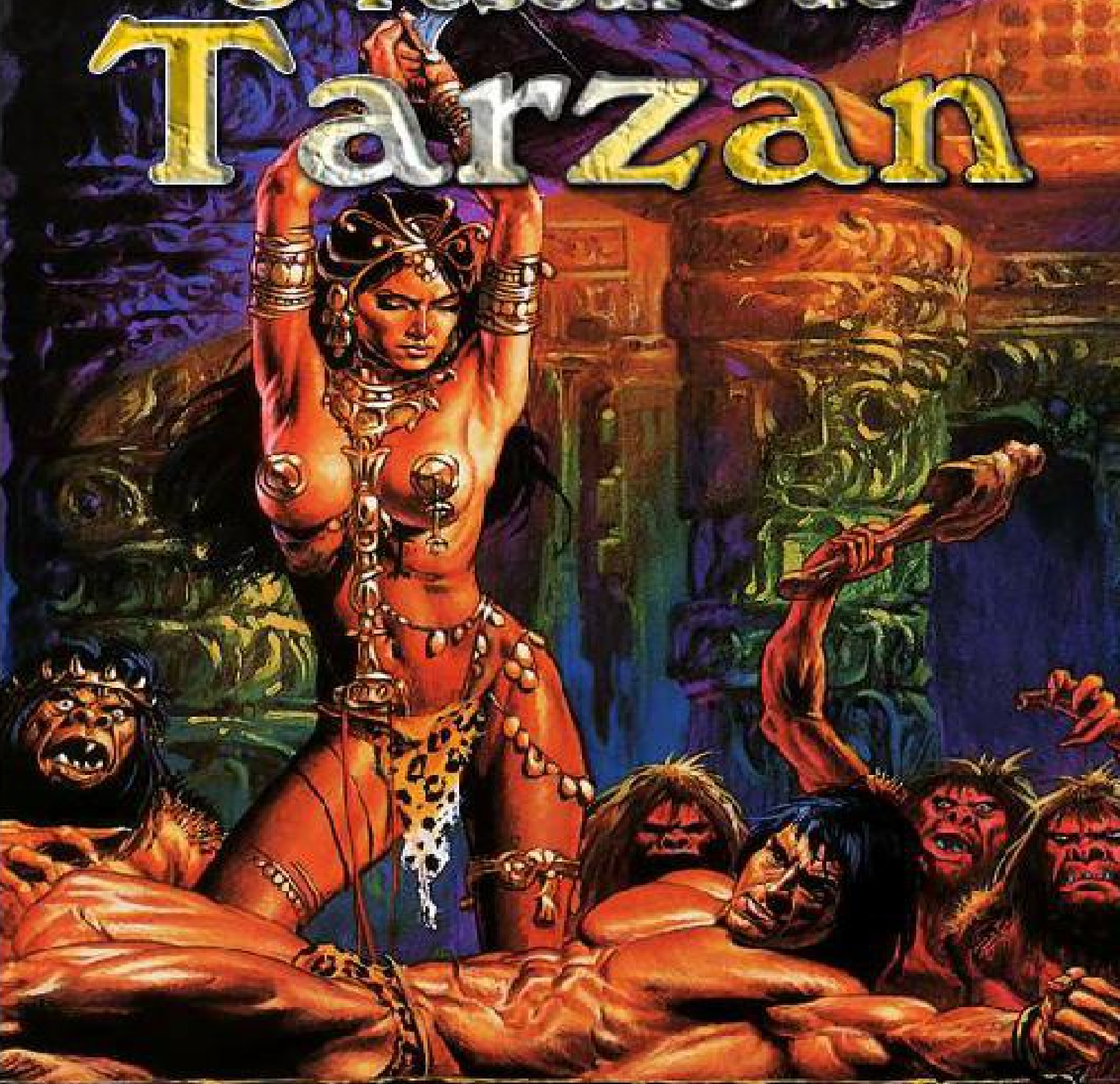


Edgar Rice Burroughs
O Tesouro de
Tarzan



USKO



Edgar Rice Burroughs

O Tesouro de Tarzan

Digitalização de Digital Source

Formatação de LeYtor

CAPÍTULO 1

Belga e árabe

O TENENTE Albert Werper devia somente ao prestígio do nome o não ter sido expulso das fileiras do exército. A princípio ficara humildemente agradecido de o terem mandado para esta guarnição do Congo, esquecida de Deus, em vez de o submeterem a conselho de guerra, como tão justamente merecia, mas agora, seis meses daquela monotonia, daquela solidão pavorosa tinham produzido uma mudança. O rapaz ruminava continuamente a sua má sorte. Passava os dias entregue a um sentimento mórbido de pena de si mesmo, sentimento que acabou engendrando em seu espírito fraco e vacilante o ódio por aqueles que o haviam mandado para ali — pelos mesmos homens aos quais a princípio se mostrava intimamente agradecido, por lhe terem eles poupado a ignomínia da degradação.

Tinha saudades da boa vida de Bruxelas, lastimando-lhe a perda como jamais lastimara os pecados que o haviam arrancado à mais alegre das capitais. E à medida que passavam os dias, foi concentrando o seu ressentimento na pessoa daquele que representava no Congo a autoridade que o tinha exilado — o seu capitão e superior imediato.

Este oficial era um homem seco e taciturno, inspirando pouca afeição aos que serviam diretamente sob suas ordens, mas respeitado e temido pelos soldados negros da pequena guarnição.

Werper costumava ficar horas inteiras de olhos fitos no seu superior, quando os dois, depois do jantar, se sentavam na varanda do alojamento comum, fumando num silêncio, que nenhum parecia desejoso de quebrar. O ódio insensato do tenente degenerou afinal numa espécie de mania. Interpretava a taciturnidade natural do capitão como uma intenção estudada de insultá-lo por causa dos seus precedentes. Imaginou que o superior lhe votava desprezo, e assim fervia interiormente, até que uma noite a sua loucura se tornou subitamente homicida. Apalpou a coronha do revólver, apertou os olhos e contraiu as sobrancelhas. Por fim falou:

— É a última vez que o senhor me insulta! gritou, pondo-se de pé. Sou um oficial e um "gentleman". Isso não "pode continuar" assim, e eu exijo uma satisfação de sua parte!

O capitão, com uma expressão de surpresa nos olhos, voltou-se para o seu subalterno. Já vira antes muitos homens com a loucura da mata impressa na fisionomia — a loucura causada pela solidão, pelas cismas sem-fim, e talvez por um acesso de febre.

Levantou-se e estendeu a mão para o ombro do rapaz. Ia dizer algumas palavras serenas de conselho, mas não chegou a pronunciá-las. Werper tomou o gesto do superior por uma tentativa de atracar-se com ele. O seu revólver estava à altura do coração do capitão, e este mal dera o primeiro passo, quando Werper puxou o gatilho. Sem um gemido, o homem tombou no soalho tosco da varanda. Ao mesmo tempo as névoas que obscureciam o cérebro de Werper se dissiparam, de sorte que ele pôde ver-se a si próprio e ao ato que acabara de praticar, como os veriam aqueles que o deveriam julgar.

Ouviu o rumor de exclamações excitadas partidas do alojamento dos soldados. Sentiu que corriam na sua direção. Iam agarrá-lo, e, se não o matassem, haveriam de levá-lo Congo abaixo aonde um tribunal militar, regularmente instalado, faria o mesmo afinal de contas.

Werper não desejava a morte. Jamais ansiara tanto pela vida como naquele momento, em que perdera tão flagrantemente todo o direito de viver. Os homens aproximavam-se. Que devia fazer? Relanceou os olhos em torno, como a procurar a forma tangível de uma escusa legítima para o seu crime, mas nada encontrou senão o corpo do homem que matara tão sem motivo

Em desespero de causa, voltou-se e fugiu à soldadesca já perto. Atravessou correndo a estacada, apertando ainda o revólver na mão. No portão a sentinela pretendeu detê-lo. Werper não parou para explicar-se ou impor o prestígio do seu posto — apenas levantou a arma e abateu o preto inocente. Um instante depois o fugitivo abria o portão e desaparecia na escuridão da mata, não sem ter antes transferido para a sua pessoa a carabina e o cinturão de munições da sentinela morta.

Toda aquela noite Werper entranhou-se cada vez mais longe no coração do ermo. De vez em quando a voz de um leão fazia-o estacar à escuta, mas de carabina engatilhada e pronto para atirar prosseguia caminho, mais temeroso dos homens que lhe vinham no encalço do que dos carnívoros bravios com que poderia deparar.

Afinal rompeu a madrugada, mas o homem continuou a caminhar. Todas as suas sensações de fome e fadiga apagavam-se nos terrores de poder ser capturado. Só pensava numa coisa: fugir! Não ousava parar para descansar ou comer enquanto houvesse risco de ser alcançado, e por isso continuou penosamente até cair exausto. Quanto tinha andado não sabia nem procurou saber. Quando não pôde mais fugir, a noção de ter chegado ao limite de suas forças perdeu-se na inconsciência de um esgotamento completo.

E foi nessas condições que Achmet Zek, o árabe, o encontrou. Os sequazes de Achmet estiveram a pique de trespassar a lança no corpo do inimigo hereditário, mas Achmet queria a coisa feita de outra maneira. Primeiro interrogaria o belga. Era mais

fácil interrogar um homem primeiro e depois matá-lo do que matá-lo primeiro e depois interrogá-lo.

Por isso fez transportar à sua tenda o tenente Albert Werper e ali mandou os escravos administrarem ao prisioneiro pequenas porções de vinho e alimento, até que finalmente o fugitivo recobrou os sentidos. Quando ele abriu os olhos viu em torno de si as caras daqueles negros estranhos e do lado de fora da tenda a figura de um árabe. Em parte alguma o uniforme dos seus soldados.

O árabe voltou-se e vendo os olhos abertos do prisioneiro fitos nele penetrou na tenda.

— Sou Achmet Zek, anunciou. Quem és tu, e que estavas fazendo no meu país? Onde estão os teus soldados?

Achmet Zek! Os olhos de Werper arregalaram-se, o seu coração fraqueou. Estava nas garras do mais terrível dos degoladores — de um homem que odiava a todos os europeus, especialmente os que vestiam o uniforme da Bélgica. Havia anos que as forças militares do Congo Belga faziam guerra infrutífera a este chefe e seus sequazes — uma guerra em que nem de um lado nem de outro se pedia ou esperava mercê.

Mas agora no próprio ódio do homem pelos belgas via Werper um tênue raio de esperança para si. Ele também era um réprobo e um proscrito. Até aí, pelo menos, tinham um interesse comum, e Werper decidiu tirar todo o partido possível dessa circunstância.

— Ouvi falar de ti, respondeu, e vim à tua procura. A minha gente voltou-se contra mim. Odeio-a. Agora mesmo os soldados da minha nação andam no meu encalço para matar-me. Eu sabia que tu haverias de proteger-me contra eles, pois também os odeias. Em troca passarei ao teu serviço. Sou um bom soldado. Sei guerrear, e os teus inimigos são meus inimigos.

Achmet Zek fitava em silêncio o europeu. A sua mente revolvía muitos pensamentos, o principal dos quais era que o estrangeiro lhe estava mentindo. Mas era bem possível que não, e se tinha falado a verdade, então a proposta merecia consideração, pois combatentes nunca eram demais — especialmente homens brancos com o tirocínio das coisas militares que um oficial europeu costuma possuir.

Achmet Zek amarrou a cara e Werper sentiu-se perdido, mas Werper não conhecia Achmet Zek, que era homem para ficar carrancudo quando outro qualquer sorria e sorrir quando outro haveria de fechar a cara.

— E se tudo isso que estás dizendo for mentira, falou Achmet Zek, matar-te-ei em qualquer tempo. Que outra recompensa, além da vida, esperas pelos teus serviços?

— Por enquanto o meu sustento é nada mais, respondeu Werper. Mais tarde se viremos que mereço mais, poderemos facilmente chegar a um entendimento.

O único desejo de Werper no momento era salvar a vida. E assim o trato se fez e o tenente Albert Werper tornou-se membro do bando de Achmet Zek, o famigerado traficante de marfim e escravos.

Durante meses o renegado belga acompanhou as entradas selvagens daqueles homens. Batalhava de corpo e alma, com dura crueldade, igual em tudo à dos seus diabólicos companheiros. Achmet Zek atentava no seu recruta com olho aquilino, e uma crescente satisfação, expressa por fim num aumento de confiança, do que resultou para Werper maior independência de ação.

Achmet Zek passou a abrir-se mais com o belga e finalmente pô-lo a par de um plano que vinha afagando havia muito, mas nunca tivera oportunidade de efetuar. Com a ajuda de um europeu, porém, a coisa parecia facilmente praticável. Sondou Werper.

— Ouviste falar do homem que os homens chamam Tarzan? perguntou. E Werper, acenando com a cabeça:

— Ouvi, sim, mas não o conheço.

— Sem ele, poderíamos fazer o nosso "comércio" em paz e com grande proveito, continuou o árabe. Há anos que nos combate, expulsando-nos da parte mais rica da região, apossando-nos e armando os nativos para que possam repelir-nos quando chegamos para "negociar". É riquíssimo. Se pudéssemos achar um meio de fazê-lo pagar-nos muitas peças de ouro, ficaríamos não só vingados mas também indenizados do muito que ele nos impediu de ganhar dos nativos sob sua proteção.

Werper tirou um cigarro de uma carteira luxuosa e acendeu-o.

— E tens um plano para fazê-lo pagar? perguntou.

— Ele é casado, respondeu Achmet Zek, e dizem que a mulher é belíssima. Daria preço alto no Norte, isso no caso de encontrarmos dificuldade em obter desse tal Tarzan o resgate.

Werper inclinou a cabeça meditando. Achmet Zek, de pé, fitava-o, esperando resposta. O que ainda restava de bom na alma de Albert Werper, revoltava-se ao pensamento de vender uma mulher branca para o cativo e a degradação de um harém muçulmano. Levantou os olhos para Achmet Zek. Sentiu que o árabe adivinhava a repugnância que lhe causava o plano. Que adiantava a Werper recusar? A sua vida estava nas mãos daquele semi-bárbaro, que estimava a vida de quem não fosse do seu credo em menos que a de um cão. Werper amava a vida. Que era, afinal de contas, aquela mulher para ele? Uma européia, sem dúvida, um membro da sociedade organizada. Ele — um réprobo. Contra ele se levantava a mão de toda

mulher branca. Ela era, pois, uma inimiga natural, e se ele recusasse o seu auxílio na obra de desgraçá-la. Achmet Zek matá-lo-ia.

— Hesitas, murmurou o árabe.

— Não. Estava apenas medindo as possibilidades de sucesso, mentiu Werper, e a minha recompensa. Na minha qualidade de europeu posso ter entrada em casa deles. Não tens outro contigo que possa fazer o mesmo. O risco será grande. Tenho que ser bem pago, Achmet Zek.

Um sorriso de alívio passou no rosto do bandoleiro.

— Falaste bem, Werper, e Achmet Zek bateu no ombro do tenente. Tens que ser bem recompensado e sê-lo-ás. Agora sentemo-nos e vejamos a melhor maneira de levar o plano a cabo — e os dois homens sentaram-se à moda oriental numa macia alcatifa sob as sedas desmaiadas da tenda outrora magnífica de Achmet Zek, e conversaram em voz baixa noite adentro. Ambos eram altos e barbados, e a exposição ao sol e ao vento dera à compleição do europeu uma tez quase árabe. Além disso, o belga copiava em cada detalhe do seu traje os modos do chefe, de sorte que exteriormente parecia tão árabe quanto o outro. Era tarde quando ele se levantou e recolheu-se à sua tenda.

O dia seguinte Werper passou-o inspecionando o seu uniforme belga, removendo dele todo vestígio que pudesse revelar os seus propósitos militares. No despojo heterogêneo do bando, Achmet Zek arranjou um capacete de cortiça e uma sela européia, e de entre os seus homens e escravos negros um séquito de carregadores, askaris e armadores de tenda, de molde a formar um modesto safári para um caçador de caça grossa. À frente dessa comitiva Werper deixou o acampamento.

CAPÍTULO 2

A caminho de Opar

DUAS semanas depois John Clayton, lorde Greystoke voltando a cavalo de uma viagem de inspeção que fizera às vastas terras de sua propriedade na África, divisou a cabeça de uma coluna de homens atravessando a planície que se estendia entre o seu bangalô e a floresta ao norte e a oeste.

Sofreu o cavalo e ficou observando a pequena comitiva que surgia de uma ondulação do terreno. Os seus olhos penetrantes lobrigaram o reflexo do sol no capacete branco de um homem montado, e convencido de se tratar de um caçador europeu errante que buscava hospitalidade, torceu as rédeas e dirigiu-se lentamente ao encontro do estrangeiro.

Meia hora depois subia ele os degraus que conduziam à varanda do seu bangalô, e apresentava Mr. Jules Frecoult a lady Greystoke.

— Eu estava completamente perdido, explicou Mr. Frecoult. O meu capataz nunca havia andado por estas bandas e os guias que tomamos na última aldeia por onde passamos conheciam a região ainda menos do que nós. Por fim se escapuliram faz dois dias. Foi uma felicidade ter encontrado socorro tão providencialmente. Não sei o que faria se não tivesse deparado com o senhor.

Ficou decidido que Frecoult e sua comitiva demorar-se-iam alguns dias, ou até se sentirem inteiramente repousados, e então lorde Greystoke fornecer-lhes-ia guias de confiança que os levassem de volta às regiões com que se dizia familiarizado o capataz de Frecoult.

No seu disfarce de francês abastado, Werper não encontrou, dificuldade em iludir o seu hóspede e em conquistar as boas graças tanto de Tarzan como de Jane Clayton, porém, quanto mais se demorava, tanto menos esperanças tinha de uma realização fácil dos seus desígnios.

Lady Greystoke quando saía a cavalo nunca se afastava muito do bangalô, e a lealdade selvagem dos ferozes guerreiros *waziris* que formavam grande parte do pessoal de Tarzan parecia excluir toda a possibilidade de uma tentativa feliz de rapto violento ou de suborno dos mesmos *waziris*.

Uma semana passou-se e Werper, tanto quanto podia julgar, não estava mais perto da execução do seu plano do que no dia de sua chegada, mas justamente então alguma coisa aconteceu que lhe renovou as esperanças, acenando-lhe mesmo com uma recompensa bem maior do que o simples resgate de uma mulher.

Um estafeta chegara ao bangalô com o correio da semana, e lorde Greystoke

passara a tarde em seu gabinete lendo e respondendo cartas. Ao jantar parecia distraído, e naquela noite cedo pediu desculpas e recolheu-se. Lady Greystoke seguiu-o logo depois. Werper, sentado na varanda, ouviu-os em discussão animada, e tendo percebido tratar-se de assunto de importância levantou-se de manso deslizando sorrateiramente à sombra das moitas que cresciam em profusão à roda do bangalô, encaminhou-se pé ante pé ao ponto que ficava bem por baixo da janela do quarto de dormir do casal.

Uma vez ali, pôs-se a escutar, e não sem resultado, pois logo as primeiras palavras que ouviu encheram-no de excitação. Era lady Greystoke que estava falando quando Werper se aproximou.

— Sempre receei pela estabilidade da companhia, dizia ela, mas parece incrível que eles tenham falido com um passivo tão grande — a não ser que tenha havido alguma manipulação fraudulenta.

— Disso é que eu desconfio, replicou Tarzan, mas, seja como for, o fato é que perdi tudo e não há jeito senão voltar a Opar e arranjar mais.

— Oh, John, gritou lady Greystoke, e Werper sentiu um tremor na voz da moça, não haverá outro remédio? Não posso suportar a idéia de você voltar àquela cidade medonha. Preferia ficar pobre a vida inteira, a ver você correr os perigos horríveis de Opar.

— Não precisa ter medo, replicou Tarzan, rindo-se. Sei muito bem como defender-me, e, ainda que não soubesse, os *waziris* que levarei comigo hão de tomar cuidado para que nada me aconteça.

— Já uma vez eles fugiram de Opar, deixando você entregue à sua sorte, lembrou ela.

— Não o farão mais, respondeu Tarzan. Ficaram muito envergonhados e já vinham voltando quando os encontrei.

— Mas deve haver outro recurso, insistiu a mulher.

— Não há outro recurso tão fácil para obter outra fortuna como voltar aos tesouros das cavernas de Opar e trazer-los para cá, retrucou ele. Terei muito cuidado, Jane, e há toda probabilidade de que os habitantes de Opar não saibam nunca ter eu estado ali e carregado com outra porção do tesouro, cuja existência aliás ignoram e de cujo valor não fariam, de resto, a menor idéia.

O tom resolutivo da voz pareceu convencer lady Greystoke da inutilidade de qualquer argumento a mais, e assim ela abandonou o assunto.

Werper ficou ainda algum tempo à escuta, mas, certo de ter ouvido o essencial e receando ser descoberto, voltou à varanda, onde fumou uma porção de cigarros um

depois do outro, antes de se recolher.

Na manhã seguinte Werper anunciou a sua intenção de partir muito breve, e pediu a Tarzan permissão para caçar caça grossa na região *waziri* que iria atravessar na sua viagem de regresso — permissão que lorde Greystoke prontamente concedeu.

O belga consumiu dois dias em completar os preparativos. Finalmente partiu com o seu safári, acompanhado por um só guia *waziri* que lorde Greystoke lhe emprestou. A comitiva, depois de algumas horas de marcha, parou, porque Werper simulou uma indisposição, e comunicou o seu propósito de se demorar onde estava até restabelecer-se inteiramente. Como se achavam ainda a pequena distância do bangalô de Greystoke, Werper dispensou o guia *waziri*, dizendo-lhe que o mandaria chamar logo que estivesse em condições de prosseguir caminho. Depois da partida do *waziri*, o belga chamou à sua tenda um dos pretos de confiança de Achmet Zek, e despachou-o para vigiar os movimentos de Tarzan, dando-lhe ordem de regressar imediatamente a fim de informá-lo da direção tomada pelo inglês.

Não teve que esperar muito, pois logo no dia seguinte o emissário tornou com a notícia de que Tarzan e uma comitiva de cinquenta guerreiros *waziris* haviam partido naquela manhã rumo de sueste.

Werper, depois de escrever uma longa carta a Achmet Zek, mandou vir o capataz à sua presença. E entregou-lhe a carta.

— Mande levar isso já a Achmet Zek. Fique aqui no acampamento até receber novas instruções minhas ou dele. Se vier alguém do bangalô do inglês, diga-lhe que estou muito doente na minha tenda e não posso receber ninguém. Agora arranje-me seis carregadores e seis askaris — os mais fortes e mais bravos do safári — eu marcharei na pista do inglês para descobrir onde ele tem o ouro escondido.

E foi assim que enquanto Tarzan, coberto com uma simples tanga e armado à maneira primitiva que mais amava, conduzia os seus leais *waziris* à cidade morta de Opar, Werper, o renegado, seguia-lhe o rastro durante as longas e quentes jornadas, acampando à noite à sua retaguarda.

Enquanto isso, Achmet Zek galopava com toda a sua gente para o sul, na direção da propriedade de Greystoke.

Para Tarzan dos Macacos a expedição era umas férias. As suas maneiras civilizadas não passavam de uma casca superficial que ele tirava alegremente com a incômoda vestimenta européia todas as vezes que se lhe deparava um pretexto razoável. Era o amor de uma mulher que mantinha em Tarzan as aparências de civilização. Mas no fundo ele odiava os fingimentos e hipocrisias daquela vida, e com a clara visão de um espírito puro lhe penetrava a essência corrupta — a aspiração covarde de paz e comodidades, a segurança dos direitos de propriedade.

Que as belas coisas da vida — arte, música e literatura — tivessem medrado sob os auspícios de idéias tão mesquinhas, negava-o ele com energia, sustentando, ao contrário, que elas prosperaram a despeito da civilização.

— Mostrem-me o poltrão adiposo e opulento — costumava dizer — que porventura já tenha dado origem a um ideal elevado. No embate das armas, na luta pela vida, entre a fome e a morte e o perigo, à face de Deus manifestado na exibição das forças mais terríveis da natureza é que nasceu tudo o que existe de mais belo e melhor no coração e na inteligência humana.

E assim Tarzan voltava sempre à natureza, como o amante que após um período de encarceramento atrás das grades de uma prisão comparece à entrevista por tanto tempo adiada. Os seus *waziris*, no íntimo, eram mais civilizados do que ele. Cozinham a carne antes de comê-la e consideravam porcaria muitos alimentos que Tarzan comera com gosto durante toda a sua vida. E tão insidioso é o vírus da hipocrisia que até o homem-macaco, tão resolutivo, hesitava na presença deles em dar livre curso aos seus apetites naturais. Comia carne assada quando preferia comer carne crua, e abatia a caça a flecha ou a lança quando o seu desejo era saltar de emboscada e cravar os dentes fortes na jugular da presa, finalmente, porém, foi mais forte o apelo do leite da mãe selvagem que o amamentara na infância: os seus instintos reclamavam o sangue quente de uma vítima fresca, os seus músculos ansiavam por exercitar-se contra os bichos da mata na batalha pela existência que fora durante os primeiros vinte anos de sua vida o seu único privilégio de nascença.

O apelo da mata

MOVIDO por essas solicitações vagas todo-poderosas, o homem-macaco velava uma noite na pequena *boma* de espinhos que protegia de algum modo a comitiva das depredações dos grandes carnívoros da mata. Uma única sentinela montava guarda sonolenta ao pé do fogo que os olhos amarelos, fuzilando na escuridão em torno, tornavam de uma necessidade imperativa. Os uivos e bufidos dos enormes felinos misturavam-se à miríade de ruídos dos habitantes menores da floresta para espertar a chama selvagem no peito do selvagem lorde inglês. Por espaço de uma hora Tarzan virou-se sem sono em seu leito de grama. Por fim levantou-se, silencioso como uma aparição, e aproveitando o momento em que a sentinela *waziri* lhe dava as costas, galgou rápido a paliçada da *boma* em face dos olhos chamejantes, saltou sem bulha à galhada de uma grande árvore e desapareceu.

Por algum tempo entregou-se à pura exuberância do espírito animal, jogando-se perigosamente de um a outro gigante da mata. Depois trepou aos ramos oscilantes e menores da parte mais alta da chapada, onde a lua lhe vinha bater em cheio. Uma brisa leve agitava o ar e a morte espreitava iminente de cada galho frágil. Aqui ele estacou e ergueu o rosto para Goro, a lua. Pôs-se de pé com um braço levantado, doido por soltar o grito tremendo dos macacões, mas permaneceu em silêncio para não despertar a atenção do seu fiel *waziri*, que conhecia tão bem o desafio pavoroso do patrão.

Em seguida passou a mover-se com maior dissimulação e cautela, porque agora Tarzan buscava uma presa. Descendo ao solo, embrenhou-se na escuridão completa do arvoredado cerrado e da verdura emaranhada da floresta. De quando em quando abaixava-se, encostando o nariz à terra. Procurava o rastro de alguma caça, e afinal as suas narinas foram recompensadas com os eflúvios de cheiro fresco de Bara, a corça. Sentiu água na boca e dos seus lábios patricios escapou-se um grunhido abafado. Caíra-lhe o último vestígio de casta artificial — era de novo o caçador primitivo — o primeiro homem — protótipo da raça humana. Contra o vento seguiu a presa fugaz com um senso de percepção tão superior ao do homem ordinário, tão apurado, que até parece inconcebível. Através das contracorrentes da catinga forte dos carnívoros acompanhou ele a pista de Bara: o fartum doce e enjoado de Horta, o javali, não podia afogar-lhe o faro da sua carniça — o suave almíscar deixado pela corça.

Dentro em pouco as emanções do corpo de Bara deram a sentir a Tarzan que a sua presa andava perto. O homem-macaco afundou de novo na escuridão das

árvores, de onde poderia apanhar pelo ouvido e pelo olfato o primeiro sinal de contacto com a corça. Não tardou muito a ver Bara alerta na orla de uma clareira banhada pelos raios da lua. Sem fazer o menor ruído, Tarzan esgueirou-se da árvore até ficar diretamente a cavaleiro da presa cobiçada. Na mão direita tinha a longa faca de caça do seu pai, no coração a sede de sangue do carnívoro. Num relance mediu o bote sobre o dorso luzente da corça desprevenida e precipitou-se-lhe em cima. O choque do seu peso fez Bara cair sobre os joelhos, e antes que o animal pudesse tomar pé novamente a faca se lhe cravara no coração.

Quando Tarzan se erguia do corpo da presa para gritar o medonho berro de vitória à face da lua, o vento lhe trouxe às narinas alguma coisa que o imobilizou num silêncio de estátua. Os seus olhos selvagens luziram na direção de onde o vento lhe carregara a advertência, e um momento depois à margem da clareira uma moita buliu e Numa, o leão, surgiu com passo majestoso. Os olhos amarelo-esverdeados da fera fitaram-se em Tarzan, contemplando com inveja o feliz caçador, pois Numa não tivera sorte naquela noite.

Dos lábios do homem-macaco saiu um grunhido surdo de ameaça. Numa revidou, mas não prosseguiu. Ao invés, estacou abanando a cauda de manso para cá e para lá, enquanto Tarzan, agachado sobre a carniça, cortava uma boa porção do quarto traseiro. Numa considerava com crescente ressentimento o homem-macaco, que de vez em quando, no intervalo de dois bocados, rosnava uma advertência feroz. Ora, aquele leão nunca entrara em contacto com Tarzan dos Macacos e estava, pois, muito intrigado. Com efeito, ali via uma coisa com a aparência e o cheiro de criatura humana» Numa provará já carne de gente e sabia que, embora não fosse a mais saborosa, era decerto a mais fácil de apresar, todavia o rosnado bestial daquele ente estranho lhe trazia à mente reminiscência de antagonistas formidáveis, fazendo-o deter-se, ao mesmo tempo que a fome e o odor da carne palpitante de Bara lhe atiçavam cada vez mais a sanha selvagem. Tarzan não o perdia de vista, adivinhando o que se passava no pequeno cérebro do carnívoro, e foi bom que assim fizesse, porque afinal Numa não pôde mais resistir. Empinou a cauda de súbito, mas no mesmo instante o homem-macaco, sabendo muito bem o que significava aquela atitude, agarrou com os dentes o resto do quarto traseiro da corça e saltou para uma árvore próxima, no momento em que Numa carregava sobre ele com a velocidade e a aparência do peso de um trem expresso.

A retirada de Tarzan não implicava medo. A vida da mata obedece a normas e padrões diferentes da nossa. Se Tarzan estivesse faminto, sem dúvida que não abandonaria o terreno e esperaria a carga da fera. Assim procedera em mais de uma ocasião, e por sua vez atacara já muito leão como aquele. Mas nesta noite estava longe de se sentir faminto e no quarto que carregara consigo havia mais carne crua

do que a que poderia comer, contudo era com irritação que via Numa repastar-se na carcaça de Bara. A presunção de Numa tinha que ser punida! E incontinenti Tarzan entrou a infernizar a vida do enorme felino. Havia perto muitas árvores de frutos grossos e duros. Com a agilidade de um esquilo o homem-macaco saltou para uma delas, e iniciou um bombardeio que fazia a terra tremer com os rugidos medonhos de Numa. Era impossível o leão comer sob aquela chuva de projéteis — só podia rosnar e rugir e pular de um lado para outro, até descoroçoar e desistir da carcaça de Bara, a corça. Numa afastou-se rugindo e cheio de ressentimento, mas bem no centro da clareira a sua voz silenciou de repente, e Tarzan viu a grande cabeça abaixar-se, achatar-se para a frente, o corpo agachar-se, a comprida cauda tremer e a fera avançar cautelosamente nessa atitude para o arvoredo do lado oposto.

Imediatamente Tarzan ficou alerta. Levantou a cabeça e farejou a aragem branda da mata. O que seria que atraía a atenção de Numa e o desviara sorrateiro e silencioso da cena da sua derrota? Mal o leão desaparecera entre as árvores do outro lado da clareira, Tarzan apanhou no vento a explicação daquele súbito interesse — o odor humano feriu-lhe fortemente as narinas sensíveis. Escondendo o resto do quarto da corça no esgalho de uma árvore, o homem-macaco limpou as palmas das mãos nas coxas nuas e lançou-se no encalço de Numa. Uma trilha de elefante, larga e bem batida, levava a clareira à floresta. Numa esgueirou-se paralelamente a ela, enquanto Tarzan deslizava entre o arvoredo como a sombra de um fantasma. O felino selvagem e o homem selvagem viram a presa de Numa quase ao mesmo tempo, da mesma forma que ambos haviam pressentido, antes de a verem, que se tratava de um preto. Assim os informava o olfato requintado, e o de Tarzan dava-lhe mais a conhecer que o cheiro era de estrangeiro, — velho e macho, pois raça, sexo e idade tem cada qual o seu odor peculiar. Era um velho que seguia o seu caminho pela mata sombria, um velhinho mirrado, encarquilhado, todo coberto de cicatrizes e tatuagens horrendas, e estranhamente vestido, com uma pele de hiena nos ombros e a cabeça seca do bicho por cima da sua. Tarzan reconheceu logo que era um feiticeiro e antegozou o bote iminente de Numa, pois o homem-macaco não gostava nada de feiticeiros, mas no instante em que Numa armou o pulo, o branco lembrou-se de repente de que o leão lhe arrebatara a presa poucos minutos antes e que doce é a vingança,

O primeiro indício que o preto teve de estar em perigo foi o estalo dos ramos quando Numa saltou na trilha a umas vinte jardas atrás. Voltou-se e deu com um enorme leão de juba negra que corria sobre ele. Mal se virou, porém, Numa já o tinha agarrado. No mesmo instante o homem-macaco deixou-se cair de um galho, bem sobre o dorso do felino e ao pôr-lhe o pé cravou a faca atrás da espádua esquerda da fera, enfiou os dedos da mão direita na longa juba, enterrou os dentes na garganta de Numa e cingiu nas pernas possantes o torso do carnívoro. Com um

rugido de dor e sanha, Numa empinou-se e caiu para trás sobre o homem-macaco, mas este não largou mão da sua presa e repetidamente enfiou com rapidez espantosa a comprida faca no flanco do leão. Numa rolava sobre si mesmo, gadanhando e mordendo o ar, urrando e rugindo furiosamente na tentativa selvagem de pegar a coisa que se lhe colava às costas. Mais de uma vez Tarzan quase foi alijado de cima de sua presa. Todavia, embora moído, lanhado e coberto de sangue de Numa e da lama do mato, nem por um segundo afrouxou a ferocidade do ataque. Largar o costado da fera seria expor-se a ser estraçalhado pelas garras e presas temíveis do seu antagonista. E estava acabada para sempre a carreira do lorde inglês, filho da mata! O feiticeiro jazia onde o derrubara o leão. Sangrando, muito machucado e incapaz de se mexer, assistia à batalha terrível entre aqueles dois senhores da floresta. Os olhinhos encovados do bruxo brilhavam, os seus beiços encarquilhados buliam sobre as gengivas desdentadas murmurando encantamentos aos demônios do seu culto.

Por algum tempo não teve dúvida sobre o resultado da luta — o branco certamente tinha que sucumbir ao terrível Simba. Quem já vira um homem armado só de uma faca matar fera tão possante? No entanto logo depois o preto velho começou a arregalar os olhos e a ter suas dúvidas e apreensões. Que maravilha de criatura era aquela que agüentava a luta com Simba a despeito dos músculos formidáveis do rei dos animais? E lentamente no fundo daqueles olhos encovados que luziam com brilho tão estranho no rosto encoscorado e retalhado de cicatrizes, raiou a luz de uma reminiscência remota. Os dedos da memória, apalpando o passado, deram afinal com uma imagem meio apagada e amarelecida pelos anos. Era a imagem de um adolescente de pele branca, balançando-se com agilidade nas árvores em companhia de um bando de macacos gigantesco. Os velhos olhos piscaram tomados de medo — o medo supersticioso de quem acredita em fantasmas e espíritos e demônios.

E veio o momento em que o feiticeiro não teve mais dúvida sobre o desenlace do duelo, mas agora, ao contrário do que ajuizara a princípio, tinha certeza de que o deus da floresta mataria Simba, e o preto velho tremeu mais pela sua sorte às mãos do vencedor do que pela morte segura e súbita que o leão triunfante lhe haveria de dar. Viu a fera enfraquecer-se com a perda de sangue. Viu o deus ou o demônio da mata erguer-se de cima do inimigo vencido, e pondo um pé sobre a carcaça ainda palpitante, levantar a face para a lua e soltar um grito horroroso que gelou o sangue nas veias do feiticeiro.

Vaticínio cumprido

ENTÃO Tarzan voltou a atenção para o homem. Não matara Numa para salvar o negro — apenas tirara vingança do leão, mas agora que via o velho inerte e moribundo a seus pés, algo semelhante à piedade lhe tocou o coração selvagem. Na sua primeira mocidade teria matado o feiticeiro sem o mais leve remorso, a civilização, porém, tinha exercido sobre ele, como sobre as nações e raças a que se estende, o seu efeito amolecedor, embora em Tarzan não chegasse a fazê-lo covarde ou efeminado. Ele tinha diante de si um velho que sofria e não tardaria a morrer: foi o bastante para que se abaixasse e apalpassse as feridas e estancasse o fluxo do sangue.

— Quem és tu? indagou o velho com voz trêmula.

— Sou Tarzan — Tarzan dos Macacos, respondeu o homem-macaco, na verdade com maior orgulho do que se tivesse dito: Sou John Clayton, lorde Greystoke.

O feiticeiro estremeceu convulsivamente e fechou os olhos. Quando os abriu novamente, havia neles a resignação a qualquer medonho destino que o esperasse às mãos daquele horrendo demônio da mata.

— Por que não me matas? perguntou.

— Por que te mataria eu? inquiriu Tarzan. Nada me fizeste, e de resto já estás morrendo. Numa, o leão, matou-te.

— Não me matarás?

O tom da voz trêmula denotava surpresa e incredulidade.

— Salvar-te-ia, se pudesse, replicou Tarzan, mas isso é impossível. Por que imaginaste que eu havia de te matar?

Por um momento o velho permaneceu em silêncio. Quando abriu a boca, era evidente que fizera algum esforço para criar coragem.

— Conheço-te há muito tempo, disse ele, desde quando vagavas nas matas de Mbonga, o chefe. Eu já era feiticeiro quando mataste Kulonga e os outros, e quando roubaste as nossas malocas e o nosso pote de veneno. A princípio não me lembrava de ti, mas agora me recordo bem — o macaco de pele branca que vivia com os macacos peludos e tomou a vida um inferno na aldeia de Mbonga, o chefe — o deus da floresta — o Munango-Keewati para quem púnhamos comida do lado de fora dos nossos portões e ele vinha e comia. Dize-me, antes que eu morra — és homem ou demônio?

Tarzan riu-se.

— Sou homem.

O velho bruxo suspirou movendo a cabeça:

— Tentaste salvar-me de Simba. Por isso te recompensarei. Sou um grande feiticeiro. Escuta, homem branco! Vejo muita coisa ruim no teu futuro. Está escrito no meu próprio sangue, que esfreguei na palma da minha mão. Um deus ainda maior do que tu levantar-se-á para te pôr por terra. Volta, Munango-Keewati! Volta antes que seja tarde. Há perigo na tua frente e perigo nas tuas costas, mas o perigo que está na frente é maior. Vejo...

Não pôde concluir. Puxou uma inspiração profunda, descaiu para um lado como um trapo e morreu. Tarzan ficou imaginando que mais veria o velho.

Era muito tarde quando o homem-macaco regressou à *boma* e se deitou entre os seus guerreiros negros. Ninguém o vira sair e ninguém o vira voltar. Pensou, antes de adormecer, na advertência do velho feiticeiro, tornou a pensar nela quando despertou. Mas não retrocedeu caminho, porque não tinha medo. Se soubesse, porém, o que estava reservado à criatura que ele amava acima de tudo no mundo, teria voado através da mata para ao pé dela, deixando o ouro de Opar ficar oculto para sempre nas cavernas da montanha.

Atrás dele, naquela mesma manhã, outro homem branco refletia numa coisa que ouvira durante a noite, e quase desistiu do seu projeto e desandou caminho. Era Werper, o assassino, que na calada da noite escutara, muito ao longe, na trilha por onde seguia, um som que enchera de terror sua alma covarde — um som como jamais ouvira em toda a sua vida, nem imaginava que pudesse emanar dos pulmões de uma criatura de Deus. Escutara o grito de vitória que o homem-macaco berrara em face de Goro, a lua, e tremera, tapando o rosto, agora, à luz profusa do novo dia tremeu de novo ao lembrá-lo, e teria voltado atrás, fugindo ao perigo sem nome que parecia ameaçar o eco daquele som pavoroso, se não fosse o medo maior que lhe inspirava Achmet Zek, seu chefe.

Assim Tarzan dos Macacos continuou, avançando em direção às muralhas arruinadas de Opar, atrás dele esgueirou-se Werper, como um chacal. E só Deus sabia o que estava reservado a cada um deles.

Chegando à crista da montanhas donde se dominava o vale desolado no qual se viam as cúpulas e os minaretes dourados de Opar, Tarzan fez alto. À noite ele iria sozinho proceder a um reconhecimento nas cavernas que guardavam o tesouro, pois determinara agir com toda a cautela nesta expedição.

Ao cair da noite pôs-se a caminho, e Werper, que escalara os penhascos sozinho na pista da comitiva do homem-macaco, e se ocultara durante o dia entre o pedregal

do cume da montanha, deslizou furtivamente atrás dele. A planície alastrada de penedos que se estendia da orla do vale a um cabeço de granito, situado fora das muralhas da cidade e onde ficava a entrada do subterrâneo que conduzia à caverna do tesouro, facilitava muito ao belga seguir despercebido Tarzan até Opar.

Werper viu o homem-macaco lançar-se com agilidade pela rocha acima. Para ele, porém, a ascensão constituiu um verdadeiro suplício. Suando de terror, quase paralisado pelo medo, mas esporeado pela cobiça, foi subindo penosamente até alcançar afinal o cimo da penha.

Não viu Tarzan em parte alguma. Por algum tempo Werper ficou atrás de um dos blocos menores de pedra que havia espalhado no topo do morro, mas não vendo nem ouvindo sinal algum do inglês, saiu cautelosamente do seu esconderijo para empreender uma pesquisa sistemática dos arredores, na esperança de poder descobrir a localização do tesouro a tempo de escapar-se antes da volta de Tarzan, pois o desejo do belga era apenas localizar o tesouro, a fim de, após a partida de Tarzan, vir com os seus homens e, a seguro, carregar tudo quanto pudesse transportar.

Deu com a passagem estreita que conduzia ao interior do cabeço por degraus de granito já muito gastos. Penetrou na boca do túnel onde desaparecia a senda, mas ali estacou, receando que Tarzan, voltando, o visse.

O homem-macaco, muito na dianteira dele, tateou o caminho ao longo da passagem rochosa, até chegar à velha porta de madeira. Um momento depois estava na câmara do tesouro, onde mãos há tantos séculos mortas tinham empilhado as preciosas barras para os soberanos daquele grande continente ora submerso nas profundezas das águas do Atlântico.

Nenhum som quebrava o silêncio da abóbada subterrânea. Não havia sinal de que outro, depois da primeira visita do homem-macaco, tivesse descoberto a riqueza esquecida.

Satisfeito, Tarzan voltou sobre os seus passos, buscando a saída do subterrâneo. Werper, escondido atrás de uma saliência da rocha, viu-o sair da sombra da escada e caminhar para o cume do morro a cavaleiro do vale onde os *waziris* esperavam o sinal do patrão. Então Werper, esgueirando-se furtivamente do seu esconderijo, mergulhou na escuridão da entrada e desapareceu.

Tarzan, parando no cimo do cabeço, levantou a voz num rugido trovejante de leão. Duas vezes, a intervalos regulares, repetiu ele o apelo, ficando em atento silêncio durante vários minutos depois que morreram no ar os ecos do terceiro chamado. Aí, do outro lado do vale chegou muito fraco um rugido de resposta — uma, duas, três vezes. Basuli, o chefe *waziri*, ouvira e respondia.

Tarzan voltou novamente à cripta do tesouro, sabendo que dentro de algumas horas os seus pretos estariam com ele, prontos para carregar outra fortuna em barras do ouro de Opar, de tão estranha feição. Enquanto esperava, transportaria ele próprio para o alto do morro a maior quantidade possível do precioso metal.

Seis viagens efetuou Tarzan nas cinco horas que levou Basuli para chegar ao cabeço, e no fim daquele tempo amontoara quarenta e oito barras no topo da grande penha transportando de cada vez uma carga que faria cambaleiar dois homens comuns, e no entanto o seu corpo de gigante não demonstrava o menor sinal de fadiga ao ajudar os guerreiros de ébano a galgarem o cimo da penedia com a corda que trouxeram para esse fim.

Seis vezes voltara à cripta, e seis vezes Werper, o belga, agachara-se nas trevas do recesso mais fundo da caverna. Mais uma vez tornou o homem-macaco, e agora vinham com ele cinqüenta guerreiros transformados em carregadores por amor da única criatura no mundo capaz de obter de suas naturezas selvagens e altivas serviço trivial. Cinqüenta e duas barras mais foram levadas da cripta, perfazendo o total de cem que Tarzan tencionava levar consigo.

Quando o último *waziri* saíra da cripta, Tarzan voltou-se para lançar um derradeiro olhar à fabulosa riqueza onde duas retiradas não haviam feito desfalque apreciável. Antes de apagar a vela trazida para a sua empresa, cuja luz vacilante lançava os primeiros raios dissipadores das trevas impenetráveis da abóbada subterrânea, desde que esta jazia há séculos esquecida dos homens, Tarzan voltou em mente àquela primeira ocasião em que entrou na cripta do tesouro, descobrindo-a por acaso ao fugir do subterrâneo do templo, onde fora escondido por La, a Grã-Sacerdotisa dos Adoradores do Sol.

Relembrava a cena no interior do templo quando ficara estendido no altar sacrificai, enquanto La, com a adaga suspensa, se inclinava para ele e as filas de sacerdotes e sacerdotisas aguardavam, na histeria extática do fanatismo, o primeiro jorro de sangue da vítima, a fim de encherem os seus copos de ouro e beberem à glória do Deus Flamejante.

A interrupção brutal e sanguinária de Tha, o sacerdote louco, passou vivamente na lembrança do homem-macaco, e a debandada dos devotos ante a sede insana de sangue da horrenda criatura, e o bestial ataque de La, e a sua própria parte na sinistra tragédia, quando deu combate ao energúmeno e deixou-o prostrado sem vida aos pés da sacerdotisa ameaçada de profanação.

Isso e muitas outras coisas passavam na memória de Tarzan ao contemplar as longas rumas de barras amarelo-foscas. La ainda reinaria nos templos da cidade arruinada cujas muralhas a se desmoronarem assentavam preciosamente naqueles fundamentos que o cercavam? Teria sido ela finalmente compelida a casar-se com

um dos seus grotescos sacerdotes? Parecia, com efeito, uma sorte medonha para criatura tão bela. Abanando a cabeça, Tarzan aproximou-se da vela, apagou-lhe a chama vacilante e voltou-se para a saída.

No recesso da cripta o espia esperava que ele tivesse ido embora. Sabia agora o segredo atrás do qual viera, poderia voltar a cômodo com a sua gente e levar todo o ouro que ele pudesse carregar.

Os *waziris* tinham chegado à boca exterior do túnel e subiam para o ar fresco e a amorável claridade do pico do cabeço, quando Tarzan afinal voltou a si do devaneio em que caíra e partiu lentamente após eles.

Mais uma vez — a última pensou — bateu a porta maciça da sala do tesouro. Então Werper levantou-se e estirou os músculos dormentes. Depois estendeu uma mão e acariciou com amor uma barra de ouro. Ergueu-a do lugar onde a haviam deposto em tempo imemorial e sopesou-a nas mãos. Apertou-a ao peito num arroubo de cobiça.

Tarzan já sonhava com o feliz regresso ao lar, com os caros braços que lhe rodeariam o pescoço, com a doce face que se encostaria à dele, mas acordou, para afugentar aquele sonho, a lembrança do velho bruxo com a sua terrível advertência.

E então, no espaço de alguns breves segundos, as esperanças daqueles dois homens foram espedaçadas. Um esqueceu até a sua cobiça no pânico do terror — o outro foi precipitado no esquecimento total do passado por um fragmento cortante de rocha que lhe abriu uma brecha profunda na cabeça.

O altar do Deus Flamejante

Foi no momento em que Tarzan acabou de fechar a porta e se voltava para prosseguir caminho no corredor que levaria ao ar livre. A coisa veio de súbito. Um segundo antes, tudo estava quieto e firme — um segundo depois, foi como se o mundo ruísse, os flancos torturados da estreita passagem desabaram arrebatados, grandes blocos de granito desprendidos do teto rolaram no corredor augusto, entupindo-o, e os muros penderam para dentro sobre o entulho. Tarzan cambaleou para trás, o peso do seu corpo deu contra a porta, que se abriu e ele foi cair por terra no interior da cripta.

O terremoto causara poucos estragos na grande sala do tesouro. Algumas barras despencaram das rumas mais altas: só um bloco soltou-se da abóbada rochosa, e as paredes fenderam-se, porém não desmoronaram.

Não sobreveio segundo abalo para completar a ruína ameaçada pelo primeiro. Werper, atirado a fio comprido pela subtaneidade e violência do choque, levantou-se cambaleando ao sentir que não estava ferido. Caminhando às apalpadelas para o extremo da sala, procurou a vela que Tarzan deixara sobre a ponta saliente de uma barra.

Riscando uma porção de fósforos, o belga conseguiu achá-la, e quando, um momento depois, os raios mortiços espanicaram as trevas em torno, ele deu um suspiro nervoso de alívio, pois a escuridão impenetrável acentuara os terrores da sua situação.

Quando os olhos se acostumaram à luz, voltou-se para a porta — o seu único pensamento era escapar-se o mais depressa possível daquela tumba — e ao fazê-lo enxergou o corpo nu do gigante estendido por terra junto à saída. Werper recuou amedrontado, mas um segundo depois, olhando novamente, convenceu-se de que o inglês estava desfalecido. De uma grande brecha na cabeça do homem uma poça de sangue se formara no chão de granito.

Rapidamente o belga saltou por sobre o corpo prostrado daquele que havia pouco o hospedara, e sem um pensamento de socorro para o ferido, possivelmente ainda com vida, lançou-se para o corredor.

Deste lado, porém, perdeu logo as esperanças de salvar-se. A passagem estava completamente entulhada com as massas impenetráveis das rochas desabadas. Voltou para trás e tornou a penetrar na cripta do tesouro. Tomando a vela, começou uma pesquisa sistemática da sala, e não tardou a descobrir na extremidade oposta

uma segunda porta, que cedeu nos gonzos quando ele fêz pressão com o corpo. Do outro lado dela havia outra passagem estreita por onde Werper enfiou, subindo por um lanço de degraus de pedra para o novo corredor vinte pés acima do nível do primeiro. A vela vacilante iluminava o caminho em frente dele. Como se sentiu grato de possuir aquela luminária grosseira e antiquada — para a qual algumas horas antes teria olhado com desprezo — quando ela um momento depois lhe mostrou, justo -a tempo, um abismo escancarado, que aparentemente fechava o túnel por onde vinha andando!

À sua frente havia uma escavação circular. Estendeu o braço que segurava a vela e espiou para baixo. A uma grande profundidade a luz refletia-se na superfície de um lençol d'água. Era um poço. Erguendo a vela acima da cabeça, viu do outro lado do vazio a continuação do túnel, mas como transpor aquele abismo?

Enquanto refletia, medindo a distância que o separava da borda fronteira, incerto sobre se devia arriscar um pulo tão grande, eis que lhe chega aos ouvidos assustados um grito estridente que foi diminuindo pouco a pouco até acabar numa série de lúgubres gemidos. A voz em parte parecia humana, mas era tão medonha que bem poderia provir da garganta torturada de algum danado a estorcer-se nas chamas do inferno.

O belga sentiu um calafrio e olhou atemorizado para cima, pois o grito parecia vir dali. Ao olhar, viu uma abertura muito longe por cima de sua cabeça, e um pedaço do céu salpicado de estrelas.

A sua intenção hesitante de chamar por socorro foi abolida por aquele grito horroroso, onde havia tal voz não poderiam viver criaturas humanas. Não ousou revelar-se a quem quer que habitasse aquela paragem. Considerou-se um louco por ter-se metido em semelhante aventura. Quem lhe dera estar a salvo no acampamento de Achmet Zek! Estaria pronto a abraçar uma oportunidade de se entregar às autoridades militares do Congo, contanto que escapasse à situação pavorosa em que se via agora.

Cheio de medo, ficou à escuta. O grito, porém, não se repetiu. Afinal, resolvido aos meios extremos, preparou-se para o salto. Recuando uns vinte passos, deu uma carreira e pulou para cima e para a frente numa tentativa desesperada de alcançar a borda oposta.

Ao formar o pulo, o deslocamento de ar apagou a vela. E foi na escuridão completa que ele se arremessou no espaço, estendendo as mãos para se agarrar a qualquer coisa, caso o pé não atingisse a borda invisível.

Foi bater com os joelhos, escorregou para baixo, mas agarrou-se com quantas forças tinha e afinal conseguiu ficar suspenso, metade para fora, metade para dentro

do precipício, mas estava salvo. Durante os primeiros minutos não teve coragem de se mexer, ficou agarrado onde estava, fraco e em suor. Por fim, cautelosamente, arrastou-se para o túnel, até se pôr de novo a fio comprido no solo, esforçando-se por dominar os nervos abalados.

Quando os seus joelhos tocaram a beirada do túnel, a vela saltou-lhe da mão. Agora, esperando contra toda a esperança que ela tivesse caído no chão do corredor e não nas profundas do poço, pôs-se de quatro e começou a procurar o cilindrozinho de sebo, que lhe parecia agora mais precioso do que toda a fabulosa riqueza das barras de ouro de Opar.

E quando, finalmente, o encontrou, agarrou-se a ele e descaiu para trás soluçante e exausto. Durante alguns minutos permaneceu assim, trêmulo e sem forças: por fim sentou-se e tirando um fósforo do bolso acendeu o coto de vela que lhe restava. Com a luz foi-lhe mais fácil recobrar o domínio sobre os nervos, e com pouco estava ele de novo a caminho ao longo do túnel em busca de uma saída. O grito terrível que ressoava através da galeria da antiga cisterna ainda o perseguia, de sorte que até o som dos seus próprios passos lhe inspirava terror.

Tinha andado apenas uma curta distância, quando viu, consternado, que um muro de alvenaria lhe impedia a passagem, fechando o túnel completamente de um lado ao outro e de cima a baixo. Que significava aquilo? Werper era homem educado e inteligente. O tirocínio militar ensinara-lhe a servir-se da sua inteligência para os fins a que fora destinada. Um túnel sem saída como este era coisa que não tinha sentido. Por força havia de continuar além da parede. Alguém, um dia, tapara-o com algum intuito desconhecido, Werper pôs-se a examinar a alvenaria à luz da vela. Com grande alegria descobriu que os pequenos blocos de pedra da construção não estavam ligados por argamassa ou cimento. Empurrou um e viu radiante que era fácil de remover. Retirou os blocos um após outro até abrir um orifício bastante largo para lhe dar passagem e enfiando-se por ele foi dar numa sala espaçosa e baixa. Do outro lado havia uma porta que lhe fechava o caminho, mas esta também cedeu aos seus esforços, pois não estava trancada. Deparou-se-lhe então um corredor comprido e escuro, mas não andara muito e a vela consumiu-se ao ponto de chamuscar-lhe as pontas dos dedos. Com uma praga deixou-a cair no chão, onde ela bruxuleou um instante e apagou-se.

Agora via-se de novo em completa escuridão, e o terror voltou a sufocar-lhe pesadamente o coração. Não podia adivinhar que outros abismos e perigos o esperavam ainda, mas percebia que estava mais do que nunca longe da liberdade, tão desanimadora é a ausência da luz num ambiente desconhecido.

Foi caminhando lentamente às apalpadelas, tateando com as mãos as paredes do túnel, não avançando um passo sem experimentar cautelosamente o chão com os pés.

Quanto tempo caminhou assim, não saberia dizer, afinal, porém, sentindo que o comprimento do túnel era interminável, e exausto pelo esforço, pelo terror e pela falta de sono, resolveu deitar-se e repousar antes de prosseguir.

Quando despertou, nada mudara na escuridão em volta. Dormira um segundo ou um dia inteiro? Não sabia, mas que estivera adormecido por muito tempo era certo, pois sentia-se descansado e tinha fome.

De novo começou a andar às apalpadelas, desta vez, porém, mal caminhara um pedaço, emergiu numa sala clareada por uma abertura no teto. donde descia uma escadaria de pedra.

Acima de si, pela abertura, Werper podia ver a luz do sol passando entre colunas maciças enlaçadas por trepadeiras. Escutou, mas não ouviu outro som a não ser o sussurro do vento na folhagem dos ramos, gritos roucos de pássaros e a algazarra dos macacos.

Animou-se a subir a escada e foi ter num recinto circular. À sua frente havia um altar de pedras manchado de nódoas cor de ferrugem. No momento Werper não procurou dar explicação da origem daquelas nódoas — origem que pouco depois se lhe tornaria pavorosamente manifesta.

Além da abertura no solo, por onde saíra da câmara subterrânea, descobriu ainda o belga várias portas que davam entrada ao recinto. Acima, circulando o pátio, havia uma série de balcões abertos. Macacos saltavam em correrias pelas ruínas desertas e aves de plumagens vistosas esvoaçavam para dentro e para fora entre as colunas e as galerias superiores, mas não se via nenhum sinal de presença humana. Werper sentiu-se aliviado. Suspirou, como se lhe tivessem tirado um grande peso dos ombros. Deu um passo em direção a uma das entradas, e então estacou, com os olhos arregalados de espanto e terror, pois quase no mesmo instante uma dúzia de portas se abriram e uma horda de homens terríveis correram para ele.

Eram os sacerdotes do Deus Flamejante de Opar — os mesmos homenzinhos cabeludos, encalombados, horrendos, que haviam alguns anos antes arrastado Jane Clayton ao altar sacrificai naquele mesmo lugar. Os braços compridos, as pernas curtas e tortas, os olhos malvados, muito juntos, e a testa baixa e fugidia davam-lhes uma aparência bestial que paralisou de medo os nervos abalados do belga.

Com um grito virou-se para fugir na direção dos corredores subterrâneos donde acabara de sair. Mas as horrendas criaturas anteciparam-lhe as intenções. Fecharam-lhe o caminho, agarraram-no, e embora ele caísse de joelhos, suplicando-lhes que lhe poupassem a vida, amarraram-no e arrastaram-no para o interior do templo.

O resto foi apenas uma repetição da cena por que passaram Tarzan e Jane Clayton. Entraram as sacerdotisas e com elas veio também La, a Grã-Sacerdotisa.

Werper foi suspenso e colocado sobre o altar. Um suor frio corria-lhe de todos os poros quando La ergueu a cruel faca sacrificial. Ressoava-lhe aos ouvidos torturados o cantocho da morte. O belga arregalava os olhos pasmados de terror para os copos de ouro onde dentro em pouco esguicharia quente o seu próprio sangue destinado a saciar a sede inumana daqueles fanáticos horrorosos.

Desejou perder os sentidos antes de receber o golpe da lâmina afiada... Nisto soou um rugido terrível quase aos seus ouvidos. A Grã-Sacerdotisa baixou a adaga, dilatando os olhos de pavor. As suas companheiras gritaram e se precipitaram como loucas para as portas do templo. Os sacerdotes rugiram de cólera ou terror, segundo a natureza de cada um. Werper virou com dificuldade o pescoço para ver se descobria a causa daquele pânico, e quando afinal a descobriu, também ele ficou gelado de pavor, pois o que os seus olhos enxergaram foi a figura de um enorme leão em pé no centro do templo e já com uma vítima despedaçada sob as garras cruéis.

O senhor das matas soltou novo rugido, voltando o olhar sanguinário para o lado do altar. La tentou fugir, mas titubeou e foi cair desmaiada sobre o corpo de Werper.

O ataque dos árabes

ASSADO o primeiro momento de terror provocado pelo choque do terremoto, Basuli e os seus homens correram para a passagem à procura de Tarzan e mais dois companheiros que estavam faltando.

Encontraram o caminho bloqueado por enormes rochas desmoronadas. Dois dias levaram labutando para abrir caminho naquela terra mole e chegar aonde estavam os amigos, mas quando, depois de esforços hercúleos, desentulharam algumas jardas do corredor entupido e descobriram os restos esfacelados de um dos companheiros, foram forçados a concluir que Tarzan e o segundo *waziri* com certeza deviam também ter morrido esmagados pelos escombros da rocha.

Enquanto trabalhavam na remoção das pedras, gritavam de vez em quando pelos nomes do patrão e do camarada, mas nenhuma resposta chegou-lhes aos ouvidos atentos. Afinal desistiram da pesquisa. Deitaram um último olhar lacrimoso à tumba de destroços do patrão, puseram nos ombros a pesada carga de ouro, que haveria de proporcionar senão a felicidade, pelo menos conforto à mísera patroa, e regressaram tristemente, atravessando o desolado vale de Opar e depois as florestas, ao bangalô distante.

Enquanto isso, que funesto destino se abatia sobre aquele feliz e sossegado lar!

Do norte acorria Achmet Zek, galopando ao apelo da carta do seu lugar-tenente. Acompanhava-o a sua horda de árabes renegados, salteadores perseguidos pela justiça, e de negros infames, recrutados nas tribos mais baixas e ignorantes de canibais selvagens, através de cujos países o bandido corria acima e abaixo em perfeita impunidade.

Mugambi, o héracles de ébano, que partilhara dos perigos e vicissitudes de seu amado *Bwana* desde a Ilha da Mata até quase as cabeceiras do Ugambi, foi o primeiro a notar a aproximação atrevida da sinistra caravana.

A ele confiara Tarzan o comando dos seus guerreiros e a guarda de lady Greystoke, nem outro guarda mais bravo e leal poderia ser encontrado em parte alguma. Um gigante na estatura, guerreiro selvagem e intrépido, o enorme negro possuía também a alma e bom senso na proporção da sua corpulência e da sua fereza.

Nem uma só vez, depois da partida do patrão, estivera longe da vista ou dos ruídos do bangalô, a não ser quando lady Greystoke resolvia passear a cavalo na vasta campina ou cortar a monotonia da sua solidão com uma breve excursão de

caça. Em tais ocasiões Mugambi, montado num árabe nervoso, galopava na cola do cavalo dela.

Os bandidos ainda estavam longe quando os olhos penetrantes do guerreiro os descobriram. Por algum tempo permaneceu escrutando o bando que avançava, depois virou-se e correu célere em direção às palhoças nos nativos situadas a algumas centenas de jardas abaixo do bangalô.

Ali convocou os guerreiros ociosos. Deu ordens rápidas. Em obediência a elas, os homens tomaram suas armas e seus escudos. Alguns correram a chamar os trabalhadores dos campos e a avisar os encarregados dos rebanhos. A maioria voltou com Mugambi para o bangalô.

A poeira da caravana ainda se via ao longe. Mugambi não saberia dizer positivamente se se tratava de inimigos, tinha uma vida inteira de experiência da África selvagem, e vira já muitas outras caravanas chegarem assim sem anúncio prévio. Às vezes eram de paz, às vezes vinham dar assalto — ninguém podia nunca adivinhar. Era melhor estar preparado. Não agradava a Mugambi a pressa com que os cavaleiros avançavam.

O bangalô de Greystoke não estava bem aparelhado para a defesa. Nenhuma pancada o cercava, pois, situado como ficava no coração das terras dos leais *waziris*, o seu proprietário não previra a possibilidade de ataque da parte de nenhum inimigo. Havia pesados batentes de madeira para proteger contra as flechas hostis as aberturas das janelas, e Mugambi estava atarefado em fechá-las quando lady Greystoke apareceu na varanda.

— Que é isso, Mugambi? exclamou. Que aconteceu? por que está fechando as janelas?

Mugambi apontou na planície a tropa de cavaleiros vestidos de branco, agora distintamente visíveis.

— Árabes, explicou. Não virão com boas tenções na ausência do Grande *Bwana*.

Além do gramado bem cuidado e das moitas em flor, Jane Clayton via os corpos luzentes dos seus *waziris*. O sol rebrilhava nas pontas de metal das lanças, realçava as cores vistosas das penas dos capacetes de guerra e reluzia na epiderme lustrosa dos malares e dos ombros amplos.

Jane Clayton considerou-os com um sentimento misto de afeto e orgulho. Que mal lhe poderia acontecer com esta gente a protegê-la?

Os cavaleiros haviam estacado a umas cem jardas na planície. Mugambi apressou-se em juntar-se aos seus guerreiros. Marchou algumas jardas à frente deles e levantando a voz dirigiu a palavra aos estrangeiros.

— Árabe! gritou Mugambi. Que queres aqui?

— Somos de paz, respondeu Achmet Zek.

— Então voltai em paz, replicou Mugambi. Não vos queremos aqui. Não pode haver paz entre árabes e *waziris*.

Mugambi, embora não fosse *waziri* nato, havia sido adotado pela tribo, a qual não tinha presentemente membro mais zeloso das suas tradições e coragem.

Achmet Zek voltou-se para a horda falando em voz baixa aos seus homens. Um momento depois, sem um aviso, uma descarga cerrada era despejada sobre as fileiras dos *waziris*. Dois dos guerreiros caíram. Os outros queriam acometer os assaltantes, mas Mugambi era um chefe tão cauteloso quanto bravo. Conhecia a inutilidade de carregar contra homens montados e armados com mosquetes. Por isso retirou a sua força para trás dos arbustos do jardim. Despachou alguns homens a várias outras partes do terreno em torno da casa e mandou meia dúzia deles para o interior do bangalô, com instruções para não deixar a senhora sair e protegê-la com as próprias vidas.

Adotando a tática dos combatentes do deserto dos quais descendia, Achmet Zek conduziu os seus cavaleiros a galope em extensa linha descrevendo uma grande circunferência que se ia aproximando cada vez mais dos defensores.

Daquela parte da circunferência que ficava mais perto dos *waziris*, despejava-se uma fuzilaria constante nas moitas onde os guerreiros pretos se tinham abrigado. Estes, por sua vez, visavam com as suas flechas o inimigo mais próximo.

Os *waziris*, justamente famosos pela habilidade em manejar o arco, não tiveram motivo para corar naquele dia. De vez em quando um cavaleiro trigueiro levava as mãos à cabeça e rolava da sela, trespassado por uma flechada mortal, mas a luta era desproporcionada. Os árabes excediam de muito em número aos *waziris*, as suas balas atravessavam os arbustos e acertavam no alvo que os atiradores árabes nem sequer tinham visto, afinal Achmet Zek apertou a circunferência a meia milha do bangalô, rompeu uma parte da cerca e penetrou com saqueadores jardim adentro.

Uma vez ali, carregaram numa desfilada louca. Não paravam para derrubai- as cercas: lançavam contra elas os animais impetuosos, saltando os obstáculos como se tivessem asas.

Mugambi viu-os vir e chamando os guerreiros restantes, correu para o bangalô, o último ponto de resistência. Lady Greystoke estava em pé na varanda, de carabina em punho. Mais de um cavaleiro tinha experimentando já a firmeza de nervos e a pontaria certa da moça, mais de um cavalo corria desmontado na esteira da horda atacante.

Mugambi empurrou a patroa para o interior da casa e com as suas forças

desfalcadas preparou-se para opor a última resistência ao inimigo.

Os árabes avançavam gritando e agitando as carabinas acima das cabeças. Ao passarem pela varanda, descarregaram uma fuzilaria mortal nos *waziris* ajoelhados, os quais em resposta desferiram uma saraivada de flechas por detrás dos longos escudos ovais — escudos apropriados talvez a deter uma flecha hostil ou a enfrentar uma lança, mas inúteis inteiramente contra os projéteis de chumbo dos carabineiros.

Dos batentes entreabertos das janelas outros arqueiros atiravam com eficiência e melhor protegidos. Depois do primeiro ataque Mugambi retirou-se com todos os seus homens para dentro da casa.

Os árabes carregaram repetidas vezes, formando afinal uma circunferência estacionária perto da pequena fortaleza e fora do alcance das flechas dos defensores. Da sua nova posição atiravam à vontade sobre as janelas. Um por um caíram os *waziris*. Cada vez menos numerosas eram as flechas que revidavam as balas das carabinas dos assaltantes, até que Achmet Zek julgou azado ordenar a investida ao bangalô.

Correndo e fazendo fogo, a horda sanguinária acometeu a varanda. Uma dúzia dos atacantes tombaram flechados pelos defensores, mas a maioria chegou até à porta. Pesadas coronhas abateram-se sobre ela. O estrépito da madeira arrebatada misturou-se ao estrondo da carabina de Jane Clayton que atirava através das almofadas da porta sobre o inimigo implacável.

De ambos os lados da porta caíram homens, mas afinal a frágil barreira cedeu aos esforços dos atacantes enfurecidos, voou em pedaços e uma dúzia de assassinos trigueiros saltou dentro da sala. Na extremidade oposta estava Jane Clayton de pé, cercada pelo grupo restante dos seus heróicos defensores. O soalho ficara coberto de corpos daqueles que tinham perdido a vida protegendo-a. À frente dos seus defensores estava o gigante Mugambi. Os árabes ergueram as carabinas para a descarga que poria termo a toda resistência, mas Achmet Zek rugiu uma contra-ordem que sustou os dedos de todos os gatilhos.

— Não atirem na mulher! gritou ele. Quem a ferir, morrerá! Agarrem-na viva!

Os árabes precipitaram-se através da sala, encontraram-nos os *waziris* com as suas pesadas lanças. Espadas rebrilharam, pistolas de longo cano rugiram surdas detonações mortais. Mugambi arremessou a lança ao inimigo mais próximo com uma violência que a fez trespassar completamente o corpo do árabe, em seguida arrancou uma pistola de outro e segurando-a pelo cano fazia saltar os miolos a todos quantos tentavam acercar-se da patroa.

Emulados pelo seu exemplo, os poucos guerreiros que ainda lhe restavam combatiam como demônios, mas tombaram um por um, até que só restou Mugambi

para defender a vida e a honra da companheira do homem-macaco.

Do outro lado da sala Achmet Zek observava a luta e estimulava os seus homens. Tinha nas mãos um rico mosquete. Levou-o ao ombro com vagar, esperando que Mugambi ficasse em posição de ser visado sem perigo para a vida da mulher ou para a de algum dos árabes.

O momento afinal chegou, e Achmet Zek puxou o gatilho. Sem um gemido, Mugambi caiu aos pés de Jane Clayton.

Um instante depois era ela cercada e desarmada. Sem dizer palavra arrastaram-na para fora do bangalô. Um negro gigantesco carregou-a para o arçã de sua sela, e enquanto os outros saqueavam o bangalô e as dependências, ele saiu com ela e ficou esperando o chefe do lado de fora do portão.

Jane Clayton viu os bandidos tirarem os cavalos da estrebaria e tocarem os rebanhos dos campos. Viu a casa saqueada de tudo o que representava algum valor intrínseco aos olhos dos árabes. E viu as chamas lamberem e consumirem tudo o que restava.

Finalmente, quando os assaltantes se reuniram depois de satisfeitos em sua fúria e cobiça, e partiram com ela para o norte, viu o fumo e as chamas subindo alto nos céus até que uma volta do caminho no seio da floresta espessa ocultou aos seus olhos o triste espetáculo.

Quando as labaredas abriam caminho para a sala da frente, estendendo as línguas vermelhas para lamber os corpos dos mortos, uma figura entre eles que durante muito tempo estivera imóvel mexeu-se novamente. Era um negro gigante que rolou para um lado e abriu os olhos doridos e congestionados. Mugambi, que os árabes haviam dado como morto, vivia ainda. As chamas já estavam a envolvê-lo, quando ele se levantou penosamente nas mãos e nos joelhos e arrastou-se devagar para a porta da varanda.

Mais de uma vez sentiu-se fraquear, mas erguia-se de novo e continuava heroicamente buscando salvação. Depois do que lhe pareceu um tempo interminável, durante o qual as labaredas tinham tornado uma verdadeira fornalha o extremo oposto da sala, o negro conseguiu alcançar a varanda e rolando os degraus da escada arrastar-se para a frescura salvadora de uma moita dos arredores.

Ficou ali toda a noite, ora desfalecido, ora sofrendo atrozmente, e neste último estado, olhando com ódio selvagem as chamas sinistras que ainda se erguiam do celeiro em brasa e dos montes de feno. Perto rugiu um leão que vagava, mas o gigante negro não teve medo. No seu coração só havia lugar para um único pensamento — vingança! vingança! vingança!

CAPÍTULO 7

A sala das jóias de Opar

DURANTE algum tempo Tarzan ficou estendido onde caíra na sala do tesouro sob as muralhas arruinadas de Opar. Ficou desacordado, mas não morto. Afinal mexeu-se. Os seus olhos abriram-se na escuridão completa da cripta. Levou a mão à cabeça e sentiu-a pegajosa de sangue coagulado. Cheirou os dedos como uma fera fareja o sangue na pata ferida.

Em seguida sentou-se — escutando. Nenhum som chegava às profundidades soterradas do seu sepulcro. Pôs-se em pé titubeando e começou a andar às apalpadelas entre as rumas de barras. Quem era ele? Onde se achava? A cabeça doía-lhe, mas fora disso não sentia nenhum outro efeito do golpe que o prostrara. Não tinha lembrança do acidente., nem de nada anterior àquele momento.

Correu as mãos com estranheza pelos membros, pelo dorso, pela cabeça. Tateou a aljava nas costas, a faca na tanga. Alguma coisa lutava-lhe dentro do cérebro tentando lembrar-se. Ah, já sabia! Faltava alguma coisa. Arrastou-se no chão em torno, tateando com as mãos à procura do objeto que o instinto lhe advertia estar-lhe faltando. Achou-o afinal — a pesada lança de guerra que em anos passados consistia ponto tão essencial da sua vida cotidiana, quase da sua mesma existência, tão inseparavelmente ligada estivera a todos os seus atos desde o dia remoto em que arrancara a primeira lança do corpo trespassado de um negro, sua vítima.

Tarzan estava certo de que havia outro mundo mais agradável do que aquele em que estava confinado na escuridão das quatro paredes de pedra que o rodeavam. Continuou a pesquisa e achou afinal a saída que conduzia à cidade e ao templo. Seguiu por ela sem a menor precaução. Chegou à escada de pedra que levava a um nível mais alto. Subiu-a e prosseguiu na direção do poço.

Nada despertava em sua memória traumatizada uma reminiscência da antiga familiaridade com o ambiente. Caminhava nas trevas como se estivesse atravessando uma planície aberta ao sol do meio-dia, e súbito aconteceu o que tinha de acontecer em tais circunstâncias.

Chegando à beira do poço, deu um passo para a frente no vácuo, perdeu o equilíbrio e precipitou-se nas profundezas do abismo. De lança na mão caiu na água, mergulhando até o fundo da cisterna.

A queda, porém, não o machucou, e, quando ele voltou à tona, sacudiu a água dos olhos e verificou que podia ver. A luz do sol filtrava-se no poço pelo orifício que lhe ficava por sobre a cabeça e alumia as paredes internas fracamente. Tarzan

relanceou a vista em redor. Ao nível da superfície da água viu uma larga brecha na parede úmida e limosa. Nadou para ela e içou-se ao chão molhado de um túnel.

Enfiou por ele adentro, mas agora caminhava cautelosamente, pois Tarzan dos Macacos estava aprendendo. O poço inesperado tinha-lhe ensinado a tomar cuidado ao atravessar corredores escuros, não havia necessidade de segunda lição.

Numa longa distância o corredor seguia reto como uma flecha. O chão era escorregadio, como a indicar que de tempos em tempos as águas do poço cresciam e transbordavam. Isso retardava a marcha de Tarzan, pois era com dificuldade que guardava o equilíbrio.

O corredor terminava numa escada. Tarzan subiu os degraus, continuou caminhando, deu muitas voltas, até desembocar, afinal, numa pequena câmara circular, cuja escuridão era atenuada por uma luz fraca descida de uma abertura tubular de alguns pés de diâmetro rasgado do centro do teto da sala a uma altura de uns cem pés ou mais, onde acabava numa grade de pedra através da qual Tarzan podia ver um pedaço de céu azul batido de sol.

A curiosidade levou o homem-macaco a investigar o ambiente. Algumas arcas recobertas de metal e guarnecidas com pregos de cobre constituíam o único mobiliário da sala circular. Tarzan correu as mãos sobre elas. Apalpou os pregos, calcou as dobradiças e afinal por acaso conseguiu levantar a tampa de uma.

Uma exclamação de delícia rompeu-lhe dos lábios à vista do lindo conteúdo. Luzindo e cintilando à luz atenuada da sala patenteava-se uma grande bandeja cheia de pedras brilhantes. Tarzan, revertido à sua natureza primitiva pelo acidente, não tinha a menor idéia do valor fabuloso daquele achado. Para ele eram apenas pedrinhas muito bonitas. Mergulhou as mãos nelas e deixou as gemas sem preço lhe escorregarem por entre os dedos. Foi aos outros cofres e descobriu novos sortimentos de pedras preciosas. Quase todas estavam lapidadas e destas colheu ele uma mancheia e encheu a bolsa que lhe pendia à cintura, as não lapidadas tornou a colocar nas arcas.

Sem saber, o homem-macaco tinha ido parar na esquecida sala das jóias de Opar. Durante séculos jazia ela sepultada sob o templo do Deus Flamejante, a meio caminho de um dos muitos corredores subterrâneos que os supersticiosos descendentes dos antigos Adoradores do Sol não haviam ousado ou querido explorar.

Cansado afinal desta diversão, Tarzan retomou o caminho ao longo do corredor que subia da sala das jóias por uma rampa íngreme. Virando e coleando, mas subindo sempre, o túnel aproximava-se cada vez mais da superfície, até acabar numa sala de teto baixo, mais claro que todas as outras por onde já tinha passado.

Uma abertura no teto, na extremidade superior de um lanço de degraus de pedra, revelou-lhe um cenário brilhante, iluminado pelo sol. Tarzan contemplou em doce enleio as colunas enlaçadas pelas trepadeiras. Franzia as sobrancelhas num esforço de revocar alguma reminiscência daquelas coisas. Não estava seguro de si. Havia no seu espírito uma sugestão tantalizante de que algo lhe escapava — de que ele devia saber muitas coisas que não sabia naquele momento.

A sua profunda cogitação foi interrompida rudemente por um rugido trovejante vindo da abertura do teto. Acompanhando o rugido chegaram-lhe aos ouvidos os gritos e os prantos de homens e mulheres. Tarzan apertou a lança com mais firmeza e subiu os degraus. Estranha cena a que depararam os seus olhos ao emergir da semi-escuridão do subterrâneo para a luz brilhante do templo!

Os entes que via diante de si, reconheceu-os como sendo o que eram — homens, mulheres e um enorme leão. Os homens e as mulheres debandavam em fuga para as portas. O leão pisava o corpo de um que tivera menos sorte do que os outros. Estava no centro do templo. Bem em frente de Tarzan havia uma mulher em pé ao lado de um bloco de pedra. Sobre este um homem jazia estendido e, quando o homem-macaco observava a cena, o leão deitou um olhar terrível às duas únicas criaturas que haviam ficado no templo. Outro rugido trovejante partiu da goela feroz. A mulher soltou um grito agudo e desmaiou sobre o corpo do homem estendido no altar de pedra diante dela.

O leão avançou alguns passos e agachou-se. A ponta da cauda sinuosa enrolava-se-lhe nervosamente. Estava a pique de carregar, quando os seus olhos foram atraídos para o homem-macaco.

Werper, inerte no altar, viu o grande carnívoro preparar-se para saltar-lhe em cima. Viu a mudança brusca da expressão da fera quando os seus olhos desviaram do altar para alguma coisa fora do alcance da vista do belga. Viu o animal formidável pôr-se em pé. Uma figura passou num relance diante de Werper. Ele viu um braço possante levantando uma grossa lança e esta voar na direção do leão, em cujo peito foi cravar-se.

Viu o leão mordendo e gadanhando a haste da arma, e viu, maravilha das maravilhas, o gigante nu que arremessara o projétil preparar-se para pular sobre a grande fera, armado unicamente de uma comprida faca.

O leão recuou empinando-se para escorar este novo inimigo. A fera rugiu pavorosamente, e eis que aos ouvidos assustados do belga ressoa o mesmo rugido selvagem, saído agora da boca do homem ao avançar para o felino!

Com um pulo rápido de lado, Tarzan esquivou a primeira patada do leão. E saltando sobre o dorso ruivo da fera, rodeou-lhe o pescoço com os braços e cravou-

lhe os dentes fundos na carne. Rugindo, pinoteando, rolando e debatendo-se, o gigantesco felino tentou alijar o seu feroz inimigo, e enquanto isso um grande punho trigueiro afundava repetidas vezes a longa faca afiada no flanco da fera.

Durante a peleja, La recuperou os sentidos. De cima de sua vítima ela contemplava como fascinada o medonho espetáculo. Parecia-lhe incrível que um ser humano pudesse levar a melhor sobre o rei dos animais num encontro pessoal, e no entanto a coisa se estava passando diante dos seus olhos.

Por fim a faca de Tarzan encontrou o caminho do coração da fera, e com um estremecimento final, espasmódico, esta rolou morta no chão de mármore. Saltando para o lado, o vencedor colocou um pé sobre a carcaça da sua presa, ergueu o rosto para o céu e desferiu um grito tão horrendo que tanto La como Werper estremeceram ao ouvi-lo repercutir nas paredes do templo.

Então o homem-macaco voltou-se e Werper reconheceu nele o homem que ficara estendido como morto na cripta do tesouro.

CAPÍTULO 8

A fuga de Opar

WERPER estava perplexo. Podia esta criatura ser o mesmo inglês alinhado que o havia recebido tão graciosamente em seu luxuoso lar africano? Podia esta besta-fera de olhos chispantes e aspecto sanguinário, ser ao mesmo tempo um homem? Podia o horroroso grito de vitória que acabara de ressoar formar-se numa garganta humana?

Tarzan considerava o homem e a mulher com uma expressão intrigada nos olhos, mas sem manifestar o menor vestígio de reconhecê-los. Era como se tivesse descoberto uma nova espécie de criaturas vivas e estivesse maravilhado com o achado.

La estudava as feições do homem-macaco. Pouco a pouco os seus grandes olhos abriram-se desmesuradamente.

— Tarzan! exclamou ela afinal, e depois, no vernáculo dos grandes macacos que o constante contacto com os antropóides tornara a linguagem usual dos oparianos: — Voltaste para junto de mim! La não fez caso dos preceitos da sua religião, esperando sempre por Tarzan — pelo seu Tarzan. Não tomou esposo, pois em todo o mundo só há um homem que a desposaria. E agora ele volta! Diz-me, ó Tarzan, que foi por mim que voltaste.

Werper prestava atenção à algaravia ininteligível. Olhava de La para Tarzan. Compreenderia este a estranha linguagem? Com surpresa do belga, o inglês respondeu num idioma evidentemente idêntico ao dela.

— Tarzan, repetiu o homem-macaco enleado. Tarzan. Parece que já ouvi esse nome.

— É o teu nome — tu és Tarzan! — gritou La.

— Eu sou Tarzan? disse ele dando de ombros. Seja, é um bom nome — não conheço outro, por isso aceito esse, mas eu não te conheço. Não vim aqui por tua causa. Também não sei por que vim, nem sei tampouco donde venho. Podes dizê-lo?

La abanou a cabeça:

— Nunca o soube.

Tarzan virou-se para Werper e fez-lhe a mesma pergunta, mas na linguagem dos grandes macacos. O belga abanou a cabeça.

— Não compreendo essa língua, disse em francês. Sem esforço, e aparentemente sem dar pela mudança,

Tarzan repetiu a pergunta em francês. Werper percebeu de pronto a gravidade do

choque sofrido por Tarzan. O homem perdera a memória, e não podia mais lembrar-se dos fatos passados. O belga ia esclarecê-lo, quando de repente lhe ocorreu que mantendo Tarzan na ignorância da própria identidade, pelo menos por algum tempo, poderia tirar proveito da desgraça do homem-macaco.

— Não sei dizer donde vens, disse ele, mas uma coisa posso dizer-te, se não sairmos o mais depressa possível deste lugar, morreremos ambos sangrados nesta pedra. A mulher ia enterrar-me a faca no coração quando o leão interrompeu o ritual diabólico. Vem! Antes que eles voltem a si do susto e se reúnam de novo, fujamos deste inferno.

Tarzan voltou-se novamente para La.

— Por que querias matar este homem? perguntou. Tinhas fome?

A Grã-Sacerdotisa soltou uma exclamação de nojo.

— Tentou ele matar-te? continuou Tarzan.

A mulher abanou a cabeça.

— Então por que motivo desejavas matá-lo?

La ergueu o braço delicado e apontou para o sol:

— Estávamos oferecendo a alma dele como uma oblata ao Deus Flamejante.

Tarzan olhou intrigado. Ele voltara a ser um macaco, e os macacos não compreendem nada dessa coisa de almas, oferendas e Deuses Flamejantes.

— Desejas morrer? perguntou a Werper.

O belga jurou-lhe, com lágrimas na voz e nos olhos, que não desejava morrer.

— Bem, neste caso não morrerás, disse Tarzan. Vem! Vamos embora. Senão ela te mata e não me deixa sair daqui. Isto não é lugar para um Mangani. Eu não tardaria a morrer fechado nestes muros de pedra. E virando-se para La: Eu e ele vamos embora.

A mulher precipitou-se e agarrou as mãos do homem-macaco.

— Não me deixes! gritou. Fica e serás o Grã-Sacerdote. La ama-te. Toda Opar será tua. Serás servido por escravos. Fica, Tarzan dos Macacos, e deixa que o meu amor te recompense.

O homem-macaco empurrou para o lado a mulher ajoelhada.

— Tarzan não te deseja, disse ele com simplicidade, e caminhando para Werper, cortou os laços que prendiam o belga e fez-lhe sinal para que o acompanhasse.

Ofegante, com o rosto convulsionado de raiva, La lançou-se-lhe aos pés.

— Fica, tens que ficar! gritou. Vivo ou morto, serás de La, — e levantando os

olhos para o sol, soltou o mesmo grito horrendo que Werper já ouvira uma vez e Tarzan muitas.

Em resposta ao seu grito uma babel de vozes irrompeu das câmaras e corredores em torno.

— Vinde, Sacerdotes-Guardiões! gritou ela. Os infiéis profanaram a santidade. Vinde! Enchei-lhes de terror os corações! Defendei La e o seu altar! Purificai o templo com o sangue dos poluidores!

Werper não compreendeu, mas Tarzan compreendeu, e olhando para o belga, viu que ele estava desarmado. Avançando rápido para La, o homem-macaco segurou-a nos braços possantes e embora ela se debatesse com a fúria de um demônio, num instante a desarmou e passou a Werper a longa faca sacrificai.

— Vai ter precisão disso, disse Tarzan, e nisto de cada porta surgiu uma horda dos monstruosos homenzinhos de Opar.

Estavam armados de clavas e facas, fortificados na sua coragem pelo fanatismo religioso. Werper ficou aterrorizado. Tarzan, no entanto, olhava para o inimigo com soberbo desdém. Lentamente se dirigia ele para uma das portas do templo quando um sacerdote robusto lhe barrou a passagem. Atrás deste vinham muitos outros. Tarzan manejou a pesada lança, como um cacete, desferindo um golpe tremendo na cabeça do sacerdote, que caiu com o crânio fendido.

A arma de Tarzan subia e descia abrindo caminho para o vão de uma porta. Werper colava-se-lhe atrás, voltando os olhos amedrontados para a horda pavorosa que aos pulos e aos gritos o ameaçava pela retaguarda. Erguia a faca sacrificai, pronto a ferir o primeiro que chegasse ao seu alcance, mas nenhum chegou. Por um momento ficou espantado que os homens atacassem tão bravamente o gigantesco homem-macaco, e no entanto hesitassem em acometê-lo a ele, relativamente tão fraco. Se o fizessem, sabia que cairia à primeira investida. Tarzan chegara à porta por sobre os cadáveres de todos os que se lhe tinham oposto em caminho, antes que Werper adivinhasse a razão por que escapara ileso. Os sacerdotes temiam a fãca sacrificai! Estavam prontos a desafiar a morte e recebê-la-iam com desprendimento se ela viesse enquanto defendiam a Grã-Sacerdotisa e o seu altar, mas evidentemente havia morte e morte. Alguma estranha superstição devia cercar a lâmina polida, para que nenhum opariano ousasse expor-se a um golpe, ao passo que se lançavam alegremente à morte semeada pela arrasadora lança do homem-macaco.

Uma vez fora do pátio do templo, Werper comunicou a sua descoberta a Tarzan. O homem-macaco sorriu sardônico e deixou Werper seguir à frente dele, brandindo a rica arma sagrada. Como folhas varridas por uma lufada, os oparianos espalhavam-se em todas as direções, de sorte que Tarzan e o belga tiveram caminho desimpedido

através dos corredores e salas do antigo templo.

Os olhos do belga arregalaram-se quando ele passou pela sala dos sete pilares de ouro maciço. Com mal disfarçada cobiça olhava para as placas seculares de ouro embutidas nas paredes de quase todas as salas e ao longo de muitos dos corredores. Toda essa riqueza nada significava para o homem-macaco.

Os dois prosseguiram, e sucedeu que foram ter à larga alameda existente entre os imponentes pilares dos edifícios meio arruinados e o muro interno da cidade. Grandes macacos saltavam-lhes em redor, ameaçando-os, mas Tarzan revidava-lhes à maneira insulto com insulto, desafio com desafio.

Werper viu um macacão cabeludo atirar-se de uma coluna partida e avançar teso e eriçado em direção ao gigante nu. A beijada arreganhada punha a nu as presas amarelas, com rosnados e latidos coléricos e ameaçadores.

O belga observava o companheiro. Horrorizado, viu o homem agachar-se até tocar o chão com os punhos fechados à semelhança do antropóide. Viu-o rodear por sua vez o macaco, soltando os mesmos grunhidos bestiais que saíam da boca do bruto. Se tivesse os olhos fechados, julgaria estar ouvindo o combate de dois macacos gigantes.

Mas não houve batalha. A coisa acabou como a maioria de tais encontros na mata — um dos desafiantes cansa-se e fica interessado por uma folha que caí, um besouro ou os piolhos que lhe passeiam do ventre felpudo.

No caso presente foi o antropóide que se retirou com grande dignidade para examinar uma infeliz lagarta, por ele logo devorada. Tarzan parecia inclinado a prosseguir na disputa. Acercou-se do bicho truculentamente, estufando o peito e rosnando. Com dificuldade Werper conseguiu afinal persuadi-lo a deixar o macaco em paz e afastar-se da antiga cidade dos Adoradores do Sol.

Os dois levaram quase uma hora para achar a estreita saída através do muro interno. Daí uma trilha muito batida levou-os por entre as fortificações exteriores ao desolado vale de Opar.

Tarzan não tinha a menor idéia, ao que podia ajuizar Werper, do sítio em que estava ou de onde viera. Errava sem objetivo, em busca de alimento, que descobria embaixo das pedras ou à sombra dos arbustos esparsos no caminho.

O belga ficava horrorizado com o "menu" do companheiro. Escaravelhos, roedores e lagartas eram devorados como se fossem um regalo. Tarzan voltara, com efeito, a ser um macaco.

Afinal Werper conseguiu levar o companheiro para as montanhas distantes que fechavam a noroeste o vale, e juntos encaminharam-se na direção do bangalô de Greystoke.

Difícil era adivinhar o propósito que o belga teria em vista ao reconduzir assim para casa a vítima de sua traição e cobiça, a não ser que refletisse consigo que sem o homem-macaco não poderia haver resgate para a mulher de Tarzan.

Naquela noite acamparam no vale do outro lado das montanhas, e ao sentarem-se ao pé do fogo onde assavam um porco-do-mato abatido pela flecha de Tarzan, este ficou longo tempo abismado em profunda cisma. Parecia estar sempre procurando apanhar alguma imagem mental que lhe fugia constantemente.

Por fim abriu o saquitol de couro que lhe pendia da cintura e esvaziou na palma da mão o conteúdo de gemas brilhantes. A luz do fogo refletindo-se nelas acendeu uma multidão de raios cintilantes, e quando os olhos arregalados do belga avistaram aquilo, a expressão fascinada do homem revelou um propósito tangível em cultivar a companhia do homem-macaco.

CAPÍTULO 9

O furto das jóias

DURANTE dois dias andou Werper à procura da pequena comitiva com que saíra do acampamento, mas só ao cair da tarde do segundo dia, foi que encontrou vestígios dela, e de maneira tão sinistra que ficou inteiramente acovardado.

Numa clareira da mata deu ele com os corpos terrivelmente mutilados de três dos negros, e não era preciso grande esforço dedutivo para explicar aquela carnificina. Dos homens que o haviam acompanhado só esses três não eram escravos. Os outros, evidentemente tentados pela esperança de se libertarem do cruel senhor árabe, tinham-se aproveitado do fato de se verem afastados do acampamento para matar os três representantes do poder odiado que os mantinha em cativeiro e desaparecer na floresta.

Um suor frio corria da testa de Werper ao contemplar o destino a que por felicidade escapara, pois se tivesse estado presente na ocasião, certamente também teria sido liquidado.

Tarzan não mostrou o mais leve interesse ou surpresa na descoberta. A familiaridade com a morte violenta era coisa inerente à sua natureza. Abolidos os refinamentos de sua recente civilização por força da triste calamidade que o acometera, só lhe ficavam as sensibilidades primitivas impressas indelêvelmente em seu espírito pela atividade da primeira infância.

A instrução de Kala, os exemplos e preceitos de Kerchak, de Tublat e de Terkaz formavam agora a base de todos os seus pensamentos e ações. Guardava um conhecimento mecânico dos idiomas francês e inglês. Werper falara-lhe em francês e Tarzan respondeu-lhe na mesma língua, mas o homem-macaco não tinha consciência de se ter afastado da fala antropoidal em que dirigira a palavra a La. Se Werper se tivesse servido do inglês, o resultado teria sido o mesmo.

Naquela noite, ao sentarem-se os dois ao pé do fogo do acampamento, Tarzan tornou a brincar com as suas pedrinhas brilhantes. Werper perguntou-lhe o que era aquilo e onde as tinha achado. O homem-macaco respondeu que eram umas pedrinhas de cor com as quais pretendia fabricar um colar, e que as encontrara num dos subterrâneos que ficavam por baixo do pátio sacrificai do templo do Deus Flamejante.

Werper sentiu-se aliviado ao ver que Tarzan não tinha noção do valor das gemas. Isso tornava mais fácil para o belga apossar-se delas. Possivelmente bastaria pedir para que o homem lhe desse. Werper estendeu a mão para o montezinho que Tarzan

empilhara num pedaço chato de madeira em frente de si.

— Deixe ver, disse o belga.

Tarzan colocou a mão espalmada sobre o seu tesouro, mostrou as presas ameaçadoras e rosnou. Werper retirou mais que depressa a mão. Tarzan recomeçou a brincar com as pedras e a conversar com Werper como se nada se tivesse passado. Exibira apenas o zeloso instinto de posse do animal. Quando ele matava alguma caça, repartia a carne com Werper, mas se porventura Werper punha a mão na parte de Tarzan, ouvia o mesmo rosnado selvagem de advertência.

Datava dessa ocorrência o grande medo do belga ao seu brutal companheiro. Nunca ele compreendera a transformação operada em Tarzan pela pancada na cabeça, senão atribuindo-a a uma forma de amnésia. Que Tarzan fora outrora, em verdade, um bicho bravo da floresta, era coisa que Werper desconhecia, e assim não poderia adivinhar que o homem revertera ao estado em que passara a infância e a primeira mocidade.

Werper via agora no inglês um louco perigoso, que a mais ligeira contrariedade poderia atirar contra ele de dentuça arreganhada. Nem um momento passou pela cabeça de Werper a possibilidade de fazer frente a um ataque do homem-macaco. Toda a sua esperança estava em fugir da sua companhia e voltar o mais depressa possível ao acampamento de Achmet Zek, mas Werper não se atrevia à jornada em plena floresta, armado só da faca sacrificai. Tarzan constituía uma proteção que não convinha de modo nenhum desprezar, proteção eficaz mesmo em face dos grandes carnívoros, como Werper tivera ocasião de verificar pela cena que presenciara no templo.

Além disso, Werper cobiçava o saquinho das pedras, e estava assim dividido entre as duas emoções contrárias da cobiça e do medo. Mas era a cobiça que ardia mais fortemente em seu peito, de sorte que ele decidiu de preferência correr os perigos e terrores da companhia constante daquele a quem julgava um louco, a desistir da esperança de entrar na posse da fortuna representada pelo conteúdo da bolsa.

Achmet Zek não viria a ter conhecimento de nada disto. As pedras seriam só de Werper, e logo que ele conseguisse o seu objetivo, tomaria o caminho da costa e embarcaria para a América, onde poderia esconder-se sob o véu de uma nova identidade e gozar dos frutos do seu furto. Tudo estava bem planejado e o tenente Albert Werper já antecipava uma vida luxuosa de rico ocioso. Chegou mesmo a lamentar que a América fosse tão provinciana e não houvesse no novo continente uma cidade que se pudesse comparar à sua querida Bruxelas.

Só no terceiro dia de marcha é que os ouvidos apurados de Tarzan apanharam o som de voz humana atrás deles. Werper não distinguia nada além do zumbido dos

insetos da mata e do tagarelar dos pássaros e macacos menores.

Durante algum tempo Tarzan imobilizou-se num silêncio de estátua, escutando ou dilatando as narinas a cada sopro da brisa. Depois ocultou Werper no recesso de uma moita espessa e esperou. Dentro em pouco, pela trilha de caça que os dois vinham seguindo, apareceu à vista um guerreiro negro, esbelto e alerta.

Acompanhava-o uma fileira de mais de cinqüenta pretos, um atrás do outro, carregando cada qual duas barras amarelo-fosco presas por correias às costas. Werper reconheceu imediatamente a comitiva que Tarzan levava na jornada a Opar. Olhou para o homem-macaco, mas nos olhos selvagens e atentos deste não havia sinal de ter ele reconhecido Basuli e os demais fiéis *waziris*.

Quando todos tinham acabado de passar, Tarzan ergueu-se e saiu do seu esconderijo. Olhou na direção tomada pela caravana e voltando-se para Werper:

— Vamos segui-los e matá-los, disse.

— Matar por quê? perguntou o belga.

— São negros, explicou Tarzan. Foi um negro que matou Kala. São inimigos dos Manganis.

Não agradou a Werper a idéia de entrar em batalha com Basuli e seus ferozes guerreiros. E depois, seguindo-os, poderia alcançar o bangalô de Greystoke, o que era uma verdadeira salvação, pois já começava a sentir-se incapaz de orientar-se sozinho na região dos *waziris*. Via bem que Tarzan não tinha a mais remota idéia do lugar para onde iam. Ficando a uma distância prudente à retaguarda dos pretos, não haveria dificuldade em acompanhar-lhes a pista.' E uma vez no bangalô, Werper saberia ir ter ao acampamento de Achmet Zek. Havia ainda outro motivo para que ele não desejasse intrometer-se com os *waziris* — e era que eles iam carregando o grande fardo do tesouro precisamente na direção em que ele desejava vê-lo transportado. Quanto mais longe o levassem menor a distância que ele e Achmet Zek teriam a vencer depois, quando se apoderassem do ouro.

Discutiu por isso com o homem-macaco, dissuadindo-o do desejo de exterminar os pretos, e conseguiu afinal convencer Tarzan de que deviam segui-los em paz, dizendo estar certo de que iam rumo de terras muito ricas onde havia grande abundância de caça.

Foram muitos dias de marcha de Opar ao país dos *waziris*, mas afinal veio a hora em que Tarzan e o belga, seguindo a pista dos guerreiros, galgaram o último espigão e viram do outro lado a larga planície *waziri*, o rio coleante e as florestas distantes ao norte e a oeste.

Uma milha ou mais à frente deles a fileira dos guerreiros deslizava como uma gigantesca lagarta no capim alto da planície. Mais além, pontuando a paisagem do

rio um grande búfalo, com a cabeça e os ombros emergindo dos caniços, ficou um momento observando os negros que avançavam e em seguida virou-se e desapareceu na segurança do retiro sombrio e úmido.

Tarzan contemplou a vista familiar sem o menor vislumbre de reconhecimento nos olhos. Viu a caça e veio-lhe água na boca, mas não olhou na direção do seu bangalô. Werper, porém, olhou. E o seu olhar traduziu logo um sentimento de espanto. Protegeu a vista com as palmas das mãos e ficou longo tempo examinando acuradamente o local onde existira o bangalô. Não acabava de crer no que viam os seus olhos! Não havia mais bangalô, nem celeiros, nem dependências. Os currais, os montes de feno, tudo havia desaparecido. Que significava aquilo?

Então, lentamente raiou na consciência de Werper uma explicação da ruína que se abatera sobre aquele vale sossegado, depois que os seus olhos o viram pela última vez: Achmet Zek passara por ali!

Basuli e os seus guerreiros notaram a devastação desde o primeiro instante em que avistaram a herdade. Agora apressavam-se para chegar lá, conversando animadamente sobre a causa e significado da catástrofe.

Quando finalmente atravessaram o jardim talado e pararam em frente às ruínas carbonizadas da casa do patrão, viram transformados em convicções à luz da evidência, os seus piores receios.

Restos de cadáveres humanos, meio devorados pelas hienas e outros carnívoros que infestam a região, apodreciam no solo, e entre os corpos havia ainda pedaços de pano e ornatos esclarecendo a Basuli a história tremenda do desastre ocorrido no lar do chefe.

— Os árabes, disse ele aos seus homens que o cercavam. Durante alguns minutos os *waziris* pasmaram mudos de raiva para tudo aquilo. Por toda a parte encontravam mais um testemunho da fúria implacável do inimigo que viera na ausência do Grande *Bwana* e lhe destruíra a propriedade.

— Que teriam feito com "Lady"? perguntou um dos pretos.

Era por esse nome que chamavam sempre lady Greystoke.

— Naturalmente levaram as mulheres consigo, disse Basuli. As nossas mulheres e a dele.

Um gigante negro levantou a lança acima da cabeça e soltou um grito selvagem de furor e ódio. Os outros seguiram-lhe o exemplo. Basuli fe-los calar com um gesto.

— Não é tempo para berreiros inúteis, disse. O Grande *Bwana* ensinou-nos que é com atos e não com palavras que se fazem as coisas. Poupe os nossos fôlegos — precisaremos deles para perseguir os árabes e matá-los. Se "Lady" e as nossas

mulheres estão ainda com vida, maior é a necessidade de correremos, e portanto não cansemos os nossos pulmões.

Ocultos entre os caniços da margem do rio, Tarzan e Werper observavam os pretos. Viram-nos cavar uma vala com as facas e os dedos. Viram-nos depositar nela as barras de metal e cobri-las com terra.

Tarzan pareceu pouco interessado, depois que Werper lhe informou que o que eles estavam enterrando não era bom para comer, mas Werper ficou intensamente interessado. O que não daria para ter consigo os seus homens, de sorte a poder carregar com o tesouro logo que os negros se fossem embora! pois estava certo de que estes abandonariam aquele cenário de desolação e morte o mais cedo possível.

Enterrado o tesouro, os negros retiraram-se a uma pequena distância contra o vento que soprava sobre os fétidos cadáveres, e ali acamparam a fim de repousar antes de iniciar a perseguição aos árabes. Era quase lusco-lusco. Werper e Tarzan sentaram-se para comer alguns pedaços de carne que haviam guardado da última refeição. O belga estava ocupado com os seus planos para o futuro imediato. Tinha certeza de que os *waziris* haveriam de perseguir Achmet Zek, pois conhecia bastante os selvagens hábitos guerreiros e os costumes dos árabes e de seus degradados sequazes para adivinhar logo que eles tinham levado as mulheres *waziris* em cativeiro. Só isso era motivo para uma perseguição imediata da parte de um povo tão belicoso como os *waziris*.

Werper sentiu que tinha que achar um meio de prosseguir a fim de avisar Achmet Zek da aproximação de Basuli e também da localização do tesouro enterrado. Que destino o árabe daria agora a lady Greystoke, à vista da doença mental do esposo, Werper não sabia e pouco se lhe dava. O ouro enterrado no sítio do bangalô incendiado era infinitamente mais valioso do que qualquer resgate que pudesse acudir mesmo ao espírito cobiçoso de um árabe, e se Werper conseguisse persuadir o bandido a dar-lhe uma parcela que fosse do tesouro, já se sentiria satisfeito.

Muito mais importante, porém, para Werper pelo menos, era o tesouro incalculavelmente valioso contido na bolsa de couro que pendia da cintura de Tarzan. Se pudesse pôr-lhe a mão! Tinha que apoderar-se dele! Havia de apoderar-se!

Lançou um olhar ao objeto da sua cobiça. Considerou a estatura gigantesca de Tarzan, demorando-se na observação dos músculos formidáveis dos braços. Era para desanimar. Que podia ele, Werper, esperar senão a própria morte, se tentasse arrancar as pedras ao homem-macaco?

Desconsolado, Werper deitou-se de lado, fazendo de um braço travesseiro e cobrindo o rosto com o outro, mas de sorte a poder lançar uma olhadela ao

companheiro, sem que este desse pela coisa. Durante algum tempo permaneceu assim, espiando Tarzan e forjando planos para surripiar-lhe o tesouro — planos que se sucediam, abandonados logo como imprestáveis.

Algum tempo depois Tarzan olhou para Werper. O belga viu que estava sendo observado e ficou imóvel, imitando a respiração regular de uma pessoa profundamente adormecida.

Tarzan estivera refletindo. Vira os *waziris* esconderem aquelas coisas. Werper explicara-lhe que os negros assim procederam com medo de que alguém as encontrasse e carregasse. Isto pareceu a Tarzan um expediente esplêndido para salvaguardar valores. Desde o momento em que Werper revelara o desejo de possuir as pedrinhas brilhantes, Tarzan, desconfiado como todo selvagem, guardava-as com ciúmes: pareciam representar a vida ou a morte para ele.

O homem-macaco ficou longo tempo observando o companheiro. Por fim, convencido de que este dormia, puxou a faca de caça e principiou a cavar um buraco no chão. Com a lâmina afofava a terra e com as mãos retirava-a, até abrir uma pequena cavidade de algumas polegadas de diâmetro por cinco ou seis de profundidade. Nela colocou o saquinho das jóias. Werper quase esqueceu de respirar à maneira de quem dorme quando viu o que o homem-macaco estava fazendo — e foi a custo que reprimiu uma exclamação de contentamento.

Tarzan ficou de súbito imóvel quando os seus ouvidos agudos notaram a cessação das inspirações e expirações regulares do companheiro. Voltou os olhos penetrantes para o belga. Werper sentiu-se perdido — tinha que arriscar tudo para continuar a dar a ilusão do sono. Por isso arrancou um suspiro profundo, estirou ambos os braços e virou-se de costas balbuciando como se estivesse nos transe de um pesadelo. Um instante depois retomava o ritmo da respiração.

Agora não podia mais espiar Tarzan, mas estava certo de que o homem ficara olhando-o por muito tempo. Depois ouviu as mãos do outro raspar a terra e a seguir acamá-la. Percebeu assim que as jóias estavam enterradas.

Passou-se uma hora sem que Werper se mexesse. Quando afinal ele se virou para o lado de Tarzan e abriu os olhos, o homem-macaco dormia. Estendendo a mão, Werper podia tocar o lugar onde a bolsa estava enterrada.

Ficou longo tempo espreitando à escuta. Depois moveu-se em torno, fazendo mais ruído do que era necessário, e Tarzan não despertou. O belga tirou da cintura a faca sacrificai e mergulhou-a no solo. Tarzan não se mexeu. Com muita cautela Werper enterrou a lâmina na terra fofa que

cobria a bolsa. Sentiu a ponta tocar a superfície macia do couro. Calcando em seguida no cabo, levantou um montinho de terra solta. Um instante depois aparecia

um pedaço da bolsa. Werper meteu a mão, retirou o tesouro e guardou-o no peito da camisa. Em seguida recobriu e apertou a terra cuidadosamente, deixando-a como estava antes.

A cobiça levava-o a praticar um ato que se fosse descoberto pelo companheiro teria as conseqüências mais terríveis para Werper. Estremeceu, como se já estivesse quase sentindo as presas brancas e possantes cravarem-se-lhe no pescoço. Nos longes da planície um leopardo rugiu, e nos caniços densos da ribanceira outro grande felino deslizou com passadas surdas.

Werper tinha muito medo desses rondadores da noite, mas temia infinitamente mais a justa cólera da besta humana adormecida a seu lado. Com a maior precaução levantou-se. Tarzan não se mexeu. Werper deu alguns passos em direção à planície e à floresta distante a noroeste, mas parou e apalpou na cintura o cabo da comprida faca. Voltou-se e olhou para o companheiro adormecido.

— Por que não? pensou consigo. Assim eu estaria salvo.

Caminhando para o homem-macaco, debruçou-se sobre ele. Tinha apertada na mão direita a faca sacrificai da Grã-Sacerdotisa do Deus Flamejante!

Achmet Zek vê as jóias

MUGAMBI, fraco e sofrendo muito, arrastava-se penosamente na pista dos atacantes em retirada. Não podia locomover-se senão devagar e repousando freqüentemente, mas um ódio selvagem e um desejo também selvagem de vingança não o deixavam esmorecer no seu propósito. Com o correr dos dias os ferimentos sararam, a força voltou-lhe, até que afinal a sua estrutura gigantesca recuperou toda a pujança antiga. Agora avançava mais rapidamente, mas os árabes, montados, tinham tomado grande dianteira enquanto o negro ferido caminhava atrás deles. Chegando ao acampamento fortificado, Achmet Zek esperou o regresso do seu lugar-tenente Albert Werper. Durante a longa e rude jornada, Jane Clayton muito sofrerá — mais de antecipar a sorte que a ameaçava do que dos incômodos da viagem.

Achmet Zek não se dignara comunicar-lhe as suas intenções a respeito do futuro dela. Lady Greystoke pedia aos céus que o motivo da sua captura fosse a esperança de um resgate, porque, sendo assim, não correria grande perigo às mãos dos árabes, mas havia a probabilidade, a horrível probabilidade de que outro destino a esperasse. Ela ouvira falar de muitas mulheres, entre as quais mulheres brancas, vendidas por bandidos como Achmet Zek para a escravidão em haréns negros ou levadas para o extremo norte e submetidas à existência igualmente hedionda de algum serralho turco.

Jane Clayton era de uma fibra mais resistente do que a que se curva em inerte terror diante do perigo. Enquanto houvesse alguma esperança, haveria de lutar, e não pensava em suicídio senão como recurso desesperado e final para escapar à desonra. Enquanto Tarzan vivesse, haveria sempre razão para esperar socorro. Nenhum homem ou animal que vagasse no continente selvagem podia rivalizar em astúcia e força com o seu querido esposo. Para ela Tarzan era uma criatura quase onipotente no seu mundo nativo — aquele mundo de bichos selvagens e de homens selvagens. Tarzan viria, e ela seria salva e vingada — disso tinha a certeza. Contava os dias que passariam antes de ele regressar de Opar e descobrir o que havia acontecido em sua ausência. Depois do que, não tardaria muito a acorrer, cercar o reduto dos árabes e punir a cáfila de malfeitores ali abrigados.

De que ele a descobriria não tinha a menor dúvida. Nenhum rastro, por mais vago que fosse, escapava à vigilância aguda dos seus sentidos. Para ele a pista dos atacantes seria coisa tão clara como era para ela a página impressa de um livro aberto.

E enquanto ela esperava, outro chegou através da floresta ao acampamento árabe.

Era Albert Werper. Vivera aterrado noite e dia. Mais de doze vezes escapara como por milagre às garras e presas dos carnívoros enormes. Armado só com a faca que trouxera de Opar, abrira caminho através da região mais selvagem que jamais existiu à face do globo.

De noite dormia nas árvores. De dia caminhava aos tropeços, amedrontado, refugiando-se freqüentemente numa galhada quando a vista ou o rugido de algum felino o advertia do perigo. Por fim avistara a paliçada onde se encontravam os seus ferozes companheiros.

Quase ao mesmo tempo Mugambi surgia da mata em frente da aldeia fortificada. No momento em que à sombra de uma árvore observava o terreno, viu um homem andrajoso e descabelado que fora hóspede do patrão antes de este partir para Opar.

O negro ia chamar o belga quando alguma coisa o reteve. Viu o branco enfiar confiantemente pela clareira em direção ao portão da aldeia. Nenhum homem que esteja em seu juízo aproxima-se assim de uma aldeia naquela parte da África, a não ser que esteja seguro de ser bem acolhido. Mugambi aguardou. Estava com a pulga na orelha.

Ouviu Werper chamar, viu abrir-se o portão e testemunhou a acolhida amiga dispensada ao hóspede recente de lorde e lady Greystoke. Foi um raio de luz no espírito de Mugambi. Aquele branco era um traidor e um espia. Ele, o responsável pelo assalto durante a ausência do Grande *Bwana*. Ao seu ódio pelos árabes, Mugambi juntou um ódio ainda maior pelo espia branco.

Uma vez dentro da aldeia, Werper foi logo ter à tenda de seda de Achmet Zek. Quando o tenente entrou, o árabe ergueu-se. A fisionomia deste mostrou surpresa ao avistar as vestes esfarrapadas do belga.

— Que foi isso? perguntou.

Werper narrou tudo, exceto o que dizia respeito à bolsinha das pedras, agora estreitamente apertada à cintura do belga por debaixo das vestes. Os olhos do árabe aguçaram-se cobiçosamente quando o assecla descreveu o tesouro enterrado pelos *waziris* ao lado das ruínas do bangalô Greystoke.

— É simples voltar agora e carregá-lo, disse Achmet Zek. Primeiro esperaremos a chegada dos *waziris*, e depois de os haver exterminado, temos todo o tempo para ocupar-nos do tesouro — ninguém mexerá nele pois não deixaremos viv'alma que lhe saiba da existência.

— E a mulher? indagou Werper.

— Vendê-la-ei no norte, respondeu o bandido. É o único recurso agora. Há de dar um bom preço.

O belga concordou, com um movimento de cabeça. Estava refletindo rapidamente. Se pudesse persuadir Achmet Zek a mandá-lo comandando a comitiva que levaria lady Greystoke para o norte, isso lhe daria a oportunidade suspirada de escapar do chefe. Renunciaria de bom grado ao seu quinhão do ouro, se pudesse abalar são e salvo com as jóias.

Já agora conhecia bastante Achmet Zek para saber que nenhum membro da quadrilha deixava voluntariamente o serviço do árabe. A maioria dos poucos que desertavam eram recapturados. Mais de uma vez Werper ouvira os gritos agoniados daquelas vítimas supliciadas antes de receberem a morte. O belga não queria arriscar a menor probabilidade de ser recapturado.

— Quem irá ao norte com a mulher, perguntou, enquanto formos buscar o ouro enterrado pelos *waziris*?

Achmet Zek refletiu um momento. O ouro enterrado representava muito maior valor do que o preço da venda de uma mulher. Era necessário desembaraçar-se dela o mais depressa possível, e convinha também apoderar-se do ouro sem demora. De todos os seus sequazes, o belga era o homem logicamente indicado para o comando de uma das missões. Um árabe, familiarizado como Achmet Zek com os caminhos e as tribos, podia obter bom preço para a mulher e alcançar incólume o extremo norte. Mas Werper dificilmente conseguiria fugir através de uma região hostil aos europeus. E depois os homens que mandaria com o belga seriam escolhidos a dedo a fim de impedir que Werper persuadissem alguma porção considerável dos seus comandados a acompanhá-lo, caso pretendesse desertar.

Afinal o árabe falou:

— Não há necessidade de voltarmos os dois em busca do ouro. Irás ao norte com a mulher, levando uma carta para um amigo meu que está sempre em relação com os melhores mercados para esse gênero de mercadoria, e eu irei buscar o ouro. Podemos encontrar-nos aqui quando tudo estiver concluído.

Werper mal podia disfarçar a alegria com que recebeu a decisão. E se logrou disfarçá-la inteiramente aos olhos penetrantes e desconfiados de Achmet Zek, é coisa que resta saber. Como quer que seja, tomada a resolução, o árabe e o seu lugar-tenente discutiram os pormenores dos planos para o futuro imediato, e, tudo acertado, Werper pediu desculpas e recolheu-se à sua tenda, para o conforto e luxo de um banho e barbeadura, há tanto tempo desejados.

Depois do banho, o belga amarrou um espelhinho de mão a uma corda cosida ao pano de parede detrás da tenda, colocou uma cadeira tosca em frente a uma mesa igualmente tosca e começou a remover os duros pêlos da cara.

No catálogo dos prazeres masculinos dificilmente se encontra sensação de maior

conforto e frescura do que a que se experimenta depois de fazer a barba, e agora, banido temporariamente o cansaço, Albert Werper espichou-se na sua cadeira bamba para saborear um último cigarro antes de se deitar. Os polegares enfiados no cinturão, sustentando preguiçosamente o peso dos braços, tocavam o saquinho das jóias preso por baixo da cintura. Sentia cócegas de excitação ao pensar no valor do tesouro que trazia escondido.

Que diria Achmet Zek, se soubesse? Werper riu sardônico. Como os olhos do velho tratante haveriam de arregalar-se caso entrisse aquelas belezas cintilantes! Werper ainda não tivera oportunidade de repastar a vista demorada-mente no seu tesouro de pedras. Nem sequer as contara — apenas por alto lhes computara o valor.

Desapertou o cinturão e retirou a bolsa do esconderijo. Estava só. No acampamento, salvo as sentinelas, todos dormiam — ninguém viria à tenda do belga. Werper apalpou a bolsa, tateando a forma e o tamanho de cada pedrinha. Sentiu o peso do saquinho, primeiro numa das mãos, depois na outra. Por fim despejou o conteúdo na mesa e à luz mortíça da candeia um punhado de gemas faiscantes rolou sobre a madeira tosca.

Os raios refulgentes transformaram o interior da lona esquelida no esplendor de um palácio aos olhos daquele homem abismado em cismas. Via os paraísos que haviam de abrir as suas portas ao venturoso possuidor da riqueza que jazia ali espalhada sobre o tampo sujo e carcomido da mesa. Sonhara com o poder, com prazeres e luxos que haviam ficado sempre fora do seu alcance, e nesses devaneios levantou o olhar da mesa fitando-o no vazio, como faz o sonhador absorto que contempla em pensamento o alvo longínquo acima do horizonte mesquinho das trivialidades terrestres.

Os seus olhos pousaram sem ver no espelhinho de barba suspenso da lona da tenda acima da mesa, de repente um reflexo moveu-se na superfície polida do vidro, fazendo voltar a si o sonhador, que, firmando a vista no espelho, viu ali refletida a figura sinistra de Achmet Zek enquadrada nas cortinas da porta.

Werper abafou um suspiro de terror. Com raro domínio dos nervos, deixou descair os olhos, sem parecer que tivesse olhado no espelho, até pousá-los novamente nas pedras. Sem pressa, tornou a colocá-las no saquinho, meteu este na cintura, puxou um cigarro, acendeu-o e ergueu-se. Bocejando e espreguiçando-se, dirigiu-se calmamente à extremidade oposta da tenda. A figura de Achmet Zek desaparecera do vão da porta.

Dizer que Albert Werper estava aterrado é muito pouco. Ele sentia que tinha sacrificado não só o tesouro, mas a vida também. Achmet Zek nunca permitiria que a riqueza por ele entrevista lhe escapulisse dos dedos, tampouco perdoaria a duplicidade de um lugar-tenente que entrara na posse de tal tesouro sem o partilhar

com o chefe.

Lentamente começou o belga a despir-se para dormir. Ignorava se estava sendo vigiado, se estava, não veria o vigilante nenhum sinal da excitação nervosa que o europeu forcejava por esconder. Quando ficou pronto para entrar na cama, caminhou até a mesa e apagou a luz.

Duas horas depois as cortinas da porta da tenda afastaram-se à surda para dar entrada a uma figura vestida de negro que passou sem bulha da escuridão de fora para a escuridão de dentro. Cautelosamente atravessou o intruso o interior. Trazia na mão direita uma longa faca. Por fim chegou a um relevo de cobertas estendidas sobre alguns tapetes junto a uma das paredes da tenda.

Os seus dedos apalparam de manso as cobertas, encontrando o que procuravam — o corpo de Albert Werper. O vulto ergueu então o braço. A faca subia e descia, e de cada vez a comprida lâmina enterrava-se na espessura das cobertas. Mas a ausência inicial de qualquer manifestação de vida na coisa que estava por baixo dos lençóis causou estranheza ao assassino. Puxou febrilmente as cobertas e com mãos nervosas procurou o saquinho das jóias que esperava encontrar no corpo da vítima.

Um segundo depois ergueu-se com uma praga na boca. Era Achmet Zek, e proferira a praga porque tinha descoberto que embaixo dos lençóis do seu lugartenente não havia senão um monte de roupas composto à semelhança de um homem adormecido: Albert Werper fugira.

Achmet Zek correu para fora, despertando aos gritos os árabes, que atarantados de sono acudiam de suas tendas ao chamado colérico do chefe. Mas embora esquadrinhassem várias vezes toda a aldeia, não acharam vestígios do belga. Espumando de raiva, Achmet Zek deu à sua gente ordem de montar, e conquanto a noite estivesse escura como breu, saíram quase todos a explorar a floresta vizinha em perseguição do fugitivo.

Ao atravessarem o portão, Mugambi, oculto numa moita perto, esgueirou-se sem ser visto e penetrou na paliçada. Alguns negros aglomeravam-se à entrada do acampamento para assistir à partida dos outros. Quando o último dos cavaleiros deixou a aldeia, os negros fecharam o portão, no que Mugambi os ajudou como se houvesse passado o melhor de sua vida no meio da quadrilha.

Na escuridão que reinava passou despercebido, como se fosse um deles, e quando todos voltavam do portão para as suas respectivas tendas e palhoças, Mugambi sumiu-se nas trevas.

Durante o espaço de uma hora errou pelos fundos das cabanas e das tendas no esforço de localizar aquela onde poderia estar aprisionada a esposa do patrão. Uma havia que deveria ser a que procurava, pois era a única onde se via sentinela à porta.

Mugambi estava agachado na sombra da cabana, no canto bem perto do guarda desprevenido, quando outro se aproximou para render o companheiro.

— A prisioneira está bem guardada lá dentro? perguntou o recém-vindo.

— Está, respondeu o outro, pois ninguém cruzou esta soleira desde que aqui estou.

A nova sentinela acorrou-se ao lado da porta, enquanto o substituído se recolhia à sua palhoça. Mugambi coseu-se ainda mais ao canto da cabana. Na destra possante apertava um pesado cacete. Não havia sinal de excitamento em sua calma fleumática: todavia, sentia-se interiormente transportado de alegria pela prova que acabava de ter da presença de "Lady" ali dentro.

A sentinela dava as costas para o canto da cabana em que estava oculto o gigante negro, de sorte que nada viu quando o vulto enorme se lhe aproximou pela calada. O cacete subiu numa curva e abateu-se com toda a violência. Soou uma pancada surda, o esmagamento de um osso pesado, e a sentinela caiu ao solo inanimada e sem um gemido

Um momento depois Mugambi dava busca no interior da cabana. A princípio com vagar, chamando "Lady!" num cochicho, e finalmente numa impaciência quase doida, até que a verdade em pouco lhe raiou na mente — não havia ali ninguém!

Tarzan vira bicho outra vez

POR um momento Werper esteve debruçado sobre o homem-macaco adormecido, com a faca assassina suspensa para o golpe fatal, mas o medo deteve-lhe a mão. E se a primeira facada errasse o caminho do coração? Werper estremeceu ao pensar nas conseqüências desastrosas que isso lhe acarretaria. O gigante, mesmo enfraquecido e com poucos segundos de vida, poderia reduzi-lo a pedaços, literalmente, disso o belga não tinha a menor dúvida.

De novo soaram as passadas macias e abafadas nos caniços — desta vez mais perto. Werper abandonou o intento. Diante dele estendia-se a larga planície. As jóias estavam em seu poder. Demorar-se mais tempo era arriscar a morrer às mãos de Tarzan ou às garras do felino que deslizava sorrateiro nas imediações. Werper sumiu-se na noite rumo da floresta.

Tarzan continuava a dormir. Que era feito daqueles poderes sobrenaturais de salvaguarda que outrora o protegiam contra os perigos da surpresa? Seria esse dorminhoco pesado o mesmo Tarzan alerta e sensitivo de antigamente?

Talvez o golpe na cabeça lhe tivesse embotado os sentidos, temporariamente — quem saberia dizer? O carnívoro furtivo cada vez se aproximava mais por entre os caniços. De repente a cortina sussurrante da vegetação abriu-se a alguns passos do adormecido e a cabeça maciça de um leão apareceu. A fera parou um momento examinando atentamente o homem-macaco. Depois agachou-se, com as patas traseiras prontas para o bote e batendo com a cauda de um lado para outro.

Foi a batida da cauda nos caniços que despertou Tarzan. As criaturas da mata acordam de chofre — num relance a consciência integral e o domínio completo de todas as faculdades lhes voltam das profundezas do sono ferrado.

Mal abriu os olhos, Tarzan ficou em pé, de lança firme na mão, à espera do ataque. Era de novo Tarzan dos Macacos, sensitivo, vigilante, e pronto.

Não há dois leões com idênticas características, nem o mesmo leão procede invariavelmente da mesma maneira em circunstâncias semelhantes. Fosse surpresa, medo ou cautela que influiu no felino agachado e prestes a saltar sobre o homem — o fato é que não prosseguiu no seu desígnio original, e em vez de atacar o adversário, rodou nas patas e desapareceu no mato no momento em que Tarzan se levantou para enfrentá-lo.

O homem-macaco deu de ombros e olhou em torno à procura do companheiro. Werper tinha sumido. A princípio Tarzan suspeitou que o homem tivesse sido

arrebato por outro leão, mas, examinando as pegadas no chão, descobriu logo que o belga tomara sozinho o caminho da planície.

Ficou um momento sem saber o que pensar: dentro em pouco, porém, chegou à conclusão de que Werper, assustado pela aproximação do felino, fugira aterrorizado. Um sorriso de escárnio arreganhava os dentes de Tarzan ao refletir no ato do homem — o abandono de um camarada no momento de perigo e sem aviso. Ora bem, se Werper era desses, Tarzan não queria mais saber dele. Fora-se? Pois que se ficasse por lá — pouco importava a Tarzan e Tarzan não daria um passo para descobri-lo.

A umas cem jardas de distância havia uma grande árvore isolada na orelha do juncal. Tarzan encaminhou-se para lá, trepou a uma árvore e achando um esgalho confortável, acomodou-se para um sono seguido até a madrugada.

E quando a manhã chegou, Tarzan dormia ainda, mesmo depois de levantado o sol. O seu espírito, revertido à condição primitiva, não tinha outras preocupações mais sérias senão alimentar-se e defender a sua vida. Não havia, pois, necessidade de acordar enquanto não o ameaçasse algum perigo ou não o assaltasse a sensação de fome. Foi esta última que o fez despertar.

Abrindo os olhos, o gigante espreguiçou os músculos formidáveis, bocejou, levantou-se e espreitou através da folhagem densa do seu esconderijo. Contemplou como um estranho os campos e prados devastados de John Clayton, lorde Greystoke, e viu as figuras de Basuli e seus bravos guerreiros movendo-se no preparo da refeição matinal e no aparelhamento da expedição planejada para vingar o saque e destruição da propriedade do chefe, que acreditavam morto.

O homem-macaco olhou para os pretos com curiosidade. Havia no seu subconsciente um sentimento flutuante de familiaridade com tudo o que estava vendo, e não podia ligar nenhuma das várias formas de vida, animadas ou inanimadas, que lhe tinham caído sob os olhos depois que saíra dos subterrâneos tenebrosos de Opar, a nenhum fato particular do passado.

Recordava-se confusamente de uma forma horrenda, cabeluda, feroz. Uma vaga ternura dominava-lhe os sentimentos selvagens quando ele tentava precisar esse fantasma da sua memória. O seu espírito revertera aos dias da infância — era a figura da macaca gigante, Kala, que ele via, mal a reconhecia porém. Via também outras formas grotescas, masculinas. Eram as de Terkaz, Tublat, Kerchak, e uma figura menor, menos feroz, era Nita, a pequena companheira da sua juventude.

Lentamente, muito lentamente, ao reanimarem essas visões do passado em sua memória letárgica, ia ele reconhecendo-as. E elas foram tomando forma e cor definidas, ajustando-se com precisão aos vários acidentes da vida de Tarzan aos quais tinham estado intimamente ligadas. A sua adolescência, passada entre os

macacos, desdobrou-se-lhe como um lento panorama, e ao desdobrar-se acordou-lhe n'alma um desejo intenso de buscar a companhia daqueles brutos peludos do seu passado.

Viu os pretos espalharem as brasas e partirem, mas embora o rosto de cada um lhe fosse até recentemente tão familiar como o seu próprio, não lhe despertaram nenhuma espécie de reminiscência.

Depois que eles se foram embora, Tarzan desceu da árvore e procurou alimento. Ao largo, na planície, pastavam numerosos rebanhos de ruminantes selvagens. O homem-macaco rastejou às furtadelas em direção a um bando de zebras gordas e luzentes. Não foi levado por nenhum processo intrincado de raciocínio que deu uma grande volta para ficar contra o vento que vinha do lado da presa — agiu instintivamente. Tirou partido do menor relevo do terreno ao arrastar-se de quatro e muitas vezes roçando o ventre no chão.

Uma fêmea nova e gordinha e um macho robusto pastavam perto quando ele se aproximou do rebanho. De novo foi o instinto que o fez escolher a primeira. Havia uma moita baixa a algumas jardas do casal desprevenido. O homem-macaco introduziu-se ali. Trazia a lança firme na mão. Agachou-se cautelosamente e em seguida, num só movimento, levantou-se e arremessou a pesada arma ao flanco da fêmea. E não esperou o efeito do golpe, mas saltou como um gato atrás da lança, empunhando a faca de caça.

Por um instante os dois animais ficaram imóveis. A lançada cruel arrancou um grito súbito de dor e de susto à fêmea, e ambos depois giraram sobre as patas traseiras e partiram à desfilada. Mas Tarzan dos Macacos, na distância de algumas jardas, podia competir em velocidade até com estes animais, de sorte que, mal iniciado o galope, a fêmea sentiu-se montada por um bicho selvagem. Voltou-se tentando morder e escoucear o inimigo. O seu companheiro hesitou um momento, como para vir-lhe em socorro, mas olhando para trás, viu o resto do rebanho à disparada e com um ronco e um sacudir da cabeça rodou nas pata» e desapareceu na distância a toda velocidade.

Agarrando-se com uma das mãos à crina curta da sua presa, Tarzan cravou-lhe repetidas vezes a faca no coração desprotegido. Acertou desde o primeiro golpe. A zebra lutou com bravura mas inutilmente, e em pouco tempo caía por terra com o coração transpassado. O homem-macaco colocou um pé sobre a cabeça da vítima e levantou a sua voz no berro de vitória dos Manganis. Ao longe Basuli estacou ao ouvir os ecos do grito medonho.

— Os grandes macacos, disse ele aos companheiros. Faz muito tempo que não os via na região dos *waziris*. Que seria que os trouxe de novo por cá?

Tarzan agarrou a sua presa e arrastou-a para a moita onde se tinha escondido, uma vez ali, cortou-lhe um grande pedaço do lombo e começou a saciar a fome na carne quente e gotejante.

Atraídas pelos gritos agudos da zebra, um par de hienas apareceu e foi postar-se a poucas jardas do homem-macaco. Este levantou os olhos, arreganhou os dentes e rosnou. As hienas responderam ao cumprimento e retiraram-se alguns passos. Não fizeram nenhum movimento para atacar, mas continuaram sentadas a uma distância respeitosa, esperando que Tarzan tivesse acabado a refeição. Depois de cortar algumas postas da carcaça para carregar consigo, o homem-macaco caminhou lentamente na direção do rio a fim de matar a sede. As hienas estavam onde ele devia passar, mas nem por isso alterou o seu caminho.

Com a majestade senhoril de Numa, o leão, Tarzan marchou em direção às feras. Por um instante estas sustentaram a posição, eriçando-se e rosnando, mas foi questão de segundos, e logo se desviaram enquanto o homem-macaco seguia indiferente o seu caminho. Um momento depois estavam elas devorando os restos da zebra.

Tarzan voltou ao caniçal e embrenhou-se nele, rumo ao rio. Um rebanho de búfalos, assustados pelos passos do homem, ergueu-se pronto para carregar ou fugir. Um grande macho escavou o chão e mugiu ao pôr os olhos raiados de sangue no intruso, mas o homem-macaco passou em frente dos búfalos como se eles não existissem. O macho foi diminuindo o mugido, virou-se para sacudir com o focinho um enxame de moscas pousadas no lombo, lançou um último olhar ao homem-macaco e voltou a pastar tranquilamente. O resto do rebanho ou seguiu o seu exemplo, ou ficou olhando com mansa curiosidade para Tarzan, até este desaparecer por entre os caniços.

No rio, Tarzan matou a sede e tomou um banho. Pela calma do dia deitou-se à sombra de uma árvore perto das ruínas dos seus celeiros incendiados. Deixou os olhos vagar na planície até a floresta distante, e durante longo tempo um desejo ardente dos prazeres das profundezas misteriosas da mata ocupou o seu pensamento. Com o sol seguinte haveria de atravessar o descampado e penetrar na floresta! Não havia pressa — tinha diante de si uma perspectiva infinita de amanhã sem nada para enchê-los senão a satisfação dos apetites e caprichos do momento.

O espírito do homem-macaco não se sentia perturbado por nenhuma lembrança do passado nem por nenhuma aspiração no futuro. Podia deitar-se a fio comprido num galho balouçante, estendendo os membros gigantes e banzando na doce paz de uma despreocupação completa, sem um só cuidado ou apreensão a solapar-lhe a energia nervosa ou roubar-lhe a paz do espírito. Recordando-se apenas muito vagamente de outra existência anterior, o homem-macaco sentia-se feliz. Lorde Greystoke cessara de existir.

Durante algumas horas Tarzan balançou-se na sua cama de folhagem até que a fome e a sede lhe sugeriram nova excursão. Estirando-se incidentemente, deixou-se escorregar até o solo e caminhou devagar em direção ao rio. A trilha de caça por onde ele seguia tornara-se com o uso dos tempos num fosso apertado e profundo, cujas paredes eram encimadas de cada lado por uma mataria impenetrável de árvores espessas inexplicavelmente enlaçadas por cipós e trepadeiras menores, de modo a formarem duas sólidas trincheiras de vegetação. Tarzan já tinha quase chegado ao ponto em que a trilha desembocava no rio, quando viu uma família de leões que subia por ela, da margem do rio. O homem-macaco contou sete — um macho, duas fêmeas, adultos, e quatro crias, mas quase do tamanho dos pais e tão formidáveis quanto eles. Tarzan estacou rosnando, e os leões pararam, arreganhando o grande macho os dentes e soltando um rugido de ameaça. O homem-macaco trazia a lança na mão, mas não tinha a veleidade de combater com ela contra sete leões, todavia ficou firme onde estava, rosnando e rugindo, e o mesmo fizeram os felinos. Não passava aquilo de uma exibição, de um blefe da mata. Cada adversário procurava meter medo ao outro. Nenhum queria retroceder e dar caminho, e nenhum desejava ser o primeiro a precipitar o encontro. Os leões estavam suficientemente nutridos para não se meterem em briga, e quanto a Tarzan, raramente se alimentava de carnívoros, mas estava em questão um ponto de honra e nenhuma das duas partes queria ceder. Assim estiveram longo tempo frente a frente, fazendo toda sorte de ruídos horrendos. Seria difícil dizer até quando duraria esse duelo incruento, conquanto fosse provável que Tarzan se visse forçado a ceder diante da superioridade do número.

Sobreveio, porém, uma intercorrência que pôs termo à situação. Tarzan e os leões estavam fazendo tanto barulho, que não ouviam mais nada além dos próprios rugidos. Senão quando o homem-macaco sentiu que qualquer coisa se aproximava atrás dele, e, voltando-se rápido, deu com Buto, o rinoceronte, carregando furiosamente e já tão perto que toda salvação parecia impossível, todavia, tão perfeita era a coordenação entre o espírito e os músculos nesse homem primitivo, que quase simultaneamente com a percepção do perigo ele saltou e cravou a lança no peito de Buto. Era uma arma pesada e munida de ferro na ponta: de um lado estavam os músculos formidáveis do homem-macaco, do outro a massa gigantesca de Buto com a força de impulsão com que vinha. Tudo o que aconteceu no momento em que Tarzan se virou para enfrentar o irascível rinoceronte leva muito tempo a contar, e no entanto desafiaria a objetiva mais sensível. Quando a lança lhe voou da mão, o homem-macaco olhava para o corpo possante abaixado para amarrá-lo, tão perto estava Buto. A lança atravessou o pescoço do rinoceronte na junta do ombro esquerdo e trespassou quase inteiramente o corpo da fera. Ao mesmo tempo que a arremessava, Tarzan saltou para cima, caindo sobre o lombo de Buto, mas

escapando-lhe à cornada furibunda.

Buto investiu então ferozmente sobre os leões, enquanto Tarzan dos Macacos subia pelas trepadeiras entrelaçadas à beira da trilha. O primeiro leão escorou a arremetida de Buto e foi atirado a grande altura, dilacerado e moribundo, os outros seis lançaram-se sobre o rinoceronte, mordendo-o e rasgando-o, ao mesmo tempo que eram pisados ou chifrados. Tarzan acompanhava de palanque aquela batalha real com o mais vivo interesse, pois os bichos mais inteligentes da mata interessam-se muito por tais encontros. Estes são para eles o que são para nós o "ring", o teatro e o cinema. Gostam sempre de vê-los, porque, embora freqüentes, nunca há dois precisamente iguais.

Por algum tempo pareceu a Tarzan que Buto, o rinoceronte, sairia vencedor da sangrenta batalha. Já tinha dado cabo de quatro leões e ferido gravemente os três restantes, quando de repente cambaleou, caiu sobre os joelhos e rolou de lado. Era obra da lança de Tarzan. Fora a arma fabricada pelo homem que matara a enorme alimária capaz de sobreviver ao ataque de sete leões possantes. A lança atravessara-lhe os pulmões e Buto, já com a vitória a sorrir-lhe, sucumbiu a uma hemorragia interna.

Então Tarzan desceu do seu posto de observação, e enquanto os leões se afastavam rosnando, o homem-macaco arrancou a lança do corpo de Buto, cortou uma posta de carne da carcaça e desapareceu na floresta. Estava terminado o episódio, — coisa de que um de nós falaria o resto da vida e que Tarzan esqueceu no momento em que a cena desaparecia da sua vista.

CAPÍTULO 12

La busca vingança

BALANÇANDO-SE dos cipós de uma árvore a outra, o homem-macaco fez um largo rodeio na floresta e foi sair no rio em outro ponto, onde satisfez a sede. Depois voltou às árvores, e enquanto caçava, completamente esquecido do passado e despreocupado do futuro, vinha avançando à procura dele, através das matas escuras e das extensas campinas, uma estranha e terrível caravana. Eram cinquenta homens horrorosos, de corpos cabeludos e pernas nodosas e tortas. Estavam armados de facas e cacetões, e à frente deles marchava uma mulher quase nua, de incomparável beleza. Era La de Opar, Grã-Sacerdotisa do Deus Flamejante, e cinquenta dos seus horrendos sacerdotes, que vinham atrás do ladrão da sagrada faca sacrificial.

Nunca jamais passara La além das muralhas exteriores da arruinada Òpar, mas também nunca jamais fora isso de tão premente necessidade. Havia de reaver a faca sagrada! Transmitida através de inúmeras gerações, chegara até ela como um legado e uma insígnia do seu ofício religioso e da sua autoridade real, e pertencera a algum remoto antepassado do tempo da perda e esquecida Atlântida. O extravio das jóias da coroa ou do Grande Selo da Inglaterra não causaria maior consternação num rei inglês do que a provocada pelo roubo da faca sagrada em La, a opariana, Rainha e Grã-Sacerdotisa dos degradados remanescentes da mais velha civilização do globo. Quando a Atlântida, com todas as suas cidades poderosas e os seus campos cultivados e o seu grande comércio e cultura e riquezas, afundou no mar há tantos séculos, só não desapareceu com ela um grupo de colonos seus que trabalhavam nas vastas minas de ouro da África central. Destes, dos seus escravos e de uma posterior mestiçagem com o sangue dos antropóides de que descendiam os homenzinhos horríveis de Opar, mas por um estranho capricho do destino, ajudado pela seleção natural, a velha raça do continente submergido permanecera pura na linha feminina originária de uma princesa da casa real da Atlântida, a qual se achava em Opar ao tempo da grande catástrofe. Dela descendia La.

Ardia em cólera a Grã-Sacerdotisa, e o seu coração era uma massa fervente de ódio dirigido contra Tarzan dos Macacos. O despeito da mulher desprezada triplicava o zelo da fanática religiosa cujo altar fora profanado. Duas vezes lançara ela o coração aos pés de Tarzan e duas vezes fora repelida. La sabia que era bela. E de fato: não só pelos padrões da Atlântida pré-histórica, mas também pelos dos tempos modernos, era fisicamente uma perfeição de criatura. Antes da primeira estada de Tarzan em Opar, La não vira outro macho humano senão os grotescos homúnculos da sua tribo. Mais cedo ou mais tarde tinha que casar com um deles, a fim de que não se interrompesse a linha direta das grã-sacerdotisas, a menos que o

destino trouxesse outros homens a Opar. Antes da primeira vinda de Tarzan. La não tinha nenhuma idéia da existência de homens como ele, pois só conhecia os horrendos sacerdotezinhas e os machos da tribo dos grandes antropóides, habitantes de Opar desde tempos imemoriais e considerados quase como iguais pelos oparianos. Havia entre as lendas de Opar contos que falavam de homens das priscas eras, belos como deuses, e de negros vindos mais recentemente, mas estes últimos eram inimigos que roubavam e matavam. E essas lendas prometiam também que um dia o continente sem nome donde provinha a raça de Opar ressurgiria do oceano e mandar-lhe-ia galeras esculpidas e tauxiadas de ouro em socorro dos seus colonos exilados havia tantos séculos.

A vinda de Tarzan despertara no peito de La uma esperança louca de ver chegada afinal a hora do cumprimento da antiga profecia, mais fortemente ainda suscitara o fogo do amor num coração que até então jamais conhecera a força daquela paixão consumidora, pois uma criatura maravilhosa como La não podia sentir amor por nenhum dos sacerdotes repulsivos de Opar. Os costumes, o dever e o zelo religioso poderiam impor a união, mas não podia haver amor da parte de La. Antes de conhecer Tarzan, era uma moça fria e sem coração, descendente de mil outras mulheres belas, frias e sem coração que jamais souberam o que é amor. E por isso, quando o amor chegou, desencadeou todas as paixões de uma centena de gerações insatisfeitas, transformando La num vulcão palpitante de desejo, e, contrariado esse desejo, toda essa grande força de amor e meiguice e sacrifício, transmudou-se em ódio e sede de vingança.

Foi nesse estado de espírito que La saiu à frente dos seus homens para recuperar o emblema sagrado da sua autoridade e tirar vingança do responsável dos seus males. Pouco se lhe dava de Werper. O fato de estar a faca na mão do belga no momento da fuga de Opar não atraiu sobre ele nenhum pensamento de vingança. Sem dúvida, seria morto quando capturado, mas a morte dele não dava a La nenhum prazer — todo o prazer estaria na contemplação do sofrimento de Tarzan. Este, sim, seria torturado. E a sua morte haveria de ser lenta e terrível, a punição, proporcionada à imensidade do crime. Ele arrancara a faca sagrada da mão de La, pusera as mãos sacrílegas sobre a Grã-Sacerdotista do Deus Flamejante, profanara o altar e o templo. Por todas essas coisas tinha que morrer no meio de horríveis torturas.

A marcha de La com os seus sacerdotes não se fez sem grandes dificuldades. Não estavam eles habituados a caminhar na floresta, pois raramente se aventuravam fora dos muros desmoronados de Opar. Todavia, o número protegia-os e assim chegaram sem acidentes a encontrar a pista de Tarzan e, Werper. Acompanhavam-nos três grandes macacos, aos quais incumbia a tarefa de farejar o rasto, coisa fora do

alcance dos sentidos dos oparianos. La comandava. Ela é que ordenava os homens, ela que escolhia sítio para os acampamentos, ela que determinava a hora de fazer alto e a hora de retomar a marcha. Embora fosse inexperiente nesses assuntos estava a sua inteligência nativa tão acima da dos homens e da dos macacos, que agia melhor do que eles o teriam feito. Comandava-os com dureza, pois tinha grande aversão e desprezo pelas criaturas disformes entre as quais o fado cruel a fizera nascer, e descarregava sobre eles o mau-humor da sua paixão não correspondida. Todas as noites mandava-os construir para ela um abrigo bem protegido e acender uma grande fogueira que ardia do crepúsculo da tarde ao da manhã. Quando cansava de andar, eram eles forçados a carregá-la numa liteira improvisada, e nenhum ousava discutir-lhe a autoridade ou o direito a tais serviços. Nem pensavam nisso. Para eles La era uma deusa. Todos a amavam e cada qual esperava ser escolhido para esposo dela, de sorte que trabalhavam de bom grado como escravo e suportavam sem um murmúrio os acessos de cólera e o desdém altivo da sua rainha.

Marcharam assim durante muitos dias. Os macacos iam seguindo o rasto com facilidade, precedendo a pequena distância o corpo da caravana, a fim de avisar os homens de algum perigo iminente. Um dia, em que fizeram alto pela calma da tarde para repousar de uma marcha fatigante, um dos macacos ergueu-se de repente, farejando a brisa. Com um grunhido gutural recomendou silêncio aos outros, e um momento depois balançava-se na floresta saltando de árvore em árvore. La e os seus sacerdotes reuniram-se em silêncio, à espera que regressasse o cabeludo antropóide.

Não tardou muito que este emergisse de uma moita espessa.

— O grande Tarmangani está dormindo ali, disse apontando na direção donde acabava de chegar. Vem, que podemos matá-lo.

— Não quero que o matem, comandou La friamente. Tragam o grande Tarmangani à minha presença vivo e incólume. A La pertence a vingança. Vão, mas não façam barulho!

Dizendo isso, acenou com a mão, despachando todos os homens da caravana.

Cautelosamente o bando estranho esgueirou-se através da mata atrás do grande macaco, até que por fim este os fez parar, levantando a mão, e apontou para frente e para cima. Viram eles então a figura gigantesca do homem-macaco estendida num galho baixo. Mesmo adormecido, segurava com uma das mãos o tronco de uma ramada, e tinha uma perna passada sobre a outra. Tarzan dos Macacos dormia profundamente de barriga cheia e sonhando com Numa, o leão, com Horta, o javali, e outras criaturas da mata. Nenhum indício de perigo foi pressentido pelas faculdades adormecidas do homem-macaco — ele não viu as figuras peludas deslizarem agachadas no solo embaixo da árvore, nem os três macacos saltarem sem bulha na árvore vizinha.

O primeiro sinal de perigo sentido por Tarzan foi o baque de três corpos, quando os três macacos saltaram sobre ele e o arremessaram ao chão, onde caiu meio atordado e foi imediatamente acometido pelos cinquenta oparianos ou tantos quantos podiam enxamear sobre a pessoa dele. O homem-macaco tornou-se o centro de um "maelstrom" horroroso de safanões, golpes e dentadas. Lutou valentemente, mas a desigualdade era demasiado grande. Pouco a pouco os adversários conseguiram dominá-lo, embora nenhum talvez deixasse de sentir a força do punho ou o gume afiado dos dentes de Tarzan.

Condenado à tortura e à morte

LA seguiu os seus homens, e quando os viu gadanhando e mordendo Tarzan, ergueu a voz, recomendando-lhes que não o matassem. Viu que ele estava fraqueando e que dentro em pouco o número levaria a melhor. Com efeito, não tardou muito que a formidável criatura da mata ficasse estendida inerte e amarrada aos pés dela.

— Tragam-no para o sítio onde fizemos alto, ordenou La, e os homens carregaram Tarzan para a pequena clareira e depuseram-no à sombra de uma árvore. — Construam um abrigo para mim! Dormiremos aqui esta noite, e amanhã, em face do Deus Flamejante, La oferecer-lhe-á o coração deste profanador do templo. Onde está a faca sacrificaí? Quem a tomou dele?

Mas nenhum a tinha xisto e cada qual afirmava categoricamente que a arma sacrificaí não estava com Tarzan no momento da captura. O homem-macaco olhava para as criaturas ameaçadoras que o cercavam e rosnava em desafio. Olhava para La e sorria. Não tinha diante da morte o menor medo.

— Não sei, respondeu Tarzan. O homem levou-a quando desapareceu durante a noite. Se desejas tanto reavê-la, eu poderia sair à procura dele. Mas agora sou teu prisioneiro e condenado a morrer. Afinal, para que seria a tua faca? Podes fabricar outra. Fizeste toda esta caminhada só por causa de uma faca? Solta-me, que vou descobrir onde está o homem e restituí-la-ei ao teu poder.

La esboçou um sorriso amargo, pois intimamente sabia que o pecado de Tarzan era maior do que o roubo da sagrada faca sacrificaí de Opar, mas vendo-o amarrado e inerte a seus pés, as lágrimas lhe subiram aos olhos e ela teve de se virar para escondê-las, mas permaneceu inflexível na determinação de fazê-lo pagar com a tortura e a morte a ousadia de desdenhar do amor de La.

Quando ficou pronto o abrigo, a mulher mandou levar Tarzan para lá.

— Torturá-lo-ei a noite inteira, disse ela aos sacerdotes, e ao primeiro alvor da manhã preparem o altar ardente em que o coração do profanador será oferecido ao Deus Flame-jante. Juntem lenha bem cheia de resina e construam com ela um altar, em tudo semelhante ao de Opar, no centro da clareira para que o Deus Flamejante possa contemplar o sacrifício e rejubilar.

Durante o resto do dia os sacerdotes de Opar estiveram ocupados em erigir o altar no centro da clareira, e enquanto trabalhavam, cantavam hinos estranhos na antiga língua daquele perdido continente que jazia no fundo do Atlântico. Não conheciam o

sentido das palavras que pronunciavam, limitavam-se a repetir o ritual transmitido de preceptor a neófito desde o dia remoto em que os ancestrais do homem de Piltdown ainda se penduravam pela cauda às árvores das florestas úmidas que são a Inglaterra de hoje.

E no interior de sua barraca La passeava de um lado para outro em frente de Tarzan. O homem-macaco estava estóicamente resignado ao seu destino. Nenhuma esperança de socorro luzia na escuridão mortal da sentença suspensa sobre a sua cabeça. Ele sabia que os seus músculos gigantescos não podiam romper as cordas que lhe atavam os pulsos e os tornozelos, pois já o experimentara muitas vezes inutilmente. Não havia esperança de socorro de fora. Não tinha em volta de si senão inimigos. Não obstante, sorria para La enquanto ela passeava nervosamente de um lado para outro da barraca.

E La? Tateava a sua faca e olhava para o cativo. Fitava-o com ódio, balbuciava qualquer coisa, mas não o golpeava. "Esta noite!" pensava. "Esta noite, depois que escurecer, torturá-lo-ei".

Contemplava o corpo perfeito de Tarzan, belo como um deus, o rosto onde se abria um sorriso tão amorável, e de novo tinha que endurecer o coração com a lembrança da sua paixão desprezada, com os pensamentos religiosos que exigiam o sacrifício do profanador do santo dos santos, do homem que arrebatara do altar sangrento de Opar a oferenda destinada ao Deus Flamejante — e não uma vez só mas três. Três vezes Tarzan ludibriara o deus de La. A essa lembrança ela parou e ajoelhou-se ao lado dele. Tinha à mão uma faca afiada. Encostou a ponta ao peito do homem-macaco e calcou um pouco sobre o cabo, mas Tarzan sorriu e deu de ombros.

Como era belo! La inclinou-se para ele, olhando-lhe dentro dos olhos. Como era perfeito o rosto dele! Comparava-o com os dos homenzinhos hediondos entre os quais ela devia tomar esposo, e estremecia a essa idéia. Veio o crepúsculo e depois do crepúsculo a noite. Uma fogueira ardia dentro do cercado de espinheiros que protegia o acampamento. As chamas iluminavam o novo altar erigido no centro da clareira, despertando na mente da Grã-Sacerdotisa do Deus Flamejante a representação do acontecimento da aurora próxima. Ela via a forma gigante e impecável estorcendo-se entre as chamas da pira. Via aqueles lábios sorridentes, queimados e enegrecidos, despregando-se dos dentes fortes e brancos. Via a basta cabeleira negra arder nas labaredas. Via esta e muitas outras imagens horrorosas ao debruçar-se de olhos cerrados e punhos fechados, sobre o objeto do seu ódio - ah! era mesmo ódio o que La de Opar sentia?

A escuridão da noite da mata envolvera o acampamento, quebrada unicamente pelos lampejos intermitentes do fogo entretido para afastar os comedores de gente.

Tarzan jazia tranqüilo nas suas ataduras. Sofria muito de sede e da pressão das cordas que lhe cortavam os pulsos e os tornozelos, mas não se queixava. Tarzan era um animal da mata, com o estoicismo do animal e a inteligência do homem. Sabia que o seu destino era irrevogável — que nenhuma súplica poderia temperar a severidade da sentença, e por isso não perdia tempo em rogos inúteis: esperava pacientemente na firme convicção de que os seus padecimentos não poderiam durar eternamente.

Na escuridão La debruçava-se sobre ele. Tinha na mão uma faca afiada, e no espírito a determinação de iniciar o suplício sem mais tardança. A faca apoiava-se contra o peito de Tarzan, e o rosto de La estava quase rente com o dele, quando uma labareda súbita, levantada de novos galhos atirados à fogueira lá fora, iluminou o interior da barraca. La viu pertinho dos seus lábios as feições perfeitas do deus da floresta, e no coração da mulher jorrou de novo como uma fonte todo o grande amor que ela sentira por Tarzan desde o primeiro instante em que o vira, e toda a paixão acumulada durante os anos em que sonhara com ele.

De faca na mão, La, a Grã-Sacerdotisa, dominava a criatura inerte que ousara violar o santuário da divindade. Não, não haveria tortura — a morte tinha que ser imediata. O profanador do templo não mais poluiria a vista do senhor todo-poderoso. Um só golpe da lâmina pesada, e depois o cadáver atirado à pira crepitante. O braço estava pronto para desferir o golpe... subitamente La, a mulher, fraqueou sem forças sobre o corpo do homem amado.

Correu as mãos em muda carícia pela carne nua, cobriu-lhe de beijos ardentes a fronte, os olhos, os lábios, cobriu-o com o seu corpo como para protegê-lo do destino medonho que ela mesma lhe sentenciara, e em voz trêmula e lamentável suplicou-lhe amor. Horas seguidas o frenesi da paixão possuiu a serva do Deus Flamejante, até que afinal, vencida pelo sono, adormeceu ao lado daquele a quem jurara torturar e matar. E Tarzan, despreocupado de qualquer pensamento do futuro, dormiu tranqüilamente nos braços de La.

Ao primeiro indício da alva, o canto dos sacerdotes de Opar despertou Tarzan. Iniciado em tom pianíssimo, o som foi crescendo em volume até o diapásão da sede bárbara de sangue. La mexeu-se. Os seus formosos braços aconchegaram carinhosamente o corpo de Tarzan — um sorriso entreabriu-lhe a boca. E ela despertou. Lentamente o sorriso desvaneceu-se e os seus olhos esgazearam-se de horror ao compreender o sentido mortal do canto que ressoava lá fora.

— Ama-me, Tarzan! gritou ela. Ama-me e serás salvo.

As ligaduras de Tarzan machucavam-no. Sofria intensamente as torturas da circulação por tanto tempo estrangulada. Com um rosnado colérico virou-se e deu as costas a La. Era esta a sua resposta! A Grã-Sacerdotisa pôs-se em pé de um salto.

Uma onda de sangue cobriu-lhe as faces de vergonha. Depois ficou de uma palidez de morte e caminhou para a entrada da barraca.

— Sacerdotes do Deus Flamejante! gritou. É chegada a hora do sacrifício.

Os homens adiantaram-se e penetraram na barraca. Ergueram Tarzan, e carregaram-no para fora, cantaram, marcando com o balanço cadenciado dos corpos disformes o ritmo do cântico de sangue e morte. Atrás deles vinha La, balanceando-se também, mas não em uníssono com a cadência cantada. Branco e desfigurado estava o rosto da Grã-Sacerdotisa — branco e desfigurado pela paixão insatisfeita e pelo horror da cena a que ia assistir. Não obstante, mostrava-se inflexível em sua resolução. O sacrílego tinha que morrer! O ingrato expiaria o seu desdém no altar sinistro. Ela viu colocarem o corpo perfeito sobre os galhos ásperos. Viu o Grão-Sacerdote, aquele a quem, obedecendo ao^ costumes da tribo, devia unir-se — curvo, torto, raquítico e medonho — adiantar-se com o facho aceso e parar à espera da ordem de atear fogo à lenha da pira sacrificai. A fisionomia cabeluda e bestial do mostrengo repuxava-se numa careta de gozo antecipado. As mãos já se lhe arredondavam em conchas prontas a receber o sangue palpitante da vítima - o néctar vermelho que em Opar teria enchido as áureas copas sacrificais.

La aproximou-se com a faca levantada, o rosto alçado para o sol nascente e nos lábios uma prece para a divindade ardente do seu povo. O Grão-Sacerdote olhou expectante para ela: o facho estava quase no fim e a lenha tentadoramente ao alcance da mão. Tarzan fechou os olhos e esperou o fim. Sabia que iria sofrer, pois lembrava-se vagamente das queimaduras passadas, mas não recuou. A morte não é nada de extraordinário para as criaturas da mata, habituadas ao sinistro espectro que não as larga um só momento, nem de noite nem de dia. Não é provável que o homem-macaco houvesse jamais especulado o mistério do que vem depois da morte. Talvez naquele instante estivesse pensando nas bonitas pedrinhas que perdera. Em todo caso tinha todas as faculdades abertas para tudo o que se passava em torno dele.

Sentindo a aproximação de La, abriu os olhos. Viu-lhe o rosto pálido e desfigurado. Viu lágrimas nos olhos dela.

— Tarzan, meu Tarzan! gemeu a virgem. Dize-me que me amas — que voltarás comigo para Opar — e eu te pouparei a vida. Mesmo em face da cólera do meu povo eu te salvarei. É o último ensejo que te dou. Que respondes?

No último momento a mulher triunfava em La sobre a Grã-Sacerdotisa de um rito cruel. Ela via sobre o altar o único ser que jamais lhe despertara a chama do amor no seio virginal, via junto à pira, pronto a atear-lhe fogo, o fanático bestial que um dia seria seu esposo, caso não aparecesse outro menos repulsivo, contudo, apesar de sua longa paixão pelo homem-macaco, daria a ordem fatal se a última palavra de

Tarzan fosse negativa. Com o seio ofegante inclinou-se para ele.

— Sim ou não? segredou.

Dos longes da floresta chegou fracamente aos ouvidos de Tarzan um som que lhe pôs nos olhos uma luz súbita de esperança. E ele ergueu a voz num grito selvagem. La recuou um ou dois passos. O sacerdote impaciente resmungou e passou o facho de uma mão para a outra ao mesmo tempo em que o aproximava mais da lenha da base da pira.

— Anda! insistiu La. Que respondes ao amor de La de Opar?

Ouviu-se mais perto o som que atraía a atenção de Tarzan — o bramido agudo de um elefante. La, que olhava no rosto de Tarzan para ler ali o seu destino de ventura ou desengano, viu uma expressão de interesse estampada no semblante do homem-macaco. Agora, pela primeira vez, adivinhava o sentido do grito agudo de Tarzan — ele chamara em socorro Tantor, o elefante! As sobrancelhas de La contraíram-se numa carranca selvagem.

— Recusas La? gritou ela. Pois então morre! O facho! ordenou, voltando-se para o sacerdote.

Tarzan ergueu o rosto para ela.

— Tantor está perto, disse ele. Eu contava que ele me salvasse, mas vejo agora, pelo bramido, que nos matará a mim e a todos vós e a todo aquele que estiver no seu caminho, procurando com a astúcia de Sheeta, a pantera, os que se esconderem dele, pois Tantor está possuído de loucura amorosa.

La conhecia muito bem a ferocidade insana dos elefantes machos naquele estado. Sabia que Tarzan não exagerava. Sabia que o demônio instalado no cérebro astuto e cruel do gigantesco paquiderme haveria de levá-lo a caçar em todos os esconderijos da floresta aqueles que escapassem à violência da primeira arremetida. Ou podia ser que a fera passasse sem voltar — ninguém podia adivinhar.

— Não posso amar-te, La, disse Tarzan em voz baixa. Não sei explicar por que, pois és tão bela. Eu não poderia viver em Opar — eu que tenho toda a imensa floresta onde errar ao sabor dos meus caprichos. Não, não posso amar-te, mas também não posso ver-te morrer trespassada pelas presas de Tantor furioso. Corta estas minhas cordas antes que seja tarde. Olha que ele já está perto. Corta-as que eu te salvarei.

De um canto da pira levantou-se uma pequena espiral de fumo — as chamas já lambiam a lenha que crepitava. La parecia uma bela estátua do desespero olhando fixamente para Tarzan e para as labaredas que se propagavam. Mais um momento e elas o envolveriam. Da mataria emaranhada chegou o som de ramadas quebradas e troncos derrubados — era Tantor que se aproximava, tremendo Jaganata das selvas.

Os sacerdotes começaram a ficar inquietos. Lançavam olhares apreensivos em direção a La e ao elefante cada vez mais perto.

— Fugam! gritou ela, e abaixou-se para cortar as cordas que prendiam as mãos e os pés do prisioneiro. Num instante Tarzan pôs-se de pé. Os sacerdotes soltaram um grito de raiva e desapontamento. O que segurava o facho avançou ameaçadoramente para La e o homem-macaco.

— Traidora! gritou. Vais pagar por isso! e levantou o cacete para a Grã-Sacerdotisa.

Mas Tarzan saltou rápido e aparou a arma, arrancando-a das mãos do fanático furioso. Este atracou-se a ele com unhas e dentes. Tomando o corpo enfezado e disforme do opariano em suas mãos possantes, Tarzan levantou-o acima da cabeça, jogando-o em cima dos companheiros que se tinham ajuntado para cair sobre o prisioneiro liberto. La ficara atrás do homem-macaco, empunhando uma faca. Não havia vestígios de medo em seu semblante perfeito — só altivo desdém pelos sacerdotes e admiração pelo homem que ela amava sem esperança, ocupavam os seus pensamentos.

Súbito irrompeu em cena a fera enraivecida — um enorme elefante com os olhinhos inflamados de loucura assassina. Os sacerdotes estacaram um instante, paralisados de terror, mas Tarzan virou-se e, tomando La nos braços, correu para a árvore mais próxima. Tantor investiu sobre ele, bramindo estridentemente. La agarrou-se com ambos os braços ao pescoço do homem-macaco. Sentiu pular no ar e ficou maravilhada da força e agilidade com que ele se atirou aos galhos mais baixos de uma grande árvore e mais que depressa a içou fora do alcance da tromba sinuosa do paquiderme.

Frustrado desta vez, o imenso elefante rodou nas patas e carregou sobre os míseros sacerdotes, que se tinham espalhado em todas as direções, tomados de terror. O que estava mais perto foi colhido e arremessado alto entre os ramos de uma árvore, outro, envolvido na tromba e esmagado contra um grosso tronco, dois, pisados pelas patas enormes. Enquanto isso, os outros desapareciam na mata. Agora Tantor voltou de novo a atenção para Tarzan, pois um dos sintomas da loucura é a reversão dos sentimentos — o que é objeto de afeição no estado normal passa a ser objeto de ódio e loucura. Nos anais não escritos da floresta era conhecido o amor proverbial existente entre o homem-macaco e a tribo de Tantor. Nenhum elefante em toda a mata faria mal ao Tarmangani — o macaco branco, mas a loucura amorosa levava Tantor a procurar destruir o bom camarada de tanto tempo.

O elefante voltou à árvore onde Tarzan se refugiara com La. Empinou-se sobre as patas traseiras de encontro ao tronco e levantou a tromba, tentando alcançá-los, mas Tarzan previra isso e pusera-se fora do alcance da fera. O insucesso atijou ainda

mais a sanha do bicho. Tantor trombejava e trombeteava em berros e bramidos formidáveis que abalavam a terra. Encostou a cabeça contra a árvore forçando por derrubá-la, o tronco inclinou-se um pouco mas resistiu.

Tarzan tinha um modo de agir muito seu. Se fosse Numa ou Sabor ou Sheeta ou outra qualquer fera da mata que estivesse procurando exterminá-lo, o homem-macaco ter-lhe-ia dançado em torno cobrindo-o de uma saraivada de projéteis e invectivas. Haveria de descompô-lo e insultá-lo no calão da mata por ele tão bem conhecido, agora, porém, limitava-se a ficar sentado fora do alcance de Tantor, e tinha no rosto uma expressão de profundo pesar e compaixão, pois de todas as criaturas da floresta era Tantor a quem mais amava. Ainda que o pudesse matar, não pensaria em tal. O seu único pensamento era fugir, pois sabia que uma vez passado o acesso, Tantor voltaria às boas e Tarzan poderia estender-se novamente ao comprido sobre o dorso do amigo e dizer-lhe brincadeiras ao ouvido.

Vendo que não conseguiria derrubar a árvore, Tantor ficou ainda mais enraivecido. Olhou para os dois empoleirados no alto, e os seus olhinhos raiados de vermelho fuzilaram de ódio, então enrolou a tromba no tronco da árvore, afastou as patas dianteiras e pôs-se a cavar a terra para desarraigar o gigante da floresta. Tantor era formidável, um macho enorme na flor da sua força estupenda. De sorte que ao cabo de grande esforço a árvore começou a vacilar nas raízes, com viva consternação de Tarzan. O solo levantava-se em pequenos cômodos de terra na base do tronco, a árvore pendia para um lado — mais um momento e cairia desarraigada.

Tomando La nos ombros e no instante em que a árvore se inclinava lentamente, no seu primeiro movimento fora da perpendicular, antes de ruir com estrondo, o homem-macaco lançou-se ao galho vizinho de uma árvore menor. Foi um salto longo e arriscado. La fechou os olhos e estremeceu, mas quando os abriu de novo, encontrou-se sã e salva nos ombros de Tarzan, que se escapava pela floresta. Atrás deles a árvore arrancada tombava com fragor, arrastando em sua queda as árvores menores. Tantor, vendo que a presa lhe escapulira, soltou mais uma vez o bramido horrendo e arremeteu no encalço dos fugitivos.

Sacerdotisa, porém mulher

A PRINCÍPIO La fechou os olhos e apertou amedrontada o pescoço de Tarzan, posto não gritasse, mas dentro em pouco animou-se a olhar em redor, a olhar para o chão e até a ficar com os olhos abertos nos largos balanços perigosos de uma árvore a outra. Veio-lhe afinal um sentimento de segurança derivado da fé que tinha na força, na agilidade e na energia da criatura perfeita em cujas mãos descansava o seu destino. Houve um momento em que ergueu os olhos para o sol e murmurou uma oração de graças à divindade paga por não lhe ter consentido exterminar aquele homem que parecia um deus, e as suas longas pestanas ficaram embaciadas de lágrimas. Estranha criatura era essa La de Opar, dividida assim entre emoções que se contrariavam. Ora sacerdotisa cruel e sedenta de sangue servindo ao culto de um deus bárbaro, ora mulher de coração amolecido em compaixão e ternura. Já encarnando o ciúme e a vingança, já soluçando compassiva e generosa, lúbrica e virginal ao mesmo tempo, mas sempre mulher. Assim era La.

Apertava o rosto contra o ombro de Tarzan. Devagar foi virando a cabeça até encostar-lhe na carne os lábios ardentes. Amava-o e morreria feliz por ele, no entanto uma hora antes esteve quase enterrando-lhe a faca no coração, e poderia fazê-lo uma hora depois.

Um mísero sacerdote que procurava esconderijo na mata teve a infelicidade de ser visto por Tantor. A grande fera correu sobre o homenzinho, esmagou-o, e distraído da perseguição ao casal, disparou na direção do sul. Dentro de alguns minutos o eco dos seus bramidos perdia-se na distância.

Tarzan desceu ao solo e La pôs os pés em terra.

— Chama o teu povo, disse Tarzan.

— Se chamar, eles me matam, respondeu La.

— Não te matarão, contraditou o homem-macaco. Nenhum ousará matar-te enquanto estiver aqui Tarzan dos Macacos. Chama-os e falar-lhes-emos.

La ergueu a voz num estranho apelo aflautado que repercutiu em todas as direções da floresta. De perto e de longe responderam os gritos dos sacerdotes de Opar. La tornou a repetir o chamado. Um a um, grande número deles foram chegando e pararam a curta distância da Grã-Sacerdotisa e seu salvador. Tinham as sobancelhas carregadas e uma catadura ameaçadora. Quando estavam todos reunidos, Tarzan dirigiu-lhes a palavra.

— Vossa La está salva, começou o homem-macaco. Se ela me tivesse matado,

teria perecido com a maioria de vós, poupou-me, porém, para que eu pudesse salvá-la. Voltai com ela para Opar, e Tarzan seguirá o seu caminho floresta a fora. Faça-se a paz entre La e Tarzan. Qual é a vossa resposta?

Os sacerdotes resmungaram qualquer coisa e abanaram as cabeças. Confabularam entre si, e La e Tarzan perceberam que não estavam muito inclinados a aceitar a proposta. Não queriam voltar com La e desejavam completar o sacrifício de Tarzan ao Deus Flamejante. Afinal o homem-macaco começou a impacientar-se.

— Obedecei à ordem da vossa rainha e voltai com ela para Opar. Do contrário Tarzan dos Macacos chamará todas as criaturas da mata e vos matará a todos. La salvou-me

para que eu pudesse salvá-la a ela e a vos outros. Se não sois todos uns loucos, deixai-me seguir em paz o meu caminho e voltai com La para Opar. Ignoro onde está a faca sacrificai, mas podereis fabricar outra. Se eu não a tivesse tomado a La, ter-me-íeis matado. O vosso deus deve estar, satisfeito de eu a ter tomado, pois salvei a vossa sacerdotisa da fúria assassina de Tantor. Quereis regressar a Opar, prometendo não fazer nenhum mal a ela?

Os sacerdotes agruparam-se argumentando e discutindo. Batiam com os punhos nos peitos, levantavam as mãos e os olhos para o deus sinistro, resmoneavam entre si. Tornou-se evidente a Tarzan que um deles tentava dissuadir os demais de aceitarem a proposta. Era o Grão-Sacerdote, cujo coração se assanhara de ciúme porque La declarara abertamente o seu amor pelo estrangeiro, quando os costumes da tribo exigiam que a rainha pertencesse a um deles. Parecia não haver solução para o caso, quando outro sacerdote se adiantou e, levantando a mão, dirigiu-se a La:

— Cadj, o Grão-Sacerdote, quer sacrificar-vos ambos ao Deus Flamejante, mas todos nós, exceto Cadj, estamos prontos a voltar para Opar com a nossa rainha.

— Sois muitos contra um só, falou Tarzan. Por que não realizais a vossa vontade? Voltai com La para Opar, e se Cadj quiser impedi-lo, matai-o.

Os sacerdotes receberam a sugestão com altos gritos de aprovação. Parecia a todos uma inspiração divina. A influência de séculos de obediência ao Grão-Sacerdote fizera parecer-lhes impossível discutir-lhe a autoridade, mas agora, vendo que podiam forçá-lo a concordar com o que desejavam, estavam contentes como crianças que receberam novos brinquedos.

Precipitaram-se sobre Cadj e agarraram-no. Ameaçaram-no com as facas e os cacetes, gritando-lhe ao ouvido. Por fim o homem anuiu, embora de má vontade, aos pedidos, e Tarzan aproximou-se de Cadj.

— Sacerdote, disse. La volta ao seu templo sob a proteção dos seus sacerdotes. Quem quer que lhe faça o menor mal, morrerá às mãos de Tarzan e dos Macacos.

Tarzan voltará a Opar antes das próximas chuvas, e se alguma coisa acontecer a La, ai de Cadj, o Grão-Sacerdote!

Cadj prometeu de mau humor não fazer mal à sua rainha.

— Protegei-a! gritou Tarzan aos demais oparianos. Protegei-a para que, quando Tarzan regressar, encontre La em Opar para recebê-lo.

— La estará em Opar para te receber, exclamou a Grã-Sacerdotisa. E La te esperará, suspirando pela tua volta. Oh, dizes que voltarás!

— Quem sabe? respondeu o homem-macaco, e, lançando-se rápido às árvores, desapareceu na direção de leste.

La seguiu-o alguns instantes com os olhos. Depois baixou a cabeça, um suspiro escapou-lhe do peito, e como uma mulher alquebrada pelos anos iniciou ela a marcha para a longínqua Opar.

Tarzan errou entre as árvores até a noite descer sobre a floresta. Então deitou-se e adormeceu, sem nenhum pensamento além do dia de amanhã. La já não passava de uma sombra de reminiscência em sua memória.

Depois de alguns dias de marcha em direção ao norte, lady Greystoke suspirava pelo dia em que o seu esposo e senhor descobriria o crime de Achmet Zek e viria em seu socorro, e precisamente quando ela imaginava John Clayton correndo para salvá-la e vingá-la, o objeto dos seus pensamentos agachava-se, quase nu, junto de um tronco caído, sob o qual procurava com os dedos sujos algum escaravelho ou verme suculento para comer.

Só dois dias depois do roubo das jóias é que Tarzan se lembrou delas pela primeira vez. Então veio-lhe o desejo de brincar de novo com as pedrinhas, e não tendo nada de melhor a fazer do que satisfazer o primeiro capricho que lhe vinha à cabeça, levantou-se, saiu da floresta onde passara o dia da véspera e atravessou a planície.

Embora sinal nenhum mostrasse o sítio em que as jóias estavam enterradas, e apesar de o local se parecer com o resto de uma extensão ininterrupta de várias milhas, onde os caniços terminavam na auréola da campina, o homem-macaco foi direitinho ao ponto em que tinha ocultado o seu tesouro.

Com a faca de caça revolveu a terra frouxa embaixo da qual devia estar a bolsa, mas, embora cavasse além da profundidade do buraco que havia feito dois dias atrás, não encontrou vestígio de bolsa nem de jóias. Tarzan franziu a testa ao descobrir que tinha sido roubado. Pouco ou nenhum raciocínio foi necessário para convencê-lo da identidade do criminoso, e com a mesma celeridade que marcara a sua decisão de desenterrar as jóias, pôs-se à procura da pista do ladrão.

Embora o rasto fosse velho de dois dias, e quase apagado em muitos lugares, Tarzan não teve dificuldade em segui-lo. Um branco não seria capaz de seguir vinte passos um rasto feito doze horas antes, um negro tê-lo-ia perdido ao cabo da primeira milha, mas Tarzan dos Macacos tinha sido forçado em sua infância a desenvolver sentidos que um mortal ordinário quase nunca usa.

Podemos sentir o cheiro do alho ou do álcool no bafio de um homem do povo, ou perfume barato que emana da senhora toda enfeitada nossa vizinha de banco num ônibus, e deplorar então a sensibilidade das nossas narinas, mas a verdade é que não temos nenhum olfato. Os nossos órgãos olfativos estão praticamente atrofiados em comparação com o desenvolvimento do mesmo sentido entre os bichos da mata.

Onde pisa um pé fica muito tempo um eflúvio. Este não está ao alcance da nossa sensibilidade, mas para uma criatura das ordens inferiores, especialmente para os caçadores e para os caçados, ele é mais interessante e muitas vezes mais claro do que uma página impressa para nós.

E Tarzan não dependia somente do seu sentido de olfato. A vista e o ouvido tinham chegado nele a um estupendo grau de desenvolvimento pelas necessidades de sua vida de outrora, quando a sobrevivência dependia quase diariamente do exercício da vigilância mais apurada e do uso constante de todas as suas faculdades.

Assim Tarzan seguia o rasto do belga através da floresta em direção ao norte, mas como o rasto era velho, o avanço não podia ser rápido. O homem levava dois dias de dianteira sobre Tarzan, e não cessava de aumentá-la. Contudo o homem-macaco não tinha a menor dúvida de alcançar a sua presa um dia — até lá continuaria obstinadamente a rastrear-lhe os passos, parando de dia só para matar uma caça e comer, de noite para dormir.

De vez em quando cruzava ele com bandos de guerreiros selvagens, mas evitava-os, pois levava um propósito de que não podia ser distraído pelos acidentes menores do caminho.

Esses bandos pertenciam às hordas dos *waziris* e dos seus aliados convocados pelos mensageiros de Basuli. Marchavam todos para um ponto de encontro comum a fim de prepararem um assalto ao reduto de Achmet Zek, mas para Tarzan eram inimigos — ele não guardava nenhuma lembrança da amizade dos negros.

Era noite quando chegou à vista da aldeia fortificada do árabe. Empoleirado nos galhos de uma grande árvore pôs-se a observar o que ia por dentro da paliçada. O rasto levava-o àquele lugar. Ali devia estar a sua presa, mas como encontrá-la no meio de tantas cabanas? Tarzan, cômico embora de suas forças, conhecia também as suas limitações. Sabia não poder levar a melhor lutando em campo aberto com muitos. Para vencer, tinha que recorrer às astúcias e às manhas dos bichos da mata.

A salvo em sua árvore, mastigando um osso da perna de Horta, o javali, Tarzan esperava um momento propício para entrar na aldeia. Por algum tempo ficou roendo as cabeças arredondadas do grande osso, tirando pequenas lascas com as maxilas possantes, e sugando o tutano delicioso, mas de vez em quando lançava uma olhadela para o interior da aldeia. Via figuras vestidas de branco e negros seminus, mas não enxergou nenhum parecido com o ladrão das pedras.

Pacientemente esperou até que as ruas ficassem desertas, e quando só restavam as sentinelas no portão, desceu ágil da árvore, contornou a aldeia até o lado oposto e aproximou-se da paliçada.

Pendia-lhe da cintura uma longa corda de couro cru — evolução natural e mais segura da corda de cipós de sua infância. Desapertando-a, estendeu-a no chão atrás de si, e com um movimento hábil de punho atirou o laço a uma das pontas do alto da paliçada. Experimentou a solidez da pega, e, satisfeito, galgou ligeiro o muro, ajudado pela corda onde se segurava com ambas as mãos. Uma vez no alto, foi questão de um minuto colher novamente em voltas a corda, prendê-la à cintura, lançar um olhar rápido ao interior da paliçada, e seguro de não haver ninguém escondido embaixo, saltar ao chão de manso.

Estava agora dentro da aldeia. Diante dele estendia-se uma sucessão de tendas e palhoças nativas. Explorá-las uma por uma era tarefa cheia de perigos, mas o perigo constituía um fator natural da vida cotidiana — nunca atemorizava Tarzan. Os riscos, as probabilidades de vencer ou morrer, com a sua bravura e as suas faculdades opostas às de um digno antagonista atraíam-no.

Não havia necessidade de penetrar em cada habitação — por uma porta, uma janela, uma fresta, o seu olfato dizia-lhe se a presa estava ou não lá dentro. A princípio Tarzan passou por uma série de desapontamentos. Não havia vestígio do belga. Mas afinal chegou a uma tenda onde o cheiro do ladrão era forte. Escutou, de ouvido colado à lona dos fundos, mas nenhum som vinha de dentro.

Por fim cortou uma das cordas, levantou a lona e introduziu a cabeça no interior da tenda. Tudo estava quieto e escuro. Tarzan penetrou com cautela — forte era ali o cheiro do belga, mas não era cheiro de presença. Mesmo antes de ter examinado minuciosamente o interior, Tarzan já sabia não haver ninguém dentro.

Viu num canto um amontoado de lençóis e roupas espalhadas em torno, mas nem sinal do saquinho de pedras. O exame cuidadoso do resto da tenda nada mais revelou, pelo menos nada que indicasse estarem as jóias ali, mas no ponto em que se viam os lençóis e as roupas revolvidas, o homem-macaco descobriu que a lona da tenda estava solta embaixo, e logo adivinhou que o belga devia ter saído por ali recentemente.

Tarzan não tardou em rastear o caminho por onde a presa fugira. O rasto ia sempre pela sombra e pelo fundo das cabanas e das tendas da aldeia — era manifesto que o belga saíra só e às escondidas. Evidentemente temia os habitantes da aldeia, ou pelo menos realizava empreitada de tal natureza, que não ousava arriscar-se a ser apanhado.

Nos fundos de uma cabana o rasto levava a um orifício praticado recentemente na taipa. Tarzan insinuou-se sem medo pela estreita abertura. Dentro da cabana o seu olfato foi assaltado por muitos odores diversos, mais claro e distinto entre eles havia um que lhe despertou uma lembrança latente do passado — era o cheiro leve e delicado de uma mulher. Percebendo-o, o homem-macaco sentiu no peito um estranho desassossego — resultado de uma força irresistível com a qual entraria de novo em conhecimento — o instinto que impele o macho para a fêmea.

Na mesma cabana havia o cheiro do belga também e como ambos impressionassem ao mesmo tempo as narinas do homem-macaco, misturando-se um com o outro, o ciúme ferveu-lhe no sangue, embora a sua memória não guardasse nenhuma imagem daquela que assim lhe despertara o desejo.

Como a tenda que investigara, a cabana também estava vazia, e depois de verificar que o saquinho roubado não estava escondido em parte alguma ali, ele saiu como tinha entrado, pelo buraco da parede dos fundos.

Lá fora retomou o rasto do belga, seguindo-o através da clareira, do outro lado da paliçada, e além na escuridão da mata.

CAPÍTULO 15

A fuga de Werper

WERPER, depois de compor o manequim na cama e escapular-se por debaixo da lona do fundo da tenda, caminhou diretamente para a cabana em que Jane Clayton estava cativa.

A porta havia uma sentinela negra acocorada. Werper aproximou-se resolutamente, segredou-lhe algumas palavras, passou-lhe um pacote de tabaco e penetrou na cabana. O negro sorriu e piscou um olho ao ver o europeu desaparecer na escuridão do interior.

O belga, sendo um dos principais lugar-tenentes de Achmet Zek, podia naturalmente andar por onde quisesse dentro e fora da aldeia. Por isso a sentinela não fizera objeção à entrada dele na cabana onde estava prisioneira a mulher branca.

Uma vez lá dentro, Werper chamou em voz baixa:

— Lady Greystoke! Sou eu, Frecoult. Onde está a senhora?

Mas não teve resposta. Tateou às pressas o interior, estendendo as mãos para todos os lados. Não havia ninguém lá dentro!

Não há palavras que descrevam o espanto de Werper. Ia sair para tomar informações da sentinela, quando os seus olhos, habituando-se à escuridão, descobriram uma mancha de negrume atenuado na base da parede do fundo da cabana. O exame revelou que a mancha era uma abertura praticada na parede, abertura bastante larga para permitir a passagem de uma pessoa. Certo como estava de que por ali passara lady Greystoke numa tentativa de evadir-se da aldeia, Werper apressou-se em barafustar pelo mesmo caminho, mas não perdeu tempo na procura inútil de Jane Clayton.

A sua própria vida dependia das possibilidades de iludir ou distanciar Achmet Zek, quando este desse pela fuga do seu lugar-tenente. O plano primitivo de Werper implicava a cumplicidade na evasão de lady Greystoke por duas razões muito boas. A primeira era que, salvando-a, ganharia a gratidão do inglês, diminuindo assim a probabilidade da extradição, caso lhe descobrissem a identidade e o crime cometido contra o seu superior.

A segunda baseava-se no fato de não haver para ele nenhum rumo seguro de evasão. Não podia viajar para oeste por causa das possessões belgas que o separavam do Atlântico. O sul lhe estava fechado pela presença temida do homem-macaco, por ele roubado. Ao norte havia os amigos e aliados de Achmet Zek. Só a leste, pela África Oriental Inglesa, é que via esperança de salvação.

Acompanhando uma titular inglesa a quem livrara de uma sorte medonha e declarada por ela, e a sua qualidade de francês sob o nome de Frecoult, contava ele, não sem razão, com a assistência ativa dos ingleses desde o momento em que entrasse em contacto com o primeiro posto daquela nacionalidade»

Mas agora que lady Greystoke desaparecera, não obstante estar ainda esperançado a leste, a sua confiança diminuía, e outro desígnio subsidiário desvanecera-se por completo. Desde o momento em que pela primeira vez pusera os olhos em Jane Clayton, nutria no peito uma paixão secreta pela formosa esposa norte-americana do lorde inglês, e quando a descoberta das jóias por parte de Achmet Zek tornara necessária a fuga. sonhara o belga, em seus planos, com um futuro em que pudesse persuadir lady Greystoke da morte do marido e, explorando-lhe os sentimentos de gratidão, conquistá-la para si.

Naquela parte da aldeia mais distante do portão, Werper descobriu dois ou três longos caibros, tirados de uma pilha deles, destinados à construção de cabanas, encostados ao remate da paliçada, oferecendo um meio de fuga precário, mas não impossível.

Inferiu certo que lady Greystoke se valera daquele recurso para escalar o muro, e não perdeu um momento em adotar o mesmo expediente. Uma vez na floresta, rumou diretamente para leste.

Algumas milhas ao sul, Jane Clayton jazia ofegante nos galhos de uma árvore onde se refugiara de uma leoa errante e faminta.

A sua evasão da aldeia tinha sido mais fácil do que ela imaginara. A faca de que se servira para abrir caminho através da parede da cabana, achara-a lá mesmo, esquecida sem dúvida por alguém que ocupara o aposento anteriormente.

Em poucos instantes atravessara os fundos da aldeia, seguindo sempre pela sombra mais densa, e a feliz circunstância de encontrar os caibros empilhados tão perto da paliçada resolvera o problema da escalada do alto muro.

Durante uma hora seguiu ela a velha trilha de caça que levava ao sul até que lhe chegaram aos ouvidos apurados as pisadas furtivas de um animal que a acompanhava. A árvore mais próxima deu-lhe o refúgio urgente pois ela tinha experiência de sobra das coisas da floresta para arriscar a segurança um segundo sequer depois de descobrir que estava sendo caçada.

Werper, mais feliz, viajou sem acidente até de madrugada, quando enxergou, consternado, um árabe a cavalo que lhe vinha no encalço. Era um dos facínoras de Achmet Zek, muitos dos quais andavam espalhados em todas as direções na floresta, à procura do belga fugitivo.

A fuga de Jane Clayton não tinha sido descoberta quando Achmet Zek e seus

homens partiram em busca de Werper. O único homem que vira o belga depois que este saiu da sua tenda, foi o negro de sentinela à porta da cabana-prisão de lady Greystoke, e está claro que guardou silêncio diante da descoberta do cadáver do homem que o substituíra, a sentinela abatida por Mugambi.

A sentinela subordinada inferiu naturalmente que Werper fora o assassino e não ousara confessar ter permitido ao belga entrar na cabana, temendo, como temia, a cólera de Achmet Zele. Assim, como sucedeu que ele fosse o primeiro a dar com o cadáver quando se levantou o primeiro alarma da evasão de Werper, o astucioso negro arrastou o corpo para o interior de uma tenda vizinha e retomou o plantão à porta da cabana onde acreditava estar ainda a mulher.

Logo que viu o árabe atrás dele, o belga escondeu-se na folhagem de uma moita espessa. A trilha aqui corria apertada numa distância considerável, e floresta abaixo, sob a arcada da ramaria, veio descendo a figura vestida de branco do perseguidor.

Cada vez aproximava-se mais. Werper coseu-se com o chão atrás da folhagem do seu esconderijo. Mas do outro lado da trilha uma trepadeira moveu-se. Os olhos de Werper voltaram-se instantaneamente para aquele ponto. Não havia nenhuma aragem para agitar assim um ramo nas profundezas da mata. Na mente do belga só a presença de uma força sinistra e malévola podia explicar o fenômeno.

Werper não tirava os olhos do outro lado da trilha. Pouco a pouco uma forma foi aparecendo — fulva e terrível, com olhos verde-amarelos luzindo pavorosamente em frente dele.

Werper quase gritou de terror, mas pela trilha aproximava-se o mensageiro de outra morte, igualmente certa e não menos terrível. Quase paralisado de medo, o belga permaneceu silencioso. Quando o leão se agachou para o bote, foi a atenção subitamente distraída pelo cavaleiro.

Werper viu a cabeça maciça virar-se na direção do árabe, e o seu coração quase cessou de bater, esperando o resultado da interrupção. O cavaleiro aproximou-se. Assustar-se-ia o cavalo com o cheiro do carnívoro e tomaria o freio nos dentes, deixando Werper de novo à mercê do rei dos animais?

Mas o cavalo parecia não pressentir a proximidade do grande felino. Vinha tranqüilo, de pescoço arqueado, mastigando o freio. O belga voltou os olhos de novo para o leão. Toda a atenção do carnívoro parecia agora concentrada no cavaleiro. Este já estava ao alcance do leão, e no entanto- o felina continuava imóvel. Estaria esperando apenas que o cavaleiro passasse para voltar a atenção sobre a presa primitiva? Werper estremeceu e ergueu-se a meio. No mesmo instante o leão pulou do esconderijo, caindo em cheio sobre o árabe. O cavalo, com um relincho de terror, saltou para o lado, quase em cima do belga, o leão arrancou o homem da sela e o

cavalo, rodando sobre as patas traseiras, fugiu à disparada na direção do oeste.

Mas não fugiu sozinho. Quando o animal assustado viera sobre ele, Werper viu a sela vazia e não deixou escapar a oportunidade que se lhe apresentava. Mal o leão arrancara o árabe de cima do cavalo, o belga, agarrando o arção da sela e a crina do animal, pulava em cima deste.

Meia hora depois um gigante nu, arrojando-se com agilidade através da galharia baixa das árvores, parou e dilatando as narinas aspirou o ar da manhã. Sentiu o cheiro de sangue fresco e com ele o de Numa, o leão. O gigante inclinou a cabeça de lado e escutou.

Vinham da trilha, a curta distância, os ruídos inconfundíveis do repasto ávido de um leão. O trincar dos ossos, o engolir dos nacos enormes, os grunhidos satisfeitos, tudo atestava a proximidade do rei banquetecendo-se.

Tarzan aproximou-se do lugar, sempre sobre a galharia. Não procurou esconder-se, e daí a pouco percebeu que Numa o tinha pressentido, pelo sinistro rosnado de ameaça que rompeu de uma moita ao lado da trilha.

Parando num galho baixo, bem por cima da horrível cena, Tarzan olhou para baixo. Seria aquela forma irreconhecível o homem que ele vinha rasteando? O homem-macaco estava perplexo. De tempos em tempos descera ao chão e verificara pelo faro que o belga havia seguido aquela trilha de caça na direção de leste.

Passou adiante do leão e desceu de novo à trilha, farejando o solo. Não havia cheiro de homem ali. Tarzan voltou à árvore. Com os olhos penetrantes, investigou o terreno em tomo do corpo mutilado, procurando algum vestígio do saco das pedrinhas bonitas, mas nada viu.

Pôs-se a gritar com Numa, tentando enxotá-lo do lugar, só teve em resposta grunhidos coléricos. Quebrou pequenos galhos de um tronco vizinho e atirou-os ao seu antigo inimigo. Numa olhou para cima arreganhando as presas, mas não se levantou de cima da sua carniça.

Então Tarzan meteu uma flecha no arco e recurvando-o o mais possível, visou o leão. Quando a flecha se lhe cravou no lombo, Numa saltou com um bramido de dor e cólera. Fazia esforços inúteis para alcançar o homem-macaco, mordida o cabo da flecha, e pulando na trilha, andava de um lado para outro abaixo de seu atormentador. Tarzan despediu outra flecha. Desta vez o projétil, mandado com pontaria caprichada, acertou na espinha do leão. O grande felino estacou e espichou-se sobre o focinho, paralisado.

Tarzan desceu à trilha, aproximou-se rápido do leão, enterrou a lança no coração da fera e retirou as flechas. Em seguida voltou a atenção para os restos mutilados da vítima de Numa.

O rosto fora-se. As vestes árabes não davam nenhuma indicação sobre a identidade, pois Tarzan o rasteara dentro e fora do acampamento árabe, onde o belga podia facilmente ter trocado de vestimenta. Tão certo estava Tarzan de ser aquele o corpo do ladrão das pedras, que não procurou coordenar as suas deduções farejando o conglomerado de odores do grande carnívoro e do sangue fresco da carniça.

Limitou a sua atenção a uma procura cuidadosa da bolsa mas em parte alguma, nem no cadáver, nem em redor dele, havia vestígio do saquinho ou do seu conteúdo. O homem-macaco estava desapontado — possivelmente não tanto por causa da perda das pedrinhas coloridas como por Numa o ter privado dos prazeres de vingança.

Imaginando o que podia ter acontecido com as suas pedras, o homem-macaco retrocedeu devagar pela trilha na direção de onde tinha vindo. Revolvia na mente o plano de novamente penetrar e pesquisar no acampamento árabe, depois que a noite caísse. Subindo às árvores, moveu-se em direção ao sul, à procura de caça a fim de matar a fome antes de meio-dia e depois passar a tarde em algum lugar afastado do acampamento, onde pudesse dormir tranqüilo, sem receio de ser descoberto, até chegar a hora de realizar o seu projeto.

Mal deixara ele a trilha, quando um guerreiro negro, alto, passou trotando rumo de leste. Era Mugambi, que ia à procura de sua senhora. Ao ver o corpo do leão, morto, parou para averiguar. O negro franziu a testa, intrigado ao examinar os golpes que tinham causado a morte do rei da mata. -Tarzan retirara as flechas, mas para Mugambi a prova da morte era tão forte como se os dois leves projéteis e a lança ainda estivessem cravados na carcaça.

O negro olhou furtivamente em volta de si. O corpo estava ainda quente, e desse fato deduziu Mugambi que o matador devia estar por perto, e, no entanto não aparecia sinal do ser vivo. O preto abanou a cabeça e prosseguiu caminho, redobrando, porém a cautela.

Viajou todo o dia, parando de vez em quando para chamar em voz alta "Lady", na esperança de que afinal a patroa o ouvisse e respondesse, mas, por fim, a sua extrema dedicação perdeu-o.

Vindo do nordeste, havia vários meses que Abdul Murak, à testa de um destacamento de soldados abissínios, andava no encalço de Achmet Zele, o qual seis meses antes ultrajara a majestade do imperador de Abdul Murak, invadindo os limites do domínio de Menelik para fazer escravos.

E aconteceu que Abdul Murak fizera alto por algum tempo, quando o sol ia a pino naquele dia, na mesma trilha seguida por Werper e Mugambi na direção de leste.

Pouco depois de os soldados terem desmontado, o, belga, não os tendo

pressentido, entrou quase pelo meio deles antes de os ter descoberto, e foi instantaneamente cercado, envolvido numa saraivada de perguntas, tirado fora da sela e conduzido à presença do comandante.

Valendo-se da sua naturalidade européia, Werper assegurou a Abdul Murak ser francês e andar caçando na África, e que tinha sido atacado por estrangeiros que lhe haviam matado ou destroçado o safári, ele próprio não escapando senão por milagre.

Por uma frase casual do abissínio, Werper descobriu o fim da expedição, e percebendo que aqueles homens eram inimigos de Achmet Zek, criou coragem imediatamente e atribuiu ao árabe o pseudo-assalto de que se dizia vítima.

Receando, no entanto, cair novamente nas mãos do bandido, dissuadiu Abdul Murak de ir ao encontro de Achmet Zek, dizendo que este comandava uma força grande e bem armada, e também que marchava rapidamente na direção do sul.

Convencido de que tão cedo não alcançaria o árabe e, mais, que as probabilidades de vitória eram muito discutíveis, Murak, nada aborrecido aliás, abandonou o seu projeto e deu as necessárias ordens para que se armasse acampamento no sítio onde estavam a fim de na manhã seguinte iniciar o regresso à Abissínia.

Ao cair da tarde foi a atenção do acampamento despertada a oeste pelo eco de uma voz possante que repetia várias vezes a mesma palavra: "Lady! Lady! Lady!"

Fiéis aos seus instintos de cautela, um certo número de abissínios, obedecendo às ordens de Abdul Murak, avançou sorrateiramente pela floresta na direção do apelo.

Meia hora depois voltaram arrastando Mugambi. A primeira pessoa que os olhos do negro enxergaram ao ser empurrado à presença do chefe abissínio foi Jules Frecoult, o francês que tinha sido hóspede de lorde Greystoke e a quem vira pela última vez entrando na aldeia de Achmet Zek em circunstâncias que denunciavam a familiaridade e amizade existente entre o europeu e o árabe.

Entre os desastres acontecidos ao patrão e o francês, Mugambi via uma sinistra relação, em vista do que guardou de se dar a conhecer a Werper. Este evidentemente não se lembrava dele.

Alegando ser um caçador inofensivo pertencente a uma tribo longínqua do sul, Mugambi suplicou que lhe deixassem seguir o seu caminho, mas Abdul Murak, admirando o físico esplêndido do guerreiro, decidiu levá-lo para Adis Abeba e presenteá-lo a Menelik. Poucos momentos depois Mugambi

e Werper marchavam com sentinela ao lado, e o belga verificou que era tratado mais como prisioneiro do que como hóspede. Em vão protestou contra isso: um soldado deu-lhe uma lambada na boca e ameaçou-o de fuzilá-lo se insistisse.

Mugambi não se importou, pois estava certo de encontrar durante a viagem ampla

oportunidade de iludir a vigilância dos guardas e escapulir-se. Sempre com esse plano na cabeça, tratou de agradar os abissínios, fez-lhes muitas perguntas sobre o imperador e o país, mostrando cada vez mais o desejo de chegar a Adis Abeba, a fim de gozar de todas as boas coisas que lhe diziam haver naquela cidade. Assim desarmou as suspeitas, e dia a dia via diminuída a vigilância exercida sobre ele.

Aproveitando-se do fato de estarem ele e Werper sempre juntos, procurou Mugambi conhecer o que o outro sabia do paradeiro de Tarzan ou da autoria do assalto ao bangalô, bem como do destino de lady Greystoke, mas como tinha que cingir-se aos acidentes da conversa, não ousando revelar a Werper a sua verdadeira identidade, e como Werper também tinha todo o interesse em esconder a parte que tomara na destruição do lar e da felicidade do homem que o acolhera, Mugambi nada pôde descobrir — pelo menos por esse meio.

Mas tempo chegou em que ele veio, por acaso, a ter conhecimento de um fato muito importante.

A caravana acampara pela calma de uma tarde muito abafada à margem de um belo rio de águas claras. O leito era de areia, não havia sinal de crocodilos, ameaça constante aos banhos em comum nos rios de certas regiões do continente negro. À vista disso, os abissínios aproveitaram a oportunidade para se entregarem às abluções de que há tanto tempo se viam privados.

Quando Werper, que, como Mugambi, tivera licença para entrar na água, tirou a roupa, notou o preto o cuidado com que ele desapertava alguma coisa que trazia presa à cintura, retirando-a com a camisa, onde procurava ocultá-la com extrema cautela.

Foi mesmo esse excesso de cautela que chamou a atenção do negro, despertando natural curiosidade no espírito do guerreiro. E sucedeu que o belga, no nervosismo com que apalpava a todo momento o objeto escondido, deixou-o cair, e Mugambi viu espalhar-se no chão uma parte do conteúdo.

Ora, Mugambi tinha estado em Londres com o patrão. Não era o selvagem ingênuo que o seu aspecto aparentava. Já se misturara com a multidão cosmopolita da maior cidade do mundo, visitara museus e contemplara montras, era, além disso, homem inteligente e astuto.

No instante em que as jóias de Opar rolaram cintilando ante os seus olhos surpresos, viu logo o que elas eram, mas reconheceu também outra coisa que lhe interessava muito mais profundamente do que o valor das pedras. Mil vezes vira a bolsa de couro pendente da cintura do patrão, quando Tarzan dos Macacos, por espírito de brincadeira e aventura, voltava por algumas horas aos modos e costumes primitivos da sua juventude, e cercado pelos guerreiros negros caçava o leão e o

leopardo, o búfalo e o elefante à maneira preferida.

Werper percebeu que Mugambi vira a bolsa e as pedras. Apanhou às pressas as gemas preciosas e meteu-as no saquinho, enquanto Mugambi, fingindo um ar distraído, se encaminhou devagar para o rio, a fim de tomar o seu banho.

Na manhã seguinte Abdul Murak ficou danado da vida ao descobrir que o latagão do preto fugira durante a noite. Werper também ficou assustadíssimo, pela mesma razão, até o momento em que se certificou de ter ainda a bolsa embaixo da camisa, e, apalpando-a, sentiu as arestas agudas das pedras.

Tarzan de novo à testa dos Manganis

ACHMET ZEK, com dois dos seus sequazes, fizera um largo rodeio para o sul, com o fim de interceptar a fuga do desertor. Outros espalharam-se em várias direções, de sorte a formar durante a noite um vasto círculo, e agora davam todos uma batida minuciosa, encaminhando-se para o centro.

Achmet e os dois homens pararam para um pequeno descanso antes do meio-dia. Acocoraram-se à sombra das árvores ao sul de uma clareira. O chefe estava de mau-humor. Ter sido ludibriado pelo lugar-tenente já era bastante desagradável, mas ver ao mesmo tempo escaparem-lhe as jóias que tanto cobiçara, isso era demais — Alá devia estar muito irritado com o seu servo.

É verdade que restava a mulher. Esta era provável que desse bom preço no norte, e havia, também, o tesouro enterrado perto das ruínas da casa do inglês.

Um ligeiro ruído na mata, do lado oposto da clareira, despertou de pronto a atenção de Achmet Zek. Levou a carabina ao ombro, e ao mesmo tempo que mandava com um gesto os homens calarem e esconderem-se, ficou preparado para atirar. Agachando-se atrás de uma muita, esperou de olhos fixos na extremidade oposta da clareira.

Em breve os ramos apartaram-se, e uma mulher apareceu, olhando medrosamente a um e outro lado. Um momento depois, satisfeita evidentemente de não deparar com perigo nenhum imediato, avançou na clareira, mostrando-se inteiramente ao árabe.

Achmet Zek susteve a respiração, balbuciando uma exclamação de surpresa e incredulidade. A mulher era a prisioneira que ele imaginava em segurança no acampamento!

Estava só, ao que parecia, mas Achmet aguardou ter a certeza de tal, antes de agarrá-la. Jane Clayton atravessou lentamente a clareira. Já por duas vezes, depois que deixara a aldeia do árabe, escapara por pouco das garras dos carnívoros, e uma vez, quase dera de cara com um dos homens de Achmet que andava à procura de Werper. Embora quase desesperançada de salvar-se, estava determinada a lutar até que a morte ou o sucesso coroasse os seus esforços.

Ao mesmo tempo que os árabes a vigiavam do seu esconderijo, e Achmet Zek notara com satisfação que ela vinha na direção em que ele se achava, outro par de olhos observava toda a cena da folhagem de uma árvore vizinha. Olhos intrigados e perplexos eram aqueles, apesar do seu brilho selvagem, pois o possuidor lutava com uma intangível sugestão de familiaridade que lhe vinha do rosto e do corpo da

mulher que ele estava vendo.

O estalo súbito de um arbusto no ponto de onde surgira Jane Clayton fê-la estacar de repente e atraiu a atenção dos árabes e do observador trepado na árvore para o mesmo lugar.

A mulher virou-se para ver que novo perigo a ameaçava, e, ao fazê-lo, deu com um grande macaco antropóide que penetrava, bamboleando-se, na clareira. Atrás dele vinha outro e mais outro, mas Lady Greystoke não esperou ver quantas dessas horrendas criaturas lhe vinham tão perto no rasto.

Com um grito abafado correu ela para a mata do lado oposto, e ao chegar ali, Achmet Zek e os seus dois asseclas ergueram-se e agarraram-na. No mesmo instante um gigante trigueiro e nu saltava dos galhos de uma árvore à direita da clareira.

Voltando-se para os macacos atônitos, vozeou uma enfiada de sons guturais, e, sem esperar pelo efeito de suas palavras sobre eles, rodou nos calcanhares e investiu em cima dos árabes.

Achmet Zek arrastava Jane Clayton em direção ao cavalo. Os seus comparsas desamarravam às pressas as três cavalgadas. A mulher, lutando para desvencilhar-se do árabe, virou-se e viu o homem-macaco correndo para ela. Um relâmpago de esperança iluminou-lhe o rosto.

— John! gritou. Graças a Deus, chegaste a tempo.

Atrás de Tarzan vinham os grandes macacos, espantados mas obedientes ao comando do Tarmangani. Perceberam os árabes que não teriam tempo de cavalgar os animais e disparar antes de serem alcançados pelos bichos e pelo homem. Achmet Zek reconheceu no primeiro o temível inimigo dos homens da sua laia, e viu na situação uma oportunidade para desembaraçar-se de uma vez por todas da presença do homem-macaco.

Ordenando aos seus homens que lhe seguissem o exemplo, levantou a carabina e visou o gigante. Os outros dois, agindo com a mesma presteza, fizeram fogo quase simultaneamente, e com as detonações Tarzan dos Macacos e dois dos seus cabeludos companheiros caíram no meio do capim da mata.

O estrondo dos tiros assustou os macacos, que estacaram por um instante, e os árabes, aproveitando-se dessa distração momentânea dos bichos, saltaram nas selas e fugiram a galope, levando a mulher.

Tocaram para a aldeia, e mais uma vez lady Greystoke se viu encarcerada na imunda cabana de onde pensara ter escapado para sempre. Mas desta vez estava não só guardada por uma sentinela a mais, como ainda amarrada.

Aos poucos foram chegando de mãos vazias os homens que haviam partido com

Achmet Zek no encalço do belga. Com as notícias comunicadas por cada um deles a raiva e o desapontamento do chefe cresceram, transformando-se num acesso de fúria tão selvagem que ninguém tinha coragem de aproximar-se-lhe. Ameaçando e praguejando, Achmet Zek andava de um lado para outro no interior de sua tenda de seda, mas de nada lhe valeria o furor — Werper fôra-se! e com ele a fortuna em pedras cintilantes que suscitara a cobiça do chefe e colocara a sentença de morte sobre a cabeça do lugar-tenente.

Com a fuga dos árabes, os grandes macacos voltaram a atenção para os três companheiros caídos. Um estava morto, mas o outro e o grande macaco branco respiravam ainda. Os monstruosos peludos reuniram-se em torno dos dois, grunhindo e resmungando a maneira da sua espécie.

Tarzan foi o primeiro a recobrar os sentidos. Sentando-se, olhou em volta de si. O sangue corria-lhe de um ferimento no ombro. O choque derrubara-o atordoando-o, mas não havia gravidade. Erguendo-se devagar, lançou os olhos para o sítio onde vira aquela que lhe despertara no peito selvagem tão estranhas emoções.

— Que é dela? perguntou.

— Os Tarmanganis carregaram-na, respondeu-lhe um dos macacos. Quem és tu que falas a língua dos Manganis?

— Eu sou Tarzan, caçador possante e o maior lutador das matas. Quando rujo, a floresta silencia e estremece de pavor. Sou Tarzan dos Macacos. Andei viajando, mas agora voltei a viver no seio do meu povo.

— É Tarzan, sim, disse um velho macacão. Conheço-o. Ainda bem que voltou. Agora poderemos fazer boas caçadas.

Os outros macacos aproximaram-se e farejaram o homem-macaco. Tarzan conservou-se quieto, arreganhando um pouco os dentes e com os músculos tesos e prontos para entrar em ação, mas nenhum contestou-lhe o direito de ficar com eles, e daí a pouco, concluída satisfatoriamente a inspeção, os macacos voltaram a atenção para o outro sobrevivente.

O ferimento deste também era leve, uma bala, passando-lhe de raspão no crânio, fizera-o tontear, mas, ao recobrar os sentidos, estava tão sacudido como nunca.

Os macacos disseram a Tarzan que eles vinham atravessando a floresta na direção de leste, quando sentiram o cheiro da mulher e puseram-se a espreitá-la. Agora desejavam continuar a marcha interrompida, mas Tarzan preferiu seguir os árabes e arrebatá-lhes a mulher. Depois de muita discussão, ficou decidido irem primeiro caçar a leste por alguns dias e depois voltarem à procura dos árabes, e como o tempo é coisa de pouca monta para a macacaria, Tarzan anuiu à proposta, visto que ele também revertera a um estado mental apenas um pouco superior ao dos

companheiros.

Outra coisa que o decidiu a adiar a perseguição aos árabes foram as dores produzidas pelo ferimento. Era melhor esperar sarar por completo antes de lançar-se de novo contra as carabinas dos Tarmanganis.

E assim, enquanto Jane Clayton era metida, de mãos e pés atados, na cabana-prisão, o seu protetor natural vagava para leste em companhia de um bando de monstros cabeludos, em cuja promiscuidade se comprazia da mesma maneira que alguns meses atrás convivia com os sócios impecáveis dos clubes mais seletos e fechados de Londres.

Mas a todo o momento repontava do fundo do cérebro lesado de Tarzan a convicção inquietante de se achar fora de seu meio — de que deveria estar por alguma razão inexplicável em outro lugar e entre outra espécie de criaturas. Além disso havia a necessidade urgente de acompanhar o rasto dos árabes para vir em socorro da mulher que lhe excitara tão fortemente os sentimentos selvagens, posto que a palavra que lhe ocorreria naturalmente ao pensar na coisa fosse "captura" e não "socorro".

Para ele, era ela como qualquer outra fêmea da floresta. Nela pusera a sua intenção de macho. Por um momento, ao aproximar-se da mulher na clareira onde os árabes a agarraram, o aroma sutil que já antes lhe despertara os desejos na cabana em que ela estivera prisioneira, impressionando-lhe as narinas, convenceu-o de ter encontrado a criatura por quem sentira romper-lhe no coração uma paixão tão súbita e inexplicável.

O caso do saquinho das jóias também ocupava até certo ponto os seus pensamentos, de sorte que havia duplo motivo de urgência para que ele regressasse ao acampamento dos árabes. Queria entrar na posse tanto dos seixos bonitos como da mulher. Depois voltaria à companhia dos grandes macacos com ela e com as pedrinhas, e conduzindo os seus camaradas peludos a algum recesso longínquo fora do conhecimento dos homens, levaria uma boa vida de caças e batalhas entre as ordens inferiores, à maneira selvagem, que era a única de que tinha lembrança.

Falou nos assuntos aos companheiros-macacos, numa tentativa de persuadi-los a acompanhá-lo, mas todos, exceto Taglat e Chulk, recusaram. O último era jovem e robusto, dotado de maior inteligência do que os outros, e por isso possuidor de poderes de imaginação mais bem desenvolvidos. A expedição tinha para este um sabor de aventura que o atraía fortemente. Em relação a Taglat o incentivo era outro — secreto e sinistro incentivo que, se Tarzan dos Macacos pudesse adivinhar, o teria atirado numa fúria de ciúme à goela do outro.

Taglat, posto não fosse mais jovem, era ainda um animal formidável, de pujante

musculatura, cruel e, em virtude de sua maior experiência, astucioso e finório. Além disso tinha proporções gigantescas e o peso da sua massa enorme dava-lhe muitas vezes vantagem sobre a agilidade superior de um antagonista mais moço.

Era casmurro e mal-humorado, o que o assinalava mesmo entre os seus companheiros carrancudos, nos quais essas características são antes a regra que a exceção, embora Tarzan não o percebesse, odiava o homem-macaco com uma ferocidade que só conseguia esconder porque a ascendência da criatura superior lhe inspirava uma espécie de temor, tão poderoso quanto inexplicável para ele.

Estes, pois, seriam os companheiros de Tarzan na expedição ao acampamento de Achmet Zek. Ao partirem, o resto da tribo deu-lhes apenas um olhar de despedida, voltando logo a preocupar-se com o caso sério da alimentação.

Tarzan encontrou dificuldade em manter o espírito dos companheiros aplicado ao fim que tinham em vista, pois o espírito de um macaco carece de força de concentração sustentada. Encetar uma jornada longa, visando um destino definido, é uma coisa, ter o desígnio sempre presente e em primeiro plano no foco da consciência, outra muito diversa. Há tantas coisas para distrair a atenção no caminho!

Chulk a princípio queria correr, como se a aldeia dos árabes ficasse à distância de uma hora em vez de vários dias de marcha, mas dentro de poucos minutos uma árvore caída atraía-lhe a atenção gulosa, e quando Tarzan, dando por falta dele, voltara atrás para procurá-lo, dava com Chulk acorado junto de um pau podre, muito entretido em escavar minhocas e escaravelhos — parte considerável na dieta dos macacos.

Não havia outro remédio senão esperar que Chulk desse cabo da bicharia. Mas então que era de Taglat? Depois de muita procura Tarzan ia encontrar o digno "gentleman" muito ocupado em contemplar os sofrimentos de um pobre roedor por ele gadanhado. Sentado em atitude de aparente indiferença, olhava noutra direção, enquanto o bichinho estro-piado se estorcia lenta e penosamente para escapular, e depois, quando a vítima já se considerava a salvo, o macaco abatia a palma gigante sobre o fugitivo. Repetia essa operação uma porção de vezes, até que se cansava da brincadeira e acabava com a tortura do parceiro, devorando-o.

Essas foram as causas exasperantes da demora que retardou o regresso de Tarzan à aldeia de Achmet Zek, mas o homem-macaco suportou tudo com paciência, pois tinha em mente um plano que reclamava a presença de Chulk e Taglat quando chegasse ao destino.

Nem sempre era fácil sustentar no espírito vacilante dos antropóides o interesse pela aventura. Chulk resmungava contra a marcha continuada e a infreqüência e

curta duração dos repousos. Teria de bom grado abandonado a partida caso Tarzan não o estimulasse continuamente com a descrição tentadora dos bons petiscos que iriam encontrar na aldeia dos Tarmanganis.

Taglat tinha lá o seu desígnio secreto que o fazia persistir mais do que fora de esperar de um macaco, contudo, havia momentos em que ele também teria desistido da aventura, se Tarzan não o engambelasse com agrados e promessas.

Pela tarde de um mormacento dia tropical, os sentidos apurados dos três deram sinal da proximidade do acampamento árabe. Acercaram-se furtivamente, sempre no meio da mataria cerrada que lhes fornecia esconderijo tão fácil à incrível astúcia de criaturas da mata.

Ia à frente o homem-macaco, com a pele morena e lisa reluzindo de suor. Atrás seguiam. Chulk e Taglat, criaturas monstruosas e grotescas do guia apolíneo.

Silenciosamente adiantaram-se até a margem da clareira que cercava a paliçada, e ali treparam aos galhos mais baixos de uma árvore, que era o melhor ponto donde se podia acompanhar os movimentos da aldeia ocupada pelo inimigo.

Um cavaleiro, vestido de albornoz branco, atravessou o portão do acampamento. Tarzan recomendou a Chulk e Taglat que não arredassem pé dali, e lançou-se, como um macaco, através das árvores na direção do caminho por onde seguia o árabe a cavalo. De um a outro gigante da mata saltava ele com rapidez de um esquilo e o silêncio de um fantasma.

O árabe ia devagar, inconsciente do perigo que o espiava entre as árvores. O homem-macaco fez um pequeno rodeio, aumentando a velocidade, até tomar a dianteira sobre a vereda estreita no ponto por onde o árabe iria passar daí a pouco. A vítima vinha a cantarolar uma ária selvagem da grande região deserta do norte. À espreita dele estava um bruto selvagem, decidido à destruição de uma vida humana — a mesma criatura que poucos meses antes ocupava um assento na Câmara dos Lordes de Londres, membro respeitado e conspícuo daquela augusta assembléia.

Quando o cavaleiro passou por baixo do galho pendente na trilha ouviu-se um ligeiro sussurro das folhas em cima, o cavalo arcou e tropicou ao receber na garupa o baque de um corpo moreno, e dois braços possantes envolveram o árabe, precipitando-o da sela ao chão.

Dez minutos depois, o homem-macaco, levando debaixo do braço as vestes do árabe, reuniu-se aos seus companheiros, aos quais exhibia os troféus da façanha, explicando-lhes em sons guturais como a coisa se tinha passado. Chulk e Taglat apalpam o pano, cheiraram-no, e, levando-o depois ao ouvido, puseram-se à escuta.

Em seguida Tarzan conduziu-os pela mata à vereda onde os três se ocultaram e

esperaram. Daí a pouco dois negros do bando de Achmet Zek, metidos em vestimentas iguais à do chefe, vieram vindo pela trilha, de regresso ao acampamento.

Vinham rindo e conversando, — e um segundo depois jaziam estendidos no caminho com três formidáveis máquinas de destruição encarniçadas em cima deles. Tarzan despojou-os das roupas, como já havia feito com a primeira vítima, e retirou-se novamente com Chulk e Taglat para a grande árvore que escolhera como ponto de observação.

Até escurecer ficaram ali, pois era de onde melhor se descortinava o interior da paliçada. Tarzan marcou a posição da cabana onde descobrira pela primeira vez o cheiro daquela que ele procurava. Viu duas sentinelas de guarda à porta, e localizou a habitação de Achmet Zek: alguma coisa lhe dizia que ali devia estar a sua bolsa com as pedrinhas.

Chulk e Taglat ficaram a princípio muito interessados pelos trajos soberbos. Apalpavam a fazenda, cheiravam-na, entreolhando-se com os sinais mais visíveis de satisfação e orgulho. Chulk, um humorista a seu modo, estendeu um braço longo e peludo, e, segurando o capuz do albornoz de Taglat, enterrou-lhe cabeça abaixo, abafando-o como se apaga uma vela.

O velho macacão, pessimista por natureza, não achou graça na brincadeira. As outras criaturas só lhe punham as patas em cima para dois fins — catar pulgas e atacar. Enfiar-lhe aquela coisa do Tarmangani por cima dos olhos nada tinha de ver com pulgas, logo, era um ataque. Chulk atacara-o!

Com um rosnado atirou-se à garganta do outro mesmo sem levantar o capuz que lhe tapava a vista. Tarzan saltou sobre os companheiros, e os três animais, bambeando e cambalhoteando nos galhos, embolaram às punhadas, até que o homem-macaco conseguiu apartar os antropóides enfurecidos.

Como desculpa é coisa desconhecida entre esses selvagens ancestrais do homem, a explicação é processo laborioso e inútil, Tarzan valeu-se do recurso de distrair-lhes a atenção da briga, conduzindo-a para o exame dos planos que tinham em vista no futuro imediato. Habitados a discussões freqüentes em que a perda de cabelos é maior do que a de sangue, os macacos depressa esquecem essas turras triviais. Assim, daí a pouco Chulk e Taglat estavam de novo acorados em paz ao lado um do outro, aguardando o momento em que Tarzan penetraria com eles na aldeia dos Tarmanganis.

Só muito tempo depois de se fazer noite fechada é que Tarzan desceu da árvore com os seus companheiros e contornou a paliçada em direção ao fundo da aldeia.

Colhendo as abas do seu albornoz debaixo de um braço, para que as pernas tivessem liberdade de movimento, o homem-macaco formou carreira e saltou em

cima do muro. Receando que os macacos rasgassem as vestes em semelhante tentativa, ordenou-lhes que o esperassem embaixo, e uma vez bem firmado no alto da paliçada, estendeu uma ponta de lança a Chulk.

O macaco segurou-a, e enquanto Tarzan sustinha com força a outra extremidade, o antropóide foi marinhando por ela acima até assentar a pata no topo do muro. Içar-se para junto de Tarzan foi obra de um segundo. Taglat subiu da mesma maneira, e um momento depois os três pulavam silenciosamente dentro do recinto.

Tarzan conduziu-os primeiro aos fundos da cabana-prisão de Jane Clayton, onde pela abertura toscamente reparada da parede, procurou com as narinas sensíveis alguma prova de que estivesse ali aquela por quem viera.

Chulk e Taglat, com as caras cabeludas encostadas à do lorde, fungavam com ele. Sentiam o cheiro da mulher lá dentro, e cada um reagia de acordo com o temperamento e os hábitos mentais.

Chulk ficou indiferente. A fêmea pertencia a Tarzan — tudo o que desejava era enterrar o focinho nas provisões dos Tarmanganis. Viera ali para encher a pança sem trabalho — Tarzan dissera-lhe que essa seria a recompensa de Chulk, e Chulk estava satisfeito.

Mas nos olhinhos maus de Taglat lia-se o excitamento por ver aproximar-se a realização do projeto tão ardentemente afagado. Ê verdade que nos dias que decorreram desde que se haviam posto a caminho, difícil lhe fora manter a idéia no primeiro plano da consciência, em várias ocasiões, esquecera-a completamente, até que Tarzan, por uma frase ocasional, lha lembrava novamente. Mas para um macaco, o que Taglat fizera já era muito.

Agora lambia as beiçolas flácidas chupando a respiração com um ruído guloso.

Tarzan, satisfeito por ver que estava ali aquela a quem buscava, conduziu os macacos em direção à tenda de Achmet Zek. Viram-nos um árabe que passava e dois escravos, mas a noite estava tão escura e os albornozes brancos escondiam tão bem os membros peludos dos macacos e a figura gigantesca do companheiro, que os três não despertaram nenhuma suspeita. E lá se foram a caminho da tenda. Dentro, Achmet Zek conversava com vários dos seus lugar-tenentes. Do lado de fora. Tarzan escutava.

Jane Clayton em perigo mortal

O TENENTE ALBERT WERPER, aterrado com a perspectiva do destino que o esperava em Adis Abeba, tratou de imaginar o plano de fuga, mas os abissínios, depois que Mugambi lhes iludira a vigilância, tinham redobrado de cautela para impedir que Werper fizesse o mesmo que o negro.

A princípio Werper pensou em subornar Abdul Murak oferecendo-lhe uma parte do conteúdo da bolsa, mas, temendo que o homem exigisse todas as gemas como preço de liberdade, o belga, movido pela avareza, procurou outra saída para o dilema.

Foi então que lhe sorriu a possibilidade de sucesso com um plano que o deixaria de posse das jóias, satisfazendo ao mesmo tempo a cobiça do abissínio com a convicção de ter obtido de Werper tudo quanto este tinha a oferecer.

E foi assim que um dia ou dois depois do desaparecimento de Mugambi, Werper solicitou uma audiência de Abdul Murak. Quando o belga compareceu à presença do seu captor, a carranca do último pareceu de mau agouro para as esperanças que Werper pudesse entreter, não obstante, este animou-se com a idéia da fraqueza, comum na natureza humana, que leva os mais inflexíveis a ceder à ambição de riqueza.

Abdul Murak olhou-o franzindo o sobrecenho.

— Que desejas, perguntou.

— A minha liberdade, respondeu Werper. O abissínio riu com escárnio.

— E é para dizeres isso que vens incomodar-me?

— Desejo a minha liberdade e tenho com que pagá-la. disse Werper.

Abdul Murak deu uma risada.

— Pagá-la? Com quê? Com os farrapos que vestias ao chegar? Ou, quem sabe, trazes escondido sob as vestes umas mil libras de marfim? Some-te da minha vista! E não me amoles mais, ou mandarei açoitar-te.

Mas Werper persistiu. Do êxito daquela entrevista dependia a sua liberdade, e talvez a vida.

— E se eu te oferecer o ouro que dez homens possam carregar, prometes mandar conduzir-me em segurança ao primeiro posto inglês?

— O ouro que dez homens possam carregar? repetiu Abdul Murak. Estás louco! Onde arranjaste tanto ouro?

— Sei onde está oculto. Promete o que te pedi, e levar-te-ei lá — se te parece bastante a carga de dez homens.

Abdul Murak cessara de rir. Olhava agora o belga atentamente. O homem parecia no seu juízo — mas tanto ouro! Era absurdo. O abissínio refletiu em silêncio por um momento.

— Bem, e se eu prometer? Está muito longe o ouro?

— A uma semana de marcha para o sul.

— E se eu não o encontrar no lugar em que dizes que está, sabes o castigo que te aguarda?

— Se não o encontrares lá, estou pronto a perder a vida. Tenho a, certeza de que está lá, pois vi enterrarem-no. E mais — sei que há ouro bastante não para dez homens só, mas para cinqüenta carregarem! Será todo teu, se me prometes entregar-me são e salvo à proteção dos ingleses.

— Apostas a vida pelo ouro?

Werper assentiu de cabeça.

— Muito bem, disse o abissínio. Prometo-o, e ainda que não haja carga senão para cinco homens, terás a tua liberdade, mas até que o ouro esteja em minhas mãos, continuarás meu prisioneiro.

— Estou satisfeito, disse Werper. Partiremos amanhã? Abdul Murak acenou de cabeça que sim, e o belga deixou a tenda. No dia seguinte os soldados abissínios ficaram espantados de receber a ordem de voltar na direção do sul. E assim, na mesma noite em que Tarzan e os dois macacos penetravam na aldeia de Achmet Zek, os abissínios acampavam a algumas milhas a leste do mesmo lugar.

Enquanto Werper sonhava com a liberdade e o gozo tranqüilo da fortuna contida no saquinho roubado, e Abdul Murak não dormia, pensando no tesouro de metal precioso em que ia deitar a mão muito breve, Achmet Zek dava ordens aos seus lugar-tenentes para que lhe preparassem uma força de guerreiros e carregadores, que fossem no dia seguinte às ruínas da propriedade do inglês buscar a fabulosa fortuna que o belga lhe dissera estar ali enterrada.

E enquanto ele dava lá dentro as suas instruções, alguém, agachado do lado de fora da tenda, escutava silencioso, esperando o momento oportuno de penetrar ali para prosseguir nas pesquisas em busca da bolsa e das pedrinhas bonitas pelas quais ficara tão encantado.

Finalmente os companheiros trigueiros de Achmet Zek deixaram a tenda, e o chefe saiu com eles, para fumar o seu cachimbo. A tenda ficou sem ninguém. Mal tinham deixado o interior, a lâmina de uma faca enfiou-se no pano do fundo, alguns pés

acima do solo, e o golpe rápido para baixo abriu entrada aos que esperavam de fora.

Pela abertura entrou o homem-macaco, e logo atrás dele o enorme Chulk, mas Taglat não os acompanhou. Em vez disso, esgueirou-se nas trevas da noite em direção à cabana onde estava solidamente atada aquela que lhe tinha despertado os brutos instintos. À porta, as sentinelas, sentadas no chão, conversavam em tom monótono. Lá dentro, a moça jazia sobre uma esteira suja, resignada, à míngua de toda esperança, a qualquer que fosse o destino que a esperava, até chegar o ensejo que lhe permitisse libertar-se pelo único meio que lhe parecia, embora remotamente, possível — o suicídio, cuja idéia até então detestara.

Arrastando-se silenciosamente em direção às sentinelas, uma figura metida num albornoz branco aproximou-se, na sombra, de um canto da cabana. O fraco intelecto da criatura não lhe consentiu tirar partido da circunstância do seu disfarce. Em vez de passar afoitamente pelas sentinelas, preferiu saltar sobre elas de surpresa.

Por isso, aproximou-se do canto da cabana e espiou em roda. As sentinelas estavam a poucos passos, mas o macaco não ousou expor-se, mesmo por um instante, àqueles paus trovejantes, tão temidos e odiados, que os Tarmanganis sabiam manejar tão bem, e procurou outro meio mais seguro de ataque.

Taglat gostaria que houvesse ali por perto uma árvore e de um dos galhos poder pular em cima da presa desprevenida, mas embora não houvesse nenhuma, a lembrança deu-lhe idéia de um plano. Ele poderia saltar de cima da cabana sobre os Tarmanganis. Uma dentada poria logo um deles fora de combate antes que o outro desse fé do que se estava passando, e o segundo seria presa fácil ante a força, a destreza e a ferocidade de nova arremetida.

Taglat recuou alguns passos para trás da cabana e dando uma carreira, saltou em cima do telhado, indo cair bem sobre a parede da estrutura, a qual por um momento sustentou o peso do macaco, mas quando este deu um passo à frente, o teto cedeu, o colmo abriu-se e o grande antropóide precipitou-se dentro.

As sentinelas, ouvindo o estrépito dos caibros do telhado, levantaram-se de um pulo e correram para o interior. Jane Clayton procurou rolar para o lado quando a forma gigantesca desabou no chão, tão perto dela que uma pata lhe prendeu o vestido ao solo.

O macaco, sentindo alguém mexer-se junto dele, estendeu um braço e envolveu o corpo da moça. O albornoz cobria-lhe a figura peluda, de sorte que Jane Clayton imaginou que fosse um braço humano que a agarrava, e do fundo do seu desânimo raiou uma grande esperança de estar enfim nas mãos de um salvador.

As duas sentinelas estavam agora no interior da cabana, mas desorientadas por ignorarem a causa do incidente. Não viam nada, por não estarem ainda habituadas à

escuridão, nem escutavam som algum, pois o macaco ficou quieto, à espera que eles atacassem.

Vendo que os Tarmanganis não avançavam e sentindo que, sobrecarregado com o peso da moça, levaria desvantagens na luta, Taglat preferiu arriscar uma sortida violenta. Abaixando a cabeça, carregou sobre as duas sentinelas que barravam a porta. O embate dos ombros enormes derrubou-os de costas, e antes que se pudessem levantar, o macaco fugira correndo, à sombra projetada pelas cabanas, em direção à paliçada do fundo da aldeia.

A velocidade e força do seu salvador encheram Jane Clayton de espanto. Seria possível que Tarzan tivesse resistido à bala do árabe? Que outra criatura em toda a mata poderia carregar com tanta facilidade o peso de uma mulher feita? Chamou-o pelo nome, mas não teve resposta. Contudo não perdeu a esperança.

Chegando à paliçada o animal não hesitou. Num só pulo estava em cima, onde se deteve apenas um instante, para em seguida saltar do outro lado. Agora a moça estava quase certa de estar nos braços do marido, e quando o macaco subiu às árvores, levando-a em balanços através da floresta, como Tarzan fizera tantas vezes no passado, não teve mais dúvida.

Numa clareira batida pelo luar, a cerca de uma milha do acampamento dos árabes, o seu salvador estacou, jogando-a por terra. Aquela rudeza surpreendeu-a, mas ela não chegou a desconfiar. Chamou-o novamente pelo nome, e no mesmo instante o macaco irritado com o estorvo das vestes, a que não estava habituado, arrancou o albornoz, revelando aos olhos espavoridos da moça a cara horrenda de antropóide gigante.

Com um grito de horror, Jane Clayton desmaiou, ao mesmo tempo que, escondido numa moita próxima, Numa, o leão, faminto e lambendo o focinho, seguia o par com os olhos.

Tarzan, entrando na tenda de Achmet Zek, investigou minuciosamente o interior. Fez em pedaços as camas e espalhou o conteúdo das malas e sacos. Esquadrinhou tudo quanto os seus olhos deparavam, e esses órgãos penetrantes não deixaram escapar um só artigo na habitação do chefe, nenhum vestígio, porém, da bolsa ou das bonitas pedrinhas recompensou tanto trabalho.

Satisfeito afinal de que elas não estivessem nas mãos de Achmet Zek, a não ser que este as trouxesse sobre a sua pessoa, Tarzan tratou de descobrir a mulher antes de prosseguir na procura da bolsa.

Acenando a Chulk para que o acompanhasse, saiu da tenda pelo mesmo caminho por onde entrara, e, atravessando afoitamente a aldeia, foi direito à cabana onde Jane Clayton estava aprisionada.

Notou com surpresa a ausência de Taglat, ao qual contava encontrar do lado de fora da tenda de Achmet Zek, mas, acostumado como estava a não contar muito com a pontualidade dos macacos, não deu importância à defecção do rabugento companheiro. Desde que Taglat não lhe interferisse nos planos, pouco se lhe dava a ausência dele.

Ao aproximar-se da cabana, notou o homem-macaco um ajuntamento à entrada. Viu que os homens pareciam muito excitados, e receando que o disfarce de Chulk não fosse suficiente para esconder-lhe a verdadeira identidade aos olhos de tantos observadores, ordenou ao macaco que se dirigisse ao fundo da aldeia e ali o esperasse.

E enquanto Chulk obedecia, Tarzan avançou afoitamente em direção ao grupo excitado, reunido em frente da porta da cabana. Misturou-se aos negros e árabes, procurando conhecer a causa do alvoroço, esquecido de que, sendo o único ali armado de lança, arco e flecha, podia tornar-se objeto de suspeita.

Insinuando-se na multidão, aproximou-se da porta, e já era quase chegado, quando um dos árabes, pondo-lhe uma mão ao ombro, gritou: "Quem é este?", ao mesmo tempo que lhe arrancava o capuz do rosto.

Tarzan dos Macacos em toda a sua vida selvagem nunca tivera o costume de parar para argumentar com um antagonista. O primitivo instinto de conservação adota muitas astúcias e manhas, mas entre elas não figura o argumento, e Tarzan não ia agora perder um tempo precioso numa tentativa de convencer aqueles homens de que não era um lobo metido na pele de um cordeiro. Em vez disso, saltou ao pescoço de quem o desmascarara, mal o homem acabara de falar, e sacudindo-o de um lado para outro foi varrendo os que tentavam envolvê-lo.

Assim, usando do corpo do árabe como de uma arma, o homem-macaco abriu rapidamente caminho até a porta, e um momento depois estava dentro da cabana. Não havia ninguém no interior, mas não escapou a Tarzan o cheiro de Taglat, o macaco. Então ele soltou um rosnado surdo e horrendo de ameaça. Os homens que se tinham precipitado para a porta a fim de agarrá-lo, recuaram ao ouvir as notas selvagens do desafio bestial. Olharam uns para os outros, surpresos e assustados. Um homem entrara sozinho na cabana, e no entanto soava-lhes aos ouvidos a voz de uma besta-fera. Que significava aquilo? Teria um leão ou um leopardo buscado abrigo ali dentro, iludindo a vigilância das sentinelas?

Tarzan não tardou a descobrir no teto a brecha por onde Taglat tinha caído. Adivinhou ter o macaco entrado ou saído por ali, e enquanto os árabes hesitavam lá fora, saltou, como um gato, à abertura, agarrou-se ao topo da parede e passou-se para o teto, pulando imediatamente em terra nos fundos da cabana.

Quando os árabes criaram afinal coragem para entrar na cabana, depois de várias descargas através das paredes, encontraram o interior deserto. Ao mesmo tempo Tarzan, no fundo da aldeia, procurava Chulk, mas não viu o macaco em parte alguma.

Roubado da mulher, abandonado pelos companheiros, e ignorante mais do que nunca do paradeiro da bolsa e das pedras, foi um Tarzan danado da vida o que transpôs a paliçada e desapareceu nas trevas da mata.

Renunciava por enquanto à procura da bolsa, visto que seria um verdadeiro suicídio penetrar no acampamento árabe agora que todos os habitantes estavam alerta.

Na fuga da aldeia, o homem-macaco perdera a pista de Taglat, e circulava agora através da floresta, procurando descobrir novamente o rasto do antropóide.

Chulk permaneceu no seu posto até que os gritos e os tiros dos árabes lhe encheram de terror a alma simples, pois a macacada teme acima de tudo os paus trovejantes dos Tarmanganis, então trepou rápido à paliçada, rasgando o albornoz no esforço, e desapareceu nas profundezas da mata, grunhindo e resmungando.

Tarzan, errando na floresta à procura do rasto do Taglat, marchava depressa. Não longe dele, numa pequena clareira iluminada pelo luar, o grande macaco debruçava-se sobre a forma prostrada de mulher que Tarzan procurava. O bicho estava rompendo os laços que prendiam os punhos e os tornozelos da moça, puxando e roendo as cordas.

O rumo em que ia o homem-macaco levá-lo-ia a passar a pequena distância à direita deles e ainda que não pudesse vê-los, o vento estava soprando favoravelmente, de modo a trazer-lhe o cheiro da mulher e do antropóide.

Um momento mais, e a salvação de Jane estaria assegurada, ainda que Numa, o leão, estivesse já pronto para o bote, mas o fado, já tão cruel, excedeu-se então — o vento mudou subitamente por algum tempo, e o cheiro que teria denunciado ao homem-macaco a presença da moça, foi levado na direção oposta, Tarzan passou a cinqüenta jardas da tragédia desenrolada na clareira, e a oportunidade ficou perdida.

CAPÍTULO 18

A luta pelo tesouro

Só pela manhã é que Tarzan reconheceu a possibilidade do fracasso da sua batida, mesmo assim, o êxito lhe parecia apenas adiado. Iria comer e dormir, depois prosseguiria novamente. Grande era a floresta, mas grande também era a experiência e a astúcia de Tarzan. Taglat podia ir longe, Tarzan, porém, haveria de encontrá-lo ao cabo, ainda que tivesse de esquadriñar árvore por árvore.

Monologando assim, o homem-macaco seguiu o rasto de Bara, a corça, mísera presa na qual decidiu cevar a sua fome. Durante meia hora a pista conduziu o homem-macaco na direção de leste ao longo de uma trilha de caça marcada, quando de repente, com espanto do caçador, o animal surgiu, retrocedendo numa disparada louca trilha abaixo.

Tarzan, num salto rápido para o lado, escondeu-se na verdura, antes que a corça pudesse pressentir a presença de novo inimigo naquela direção, e quando o animal estava ainda a alguma distância, o homem-macaco trepou ao galho baixo de uma árvore pendente sobre a trilha. Ali agachou-se, como uma fera, aguardando a passagem da sua vítima.

O que teria assustado a corça, precipitando-a naquela fuga frenética, Tarzan ignorava: talvez Numa, o leão, ou Sheeta, a pantera, fosse o que fosse, pouco importava a Tarzan dos Macacos — estava resolvido a defender a sua rapina contra qualquer outra criatura da mata. Se não o pudesse fazer pela força física, tinha à sua disposição outro meio mais poderoso — a inteligência.

E assim veio a corça correndo à desfilada para as garras da morte. O homem-macaco colocou-se de modo a dar as costas para o animal que se aproximava. Com os joelhos dobrados, prontos a saltar, prestou ouvido ao tropel, cada vez mais próximo, de Bara espavorida.

Num relance passou ela sob a galhada, e no mesmo instante o homem-macaco lançou-se-lhe em cima. O peso do corpo do homem fê-la esbarrondar-se por terra. Bateu ainda com as pernas num esforço inútil para levantar-se, mas dois braços possantes, torcendo-lhe a cabeça violentamente, quebraram-lhe as vértebras: Bara estava morta.

Rápido foi o ataque, e rápida igualmente a ação subsequente do homem-macaco, pois quem sabia qual era o perseguidor de Bara ou a que distância vinha? Mal estalara o pescoço da vítima, e a carcaça já pendia dos largos ombros de Tarzan. Um instante depois o homem-macaco estava de novo empoleirado num galho da árvore

acima da trilha, de olhos pregados no ponto donde surgira a corça.

Segundos depois, patenteou-se a Tarzan a causa do medo de Bara, com a aproximação do tropel inconfundível de cavaleiros. Carregando a sua presa para um sítio mais alto, o homem-macaco instalou-se confortavelmente no esgalho de uma árvore, donde podia observar à vontade a trilha embaixo, e cortando uma posta suculenta do lombo da corça, enterrou os dentes fortes e brancos na carne macia, saboreando o fruto da sua força e astúcia.

Mas não perdeu de vista a trilha enquanto satisfazia a fome. Os seus olhos agudos discerniam o focinho do cavalo que vinha à frente, ao entrar na curva do caminho, e examinaram um por um os cavaleiros quando eles passaram em fila defronte ao ponto por ele ocupado.

Um havia que Tarzan logo reconheceu, mas tão exercitado era o homem-macaco em dominar as suas emoções, que não deu a menor demonstração que pudesse trair-lhe o excitamento e revelar-lhe a presença.

Ali estava Albert Werper, tão despercebido da proximidade do homem-macaco quanto os abissínios que seguiam adiante e atrás dele. Tarzan escrutou-os atentamente a ver se enxergava algum sinal da bolsa roubada.

E enquanto os abissínios prosseguiram na direção do sul, uma figura gigante saía-lhes no encalço — um homem branco quase nu, carregando a carcaça sangrenta de uma corça nos ombros, pois Tarzan sabia que talvez não tivesse outra oportunidade de caçar durante algum tempo, caso desejasse ir na cola do belga.

Tentar arrancá-lo do meio dos cavaleiros armados era coisa que Tarzan não faria senão em último recurso, pois o animal selvagem age sempre com astúcia e cautela, a menos que seja açulado pela dor ou pela cólera.

Assim os abissínios marcharam para o sul e Tarzan dos Macacos seguiu-lhes na pista, lançando-se silenciosamente, pendurado nos galhos e cipós, de uma árvore a outra.

Depois de dois dias de marcha, chegaram a uma planície fechada por montanhas — planície que despertou em Tarzan vagas reminiscências e estranhos desejos. Os cavaleiros saíram à planície, e atrás deles, a uma distância prudente, lá se foi também o homem-macaco, tirando partido do menor relevo do terreno para esconder-se.

Junto a um montão de madeira carbonizada os abissínios fizeram alto, e Tarzan, aproximando-se às furtadelas e ocultando-se numa moita perto, pôs-se a observá-los muito intrigado. Viu-os cavando a terra, e imaginou que deviam ter enterrado carne ali e agora vinham buscá-la. Depois lembrou-se que ele enterrara também as pedrinhas bonitas. Ah! eles estavam desenterrando as coisas que os negros tinham

escondido!

Logo depois viu-os pôr a descoberto um objeto amarelo, sujo, e testemunhou a alegria de Werper e de Abdul Murak naquele instante. Uma por uma desenterraram eles muitas outras peças semelhantes, todas do mesmo amarelo uniforme, sujo, e quando já havia uma pilha alta do lado de fora, Abdul Murak afagou-a com as mãos num êxtase de cobiça.

Alguma coisa buliu na mente do homem-macaco ao pôr os olhos nas barras de ouro. Que era aquilo, e onde as vira já? Por que as cobiçavam tanto aqueles Tarmanganis? A quem pertenceriam?

Recordou-se dos pretos que as tinham enterrado. As coisas deviam ser deles. Werper estava roubando-as como já lhe tinha roubado o saquinho das pedras. Os olhos do homem-macaco fuzilaram de cólera. Gostaria de encontrar os negros e conduzi-los contra aqueles ladrões. Onde ficaria a aldeia dos pretos?

Ao lhe passarem pela cabeça todos esses pensamentos, um bando de homens armados aparecera na orla da floresta e avançou em direção às ruínas do bangalô incendiado.

Abdul Murak, sempre vigilante, foi o primeiro a vê-los, mas eles já estavam a meio caminho da campina. Deu aos seus homens ordem de mortiar e ficar em guarda, pois no coração da África quem sabe lá quando um estranho é amigo ou inimigo?

Werper, saltando na sela, firmou a vista sobre os recém-chegados, e em seguida virou-se pálido e trêmulo para Abdul Murak.

— É Achmet Zek, segredou. E vem buscar o ouro.

Naquele mesmo momento, Achmet Zek dava com os olhos na pilha de metal e via confirmadas as suas primeiras suspeitas, ao enxergar de longe a comitiva parada junto às ruínas da casa do inglês. Alguém o antecipara — outro viera buscar o tesouro antes dele.

O árabe ficou louco de raiva. Ultimamente tudo lhe corria mal. Perdera as jóias, o belga, e pela segunda vez a mulher. Agora alguém vinha roubar-lhe o tesouro que parecia tão seguro ali, como se nunca tivesse sido extraído da minai

Pouco importava quem fossem os ladrões. Não desistiriam do ouro sem batalha — disso estava certo, e, com um grito de comando à sua gente, Achmet Zek esporeou o cavalo e precipitou-se sobre os abissínios. Atrás deles galopou, agitando as carabinas acima das cabeças, urrando e praguejando, a horda variegada dos seus facínoras.

Os homens de Abdul Murak receberam-nos com uma descarga que esvaziou algumas selas. Os dois grupos encontraram-se, e a espada, a pistola e o mosquete

entraram em ação.

Achmet Zek, divisando Werper, na primeira carga investiu sobre ele, e o belga, aterrado com a perspectiva da sorte que merecia, torceu as rédeas ao cavalo e disparou como um louco, tentando fugir. Gritando a um lugar-tenente que tomasse o comando e, sob pena de morte, destroçasse os abissínios e levasse o ouro para o acampamento, Achmet Zek lançou-se à campina em perseguição de Werper. A sua índole perversa não queria perder os prazeres da vingança, mesmo com o risco de sacrificar o tesouro.

Enquanto perseguido e perseguidor galopavam desenfreados em direção à floresta distante, junto do ouro, a batalha prosseguia encarniçada. Era uma luta sem misericórdia, tanto da parte dos ferozes abissínios, como dos bandidos de Achmet Zek.

Do esconderijo de uma moita Tarzan seguia o conflito sangüinário, que o envolvia de tal jeito que o homem-macaco não via brecha por onde pudesse escapar para sair atrás de Werper e do chefe árabe.

Os abissínios formavam um círculo que incluía a posição de Tarzan, em torno deles galopavam os árabes, arremetendo aqui e ali contra a linha inimiga, numa fúria assassina de berros e cutiladas e disparos.

Os homens de Achmet Zek eram superiores em número e lenta mas seguramente iam sendo os soldados de Menelik exterminados. A Tarzan pouco importava o resultado. Só pensava numa coisa — escapar daquele círculo de ferro e fogo para sair no encalço do belga.

Quando ele avistara Werper na trilha onde matara a corça, julgou a princípio estar enganado, tão certo ficara de que o ladrão tivesse sido devorado por Numa, mas depois de seguir o destacamento durante dois dias, sempre com os olhos pregados no belga, não teve mais dúvida sobre a identidade do homem, embora não soubesse explicar de quem fosse o corpo mutilado que supusera ser o de Werper.

Estando ele assim agachado dentro de uma moita do devastado jardim que até tão pouco tempo atrás era a delícia e o orgulho de Jane Clayton, um árabe e um abissínio aproximaram-se, batendo-se a espada, da posição ocupada por Tarzan.

Passo a passo o árabe acuava o adversário, até que o cavalo do último chegou a ficar quase em cima do homem-macaco, nesse momento um golpe bem visado fendeu o crânio do guerreiro negro, que caiu atrás, a pequena distância de Tarzan.

Quando o abissínio tombou da sela, a possibilidade de evasão representada por um cavalo desmontado eletrizou o homem-macaco, e antes que o animal assustado tivesse tempo de disparar, um gigante nu saltava-lhe no lombo, segurando as rédeas com mão forte. O árabe surpreso descobriu um novo inimigo montado na sela

desalijada do negro.

Mas esse inimigo não brandia nenhuma espada, e carregava nas costas a lança e o arco. O árabe, voltando a si da primeira surpresa, atirou-se de espada erguida para aniquilar aquele intruso presunçoso. Desferiu um golpe tremendo à cabeça do homem-macaco, golpe que se perdeu inofensivo no ar, devido à esquiva de Tarzan, e imediatamente depois o árabe sentiu a perna esmagada pelo cavalo do outro: um braço possante rodeou-lhe a cintura, e antes que pudesse fazer um gesto, sentiu-se arrancado da sela e, servindo de escudo ao antagonista, levado em vertiginosa carreira através da linha dos seus companheiros.

Passada a linha, foi atirado ao chão, e quando pôde voltar os olhos para o estranho inimigo, este galopava a toda brida em direção à floresta.

A batalha durou ainda uma hora e só cessou quando o último abissínio tombou morto ou disparou em fuga para o norte. Mas um punhado de homens escapou e entre eles Abdul Murak.

Os vencedores reuniram-se em volta das barras de ouro desenterradas pelos abissínios e ali esperaram o regresso do chefe. A exultação que sentiam foi um pouco temperada pela entrevisão do branco nu galopando no cavalo de um dos negros e carregando, à guisa de escudo, o corpo de um árabe. Este discorria agora sobre a força sobre-humana do homem-macaco. Não havia ali nenhum que não estivesse familiarizado com o nome e a fama de Tarzan dos Macacos, e o fato de haverem reconhecido no gigante branco o feroz inimigo dos malfeitores da mata, aumentou-lhes o terror, pois davam Tarzan como morto.

Naturalmente supersticiosos, julgaram ter visto a alma desencarnada do morto, e agora lançavam olhares medrosos em torno, na expectativa de ver o fantasma voltar ao cenário das ruínas por eles semeadas por ocasião do assalto recente ao bangalô Greystoke. Em cochichos assustados discutiam a natureza provável da vingança que o espírito do morto tomaria deles, se regressasse e os visse de posse do ouro.

Enquanto eles confabulavam assim, sentindo crescer-lhes cada vez mais o terror, um grupo de guerreiros negros e nus, ocultos nos caniços, vigiavam-lhes atentamente todos os movimentos. Das alturas do outro lado do rio tinham ouvido o estrondo do conflito, e, descendo à margem da corrente, vadearam-se e avançaram pelo caniçal até tomarem posição em lugar donde podiam seguir com os olhos cada movimento dos combatentes.

Por espaço de meia hora os árabes esperaram a volta de Achmet Zek, sentindo o temor e a lealdade para com o chefe constantemente solapada pelo temor de um regresso inopinado da alma de Tarzan. Finalmente um deles exprimiu o desejo de todos, ao anunciar a intenção de se dirigir à floresta em procura de Achmet Zek.

Instantaneamente todos montaram.

— O ouro agora está seguro! gritou um. Matamos todos os abissínios e não há aqui mais ninguém para carregá-lo. Corramos em busca de Achmet Zek.

Um momento depois, envolvidos numa densa nuvem de pó, os bandidos galopavam furiosamente através da planície, e do esconderijo dos caniços surgia o bando de guerreiros negros, acercando-se do sítio em que estavam empilhadas as barras do ouro de Opar.

Werper levava ainda alguma dianteira sobre Achmet Zek ao alcançar a floresta, mas o último, montado em melhor cavalo, ia encurtando cada vez mais a distância que os separava. Galopando com a coragem temerária do desespero o belga solicitava o mais que podia do animal, mesmo nas voltas estreitas da trilha de caça por onde enfiara o animal. Atrás dele podia ouvir a voz de Achmet gritando-lhe que parasse, mas Werper não cessava de cravar as esporas nos flancos em sangue do animal resfolegante. A duzentas jardas no interior da floresta um galho quebrado fechava a trilha. Era obstáculo que um cavalo em circunstâncias ordinárias poderia saltar em andadura natural, mas o animal de Werper vinha já esfalfado, e, tropeçando no galho, não pôde sustentar-se e prancheou em terra.

Werper, saindo-lhe pela cabeça, foi cair algumas jardas adiante, mas levantou-se rápido e correu para trás. Segurando as rédeas, sacudiu o cavalo, tentando fazê-lo erguer-se nas patas, mas o animal, ou porque não quisesse ou porque não pudesse, não se levantou, e o belga instigava-o a pancadas, quando Achmet Zek apareceu.

Incontinenti Werper desistiu dos esforços e, tomando da carabina, agachou-se atrás do animal moribundo e fez fogo sobre o árabe.

A bala não acertou em Achmet Zek, mas feriu em pleno peito o cavalo, fazendo-o cair a umas cem jardas do lugar em que Werper entrincheirado preparava a segunda descarga.

O árabe, que acompanhara o animal na queda, vendo o belga em posição estratégica atrás do cavalo caído, tomou, sem perda de tempo, posição idêntica atrás do animal.

E assim ficaram os dois, alternando os tiros e os insultos, enquanto à retaguarda do árabe Tarzan dos Macacos se aproximava da orla da floresta. Aí ouviu ele os disparos dos duelistas, e preferindo ao transporte inseguro proporcionado pelo pônei árabe, o balanço nos cipós da mata, atirou-se às árvores.

Acompanhando a margem da trilha, o homem-macaco chegou a um ponto donde podia seguir em relativa segurança o desenrolar da pugna.

Cada um dos contendores erguia-se um instante acima do seu parapeito de carne de cavalo, atirava, e imediatamente agachava-se de novo atrás do abrigo, onde

tornava a carregar a arma para repetir o ato um momento depois.

Werper tinha pouca munição, pois foi armado às pressas por Abdul Murak, que passou para ele a carabina e o cartuchame de um dos primeiros abissínios caídos na luta junto das barras de ouro, o belga viu que dentro em pouco não teria mais balas e ficaria à mercê do árabe — mercê que conhecia muito bem.

Ameaçado de morrer e ser despojado do tesouro, o belga pensou num plano qualquer de salvação, e o único que lhe pareceu encerrar uma possibilidade remota de êxito, repousava na esperança de subornar Achmet Zek.

Só restava a Werper um cartucho, quando, acalmados um instante o tiroteio, gritou ele alto ao adversário:

— Achmet Zek, só Alá sabe qual de nós deixará os ossos apodrecendo aqui, se continuarmos nesta batalha insensata. Tu desejas o conteúdo da bolsa que trago na cintura, e eu desejo a vida e a liberdade, que prezo acima das jóias. Pois que tenha cada qual o que deseja, e separaremos-nos em paz. Vou pôr a bolsa sobre a carcaça do meu cavalo, onde possa vê-la, e tu, por tua vez, deporás a tua carabina sobre o teu cavalo, com a coronha virada para mim. Então irei embora, deixando-te a bolsa, e tu desistirás de perseguir-me. Tudo o que eu quero é a vida e a liberdade.

O árabe refletiu em silêncio por um momento. Em seguida falou. A sua resposta foi influenciada pelo fato de já ter disparado a última bala.

— Vai então embora, rosnou ele, e deixa a bolsa bem à vista. Olha, vou pôr a carabina com a coronha para teu lado. Vai.

Werper tirou a bolsa da cintura. Com tristeza e carinho apertou os dedos contra as duras arestas do conteúdo. Ah, se pudesse surripiar ao menos um punhadinho das preciosas pedras! Mas Achmet Zek estava agora em pé, vigiando com olho de águia o menor gesto do belga.

Desconsolado, Werper depôs a bolsa, com o conteúdo intacto, sobre o corpo do cavalo, ergueu-se e tomando da carabina afastou-se lentamente até desaparecer da vista do árabe alerta, numa volta da trilha.

Mesmo assim Achmet Zek não se adiantou, receoso de alguma traição, de que ele também seria capaz em idênticas circunstâncias, e não eram infundadas as suas suspeitas, pois o belga, mal se pilhou fora das vistas do árabe, parou atrás do tronco de uma árvore, donde podia enxergar bem o cavalo morto e a bolsa, e levantando a carabina ficou de alcatéia, à espera que o outro aparecesse para apanhar o tesouro.

Mas Achmet Zek não era nenhum tolo para confiar na palavra de um ladrão e assassino. Tomando da sua carabina, entrou na mataria e arrastou-se nas mãos e nos joelhos paralelamente à trilha, mas sem expor nem por um segundo o corpo à arma

do inimigo oculto. Assim avançou até o ponto em que estava o cavalo morto do belga. A bolsa lá estava., bem à vista e a pequena distância da beira da trilha.

Werper esperava com crescente impaciência, admirado de que o árabe tardasse tanto em vir buscar a tão cobiçada recompensa.

Daí a pouco viu ele o cano de uma carabina aparecer repentina e misteriosamente algumas polegadas acima da bolsa, e antes que Werper pudesse perceber o logro que lhe pregara o árabe, a mira da arma foi enfiada habilmente na alça de couro cru da bolsa e esta, vivamente retirada, desapareceu na folhagem densa da beira da trilha.

O bandido não expusera nem uma polegada quadrada do corpo, e o belga não quis arriscar o último tiro sem ter toda a segurança de acertar no alvo.

Rindo consigo mesmo da peça que armara ao outro, Achmet Zek embrenhou-se alguns passos na mata, pois estava tão certo de que Werper o espreitava para matá-lo como se visse, através das árvores da floresta, a figura oculta do belga apalpando com o dedo o gatilho, atrás de algum tronco gigante.

Werper não ousou avançar. Por outro lado, a cobiça não lhe consentiria ir embora. De sorte que ficou onde estava, de carabina apontada, espreitando a trilha com intensidade felina.

Havia, porém, ali outra criatura que vira a bolsa e a reconhecera. Era Tarzan. Acompanhando os passos de Achmet Zek, pairando sobre ele, seguro e silencioso como a própria morte, o homem-macaco não o perdia de vista, e quando o árabe estacou num ponto menos fechado da mata para examinar o conteúdo da bolsa, Tarzan parou também num galho bem a cavaleiro dele, com os olhos pregados no mesmo objeto.

Umedecendo com a língua os beiços finos, Achmet Zek desamarrou o nó do cordão que fechava a bolsa, e pondo uma mão em concha, derramou uma parte do conteúdo na palma.

Mal lançou um olhar às pedras, franziu-lhe o cenho, uma praga escapou-lhe da boca e ele jogou os pequenos objetos ao chão, com desprezo. Esvaziou às pressas o resto do saco, e ao espalhar as pedras no solo, examinando-as uma por uma, a raiva torceu-lhe os músculos da face numa expressão de fúria verdadeiramente diabólica.

Do seu esconderijo Tarzan observava admirado. Toda aquela encenação em torno da bolsa deixara-o curioso. Queria ver o que faria o árabe depois que o outro tivesse ido embora, e satisfeita a curiosidade, saltaria em cima de Achmet Zek e tomar-lhe-ia a bolsa e as pedrinhas, pois não era verdade que lhe pertenciam a ele, Tarzan?

Eis que vira agora o árabe atirar ao chão a bolsa vazia, e, agarrando a carabina pelo cano, esgueirar-se pela mata ao longo da trilha seguida por Werper.

Quando o homem desapareceu entre as árvores, Tarzan desceu ao chão e começou a recolher o conteúdo espalhado na bolsa. Mas logo que pôs os olhos nas pedras, compreendeu a raiva do árabe, em vez das gemas cintilantes, a bolsa não continha senão uma coleção de seixos de rio.

CAPÍTULO 19

Jane Clayton e as feras da mata

MUGAMBI, depois da evasão, passara o diabo. Tivera que atravessar uma região com a qual não estava familiarizado, zona de mata onde o alimento era escasso e a água nenhuma, de sorte que após alguns dias de marcha errante viu-se tão enfraquecido que mal podia arrastar-se.

Era com crescente dificuldade que conseguia de noite levantar um abrigo onde pudesse ficar a salvo dos grandes carnívoros, e de dia desenterrar raízes comestíveis e descobrir água.

Algumas poças de água estagnada a distâncias consideráveis livraram-no da morte pela sede, mas o seu estado era lamentável, quando afinal deu por acaso num rio, em região abundante de frutos e caça miúda que podia apresar à custa de muita astúcia e valendo-se de uma clava que fizera de um galho caído.

Vendo que tinha ainda muito que andar antes de alcançar os limites da região dos *waziris*, Mugambi decidiu, muito ajuizadamente, permanecer onde estava até recuperar a saúde e as forças. Alguns dias de repouso fariam prodígios, sabia, e por isso não queria sacrificar as esperanças de salvação segura, prosseguindo caminho em tal estado de fraqueza.

Construiu então uma *homa* de espinheiros, no interior da qual levantou uma choupana, onde durante a noite podia dormir tranqüilo e donde à hora propícia do dia saía à caça de carne, que só ela lhe poderia restituir a força normal aos músculos gigantes.

Um dia em que caçava, um par de olhos selvagens descobriram-no do esconderijo de uma grande árvore, sob cujas ramadas ia o negro passando. Olhos malvados e injetados de sangue eram esses, luzindo num carão feroz e cabeludo.

Viram eles Mugambi apresar um pequeno roedor e acompanharam-no de regresso à choupana, moveu-se o observador em saltos pela galharia, no rasto do preto.

A criatura era Chulk, e olhava para o homem desprevenido mais com curiosidade do que com ódio. O uso do albornoz que Tarzan lhe enfiara no corpo, despertara no espírito do antropóide o desejo de arremedar a mímica dos Tarmanganis. Mas o albornoz era-lhe tão incômodo, embaraçava-lhe de tal modo os movimentos, que o macaco acabara rasgando-o e botando-o fora.

Agora via um Gomangani ataviado com mais simplicidade — uma tanga, alguns ornatos de cobre e um toucado de penas. Isso quadrava mais com os desejos de Chulk, do que uma vestimenta comprida que estava sempre a meter-se-lhe pelas

pernas e a enganchar-se nos galhos da mata.

Chulk avistou uma bolsa suspensa no ombro de Mugambi e ficou com vontade de possuí-la, pois era enfeitada com penas e tinha uma franja. O macaco resolveu então demorar-se nas imediações da *homa* de Mugambi, à espera de uma oportunidade para roubar, por astúcia ou à força, alguns dos ornatos do negro.

Não tardou a chegar a ocasião. Sentindo-se a salvo dentro do cercado de espinhos, Mugambi costumava deitar-se à sombra do abrigo pela calma do dia e dormir em paz até que o calor abrandasse com o declínio do sol.

Numa tarde abafada Chulk viu assim o guerreiro negro estendido e entregue ao sono. Aproximando-se por uma galhada pendente, o antropóide saltou dentro da *homa*. Com pés de lã, sem fazer a menor bulha nem mexer uma folha, um capim, chegou-se para perto do homem adormecido, e curvando-se sobre ele pôs-se a examinar-lhe os enfeites. Apesar da força formidável de que Chulk era dotado, alguma coisa lhe dizia em seu cérebro pequenino que não convinha acordar o homem para o combate — um sentido inerente a todos os animais, um medo estranho do homem, medo que às vezes domina até as criaturas mais fortes da mata.

Retirar a tanga de Mugambi sem despertá-lo seria impossível. As únicas coisas acessíveis eram a bolsa, que havia caído do ombro do negro durante o sono, e a clava.

Apossando-se daqueles dois objetos, melhores do que nada, Chulk retirou-se apressadamente e com visíveis sinais de medo para a árvore donde pulara, e sempre acossado pelo terror que lhe instalava no peito a proximidade do homem, fugiu precipitadamente através da floresta. Provocado o combate ou animado pela presença de outro indivíduo da sua espécie, Chulk teria desafiado a coragem de uma dúzia de seres humanos, mas só — ah, isso era diferente! — só e sem raiva.

Pouco tempo depois de acordado, Mugambi deu por falta da bolsa. Imediatamente ficou nervosíssimo. Que fim teria ela levado? Estava a seu lado quando adormecera — disso tinha certeza, pois não a arredara de cima de si porque lhe pesava no peito, incomodando-o? Sim, estava ali quando ele pegara no sono. Como então tinha desaparecido?

A imaginação selvagem de Mugambi povoou-se de visões de amigos e inimigos mortos, pois só às maquinações de espíritos podia atribuir o desaparecimento da bolsa e do cacete na excitação do primeiro instante, porém, depois, uma investigação mais atenta revelou-lhe indícios evidentes para uma explicação mais aceitável do que a que lhe fornecera a princípio a sua fantasia supersticiosa e excitada.

Havia no chão, ao lado dele, as pegadas fracas de pés enormes semelhantes aos de um homem. Mugambi ergueu as sobrancelhas, suspeitando da verdade. Saindo às

pressas da *homa* procurou em todas as direções, em volta do cercado, algum outro vestígio revelador. Trepou às árvores em busca de algum sinal que lhe indicasse o rumo que tomara o ladrão, mas a pista de um macaco sabido que viaja de árvore em árvore não está ao alcance dos sentidos de um Mugambi. Tarzan talvez tivesse podido segui-la, nenhum outro mortal, porém, seria capaz de descobri-la, ou descobrindo, interpretá-la.

O negro, agora descansado e fortalecido pelo repouso, sentiu-se disposto a prosseguir viagem, rumo das terras dos *waziris*, e arranjando outro cacete deu as costas às margens do rio e internou-se nas profundezas da floresta.

Enquanto Taglat forcejava por desamarrar as cordas que atavam os pulsos e os tornozelos de Jane, o enorme leão que os espreitava detrás de uma moita próxima acercou-se da presa em vista.

O macaco estava de costas para o leão. Não via a larga cabeça, franjada pela juba revolta, saindo da folhagem. Não podia saber que o felino já encolhia as patas traseiras sob o ventre ruivo na preparação do bote súbito, o primeiro sinal de perigo que lhe despertou a atenção foi o rugido triunfante que o leão, prestes a investir, não pôde abafar.

Mal lançou um olhar para trás, Taglat abandonou a mulher desfalecida e correu na direção oposta ao som terrível que lhe chegara tão inopinadamente aos ouvidos apavorados, mas a advertência viera tarde demais, e o leão, ao segundo pulo, caiu em cheio sobre os largos ombros do antropóide.

Ao tombar sob o peso do felino, Taglat sentiu despertar-lhe toda a astúcia, toda a ferocidade, toda a coragem física, em obediência à mais forte das leis fundamentais da natureza, o instinto de conservação, e, virando-se de costas, atracou-se com o carnívoro numa luta de morte tão desesperada, que por um momento o grande Numa chegou a temer pelo resultado.

Agarrando o leão pela juba, o macaco enterrou-lhe as presas amarelas na goela gigante, grunhindo horrendamente na confusão sangrenta da cabeleira leonina. De mistura com a voz do antropóide, os rugidos de dor e a sanha do carnívoro reboaram pela floresta, afugentando em todas as direções os animais da mata.

Rolando como demônios no chão, os dois monstros batalharam com fúria indescritível, até que o felino, dobrando o mais que podia as patas traseiras sob o ventre, cravou as garras no peito de Taglat e sacudindo-as para trás com toda a violência, destripou o antropóide, que num espasmo derradeiro expirou num lamento de sangue sob o titânico antagonista.

Pondo-se de pé, Numa olhou rápido em todas as direções, como a procurar a presença de outros adversários, mas só havia, a poucos passos, o corpo desmaiado

da moça. Então, com um rugido colérico, assentou a pata possante sobre a carcaça da presa e soltou o urro selvagem da vitória.

Depois deixou vagar os olhos sinistros em redor da clareira, fitando-os por fim uma segunda vez no corpo da moça. Um grunhido surdo saiu-lhe da garganta. A queixada levantou-se e tornou a cair, deixando escorrer um pouco de sangue da boca sobre a cara morta de Taglat.

Como dois augures amarelo-esverdeados, muito abertos e fixos, os olhos terríveis permaneceram cravados em Jane Clayton. A atitude ereta e majestática do grande carnívoro transformou-se de súbito em agacho sinistro ao dirigir-se o felino, lento e macio como se pisasse em ovos, para junto da moça.

O fado benigno manteve-a na feliz inconsciência da proximidade medonha da fera. Não viu quando o leão parou ao pé dela. Não ouviu o fungar ao farejá-la. Não lhe sentiu o calor do hálito fétido no rosto, nem o gotejar da baba escorrendo da queixada meio aberta sobre ela.

Afinal o leão levantou uma pata da frente e virou o corpo da moça para o outro lado. Depois parou de novo, observando-a, como incerto de estar a vida extinta ou não. Algum odor ou ruído vindo da mata próxima atraiu por um momento a sua atenção. Não voltou mais os olhos para Jane Clayton, e daí a pouco a deixou, caminhando para os despojos de Taglat, e agachando-se sobre a sua presa, posto de costas para a moça, principiou a devorar o macaco.

Foi sobre essa cena que Jane Clayton abriu afinal os olhos. Habituada ao perigo, guardou todo o domínio dos nervos em face da terrível surpresa que lhe revelava a consciência novamente recobrada. Não gritou nem moveu um só músculo, até inteirar-se bem de todos os detalhes da cena que presenciava.

Viu que o leão matara o macaco e o estava devorando a menos de quinze metros do lugar em que ela se achava, mas que fazer? Tinha mãos e pés atados. Havia, pois, que esperar com paciência até que Numa acabasse de comer e digerir o macaco, quando sem dúvida viria banquetear-se nela, a não ser que antes disso a descobrissem as medonhas hienas ou outro qualquer dos numerosos carnívoros errantes na floresta.

Ao revolver na mente atribulada esses pensamentos horríveis, sentiu ela de repente que os pulsos e os tornozelos não lhe doíam mais, sentiu além disso que tinha as mãos separadas, uma de cada lado do corpo, ao invés de estarem amarradas juntas nas costas.

Espantada, moveu uma das mãos. Que milagre era aquele? Não estava mais atada! Furtivamente e sem bulha, moveu os outros membros só para certificar-se de estar livre. Não podia atinar como aquilo acontecera, não podia adivinhar que Taglat,

roendo as cordas com um desígnio sinistro, cortara-as um instante antes de Numa atacá-lo.

Por um momento Jane Clayton ficou tomada de alegria e gratidão, mas só por um momento. De que lhe servia a liberdade em face da fera horrenda agachada tão perto dela? Se as circunstâncias fossem outras, como saberia tirar partido da situação! Mas agora toda salvação era praticamente impossível.

A árvore mais próxima ficava a uns trinta metros de distancia, o leão, a menos de quinze. Levantar-se e tentar alcançar os galhos tantalizantes seria provocar a morte imediata, pois Numa não deixaria escapar assim a refeição futura. E, contudo, havia ainda outra possibilidade — baseada esta inteiramente na índole desconhecida do grande felino. De estômago cheio, talvez olhasse com indiferença a partida da moça, mas ela não ousava arriscar-se a contingência tão incerta. Por outro lado não se resignava a deixar escapar essa oportunidade, fraca embora, de salvar a vida, sem tentar aproveitá-la.

Observou o leão atentamente. Não podia ele vê-la, sem virar a cabeça quase completamente. Tentaria um ardil. Rolou silenciosamente em direção à árvore mais próxima, até ficar na mesma posição em que Numa a deixara, mas alguns pés mais longe dele.

Parou, de respiração suspensa, observando o leão, a fera não deu sinal de ter percebido nada. De novo a moça rolou, ganhando mais alguns pés, e de novo imobilizou-se na contemplação das costas do felino.

Durante minutos que pareceram horas aos seus nervos tensos, prosseguiu Jane Clayton nessa tática. O leão continuava comendo, sem perceber que a segunda presa lhe escapava. A moça já estava a poucos passos da árvore — um momento mais poderia arriscar a levantar-se e, pondo a precaução de lado, correr e trepar ao tronco. Ao rolar mais uma vez e quando dava as costas ao leão, este voltou a cabeça e fixou os olhos nela. Viu que a presa se afastava dele, e quando os olhos de Jane caíram novamente no carnívoro, sentiu-se banhada em suor frio ao perceber que, com a vida quase ao alcance da mão, estava perdida!

Passou-se muito tempo sem que a moça nem o leão se mexessem. A fera ficou imóvel, com a cabeça virada sobre os ombros e de olhos fitos na vítima rígida, agora a umas cinquenta jardas de distância. A moça fixava aqueles globos cruéis, não ousando mover um músculo sequer.

A tensão nervosa tornou-se tão insuportável que ela mal podia reter um desejo crescente de gritar. Mas Numa voltou-se novamente para o seu banquete, todavia, as orelhas fitas atestavam uma atenção sinistra ao que se passava atrás dele.

Vendo que não poderia mais bulir-se sem alertar a fera, Jane Clayton resolveu

arriscar tudo, numa última tentativa de alcançar a árvore e trepar aos galhos mais baixos.

Preparando-se furtivamente para o esforço, pôs-se em pé num pulo, mas quase ao mesmo tempo o leão ergueu-se, rodou nas patas detrás, e de fauces escancaradas e com rugidos tremendos investiu sobre ela.

Aqueles que têm passado a vida caçando na África, poderão testemunhar não haver outro animal no mundo com a velocidade de um leão no momento da investida. Na curta distância em que o grande felino pôde mantê-la, nada se lhe assemelha mais do que o impulso de uma locomotiva gigante lançada a todo o vapor. Assim, embora a distância que Jane Clayton tivesse a cobrir fosse relativamente pequena, a velocidade terrível do leão tornava quase nulas todas as esperanças de salvação.

O medo, porém, pode fazer prodígios, e embora o salto do leão ao atingir a árvore onde ela trepava pusesse as garras da fera em contacto com as botas da moça, esta pôde evitar de ser gadanhada, e, enquanto o felino se chocava contra o tronco, Jane punha-se a salvo num galho fora do alcance de Numa.

Durante algum tempo o leão ficou andando de um lado para outro, grunhindo e rosnando, embaixo da árvore onde a moça se agarrava ofegante e trêmula. Jane experimentava agora a reação nervosa da provação tremenda por que acabara de passar, e no seu estado de superexcitação parecia-lhe que nunca mais teria coragem para descer de novo entre os terríveis perigos que infestam a larga faixa da floresta interposta entre ela e a aldeia mais próxima dos fiéis *waziris*.

Era quase noite quando o leão afinal abandonou a clareira, e mesmo que o seu lugar junto aos restos do macaco morto não fosse imediatamente ocupado por um bando de hienas, não teria Jane Clayton ousado aventurar-se a deixar o refúgio da árvore na escuridão da noite que caía. Por isso, arranjou-se ela da melhor maneira que pôde para a longa e fatigante espera, até que a luz do dia lhe oferecesse algum meio de fugir daquele local onde presenciara cenas tão pavorosas.

O cansaço venceu-lhe afinal o medo, e ela caiu num sono profundo, acamada em posição incômoda, mas relativamente segura, contra o tronco da árvore e sustentada em dois grandes galhos que se projetavam quase horizontalmente, a pequena distância um do outro.

O sol já ia alto quando ela despertou, embaixo não havia sinal de Numa nem das hienas. Só os ossos descarnados do macaco, espalhados pelo chão, atestavam o que se tinha passado algumas horas antes naquele sítio de aspecto tão sossegado.

Sentia fome e sede, e vendo que tinha que descer ou morrer de inanição, criou afinal coragem para continuar a jornada através da floresta.

Descendo da árvore, tomou a direção do sul, para as bandas onde imaginava que ficassem as planícies dos *waziris*, e embora soubesse que só ruínas desoladas assinalavam agora o lugar onde se levantava até havia pouco o seu ditoso lar, esperava ela, ao chegar à vasta planície, encontrar talvez algumas das numerosas aldeias *waziris* espalhadas na região, ou quem sabe deparar com algum bando daqueles infatigáveis caçadores.

Ia o dia a meio, quando lhe soou aos ouvidos assustados o eco de um tiro de carabina não muito distante. Ao deter-se para escutar, outra detonação reboou, e outra e mais outra. Que significava aquilo? A primeira explicação que lhe acudiu ao espírito foi a de um tiroteio entre os árabes e algum bando de *waziris*, mas como ela não sabia de que lado penderia a vitória, ou se tinha pela frente amigos ou inimigos, não ousou avançar, com medo de cair nas mãos de inimigos.

Depois de escutar por alguns minutos, ficou convencida de só haver duas ou três carabinas empenhadas na luta, pois não percebia nenhum eco de descarga geral, mas continuou hesitando em aproximar-se. Por fim, resolvida a não se arriscar, trepou à folhagem densa de uma árvore à beira da trilha por onde viera seguindo, e ali aguardou amedrontada o desenrolar dos acontecimentos.

Quando o tiroteio diminuiu, ouviu ela vozes de homens mas sem distinguir as palavras, e por fim as detonações cessaram e as duas vozes começaram a interpelar-se em tom alto. Em seguida veio um longo silêncio, finalmente quebrado por passadas cautelosas na trilha, e um momento depois aparecia um homem caminhando na direção em que ela estava, e voltando de vez em quando os olhos para o lado donde surgira.

Imediatamente Jane Clayton reconheceu Jules Frecoult, a quem tão recentemente hospedara em sua casa. Ia chamá-lo, num grito alegre de alívio, quando o viu saltar rápido para um lado e esconder-se na verdura espessa da margem da trilha. Era evidente que vinha sendo seguido por um inimigo, e por isso Jane Clayton guardou silêncio, com medo de distrair a atenção de Frecoult ou revelar o esconderijo dele ao perseguidor.

Mal Werper se tinha ocultado, a figura de um árabe vestido de branco esgueirou-se silenciosamente na trilha. Do seu refúgio a moça podia ver à vontade os dois homens. Reconheceu Achmet Zek como o chefe da quadrilha de salteadores que talara o bangalô de Tarzan e a fizera prisioneira, e ao ver Werper, o suposto amigo e aliado, levantar a carabina e visar o árabe, sentiu o coração parar, e com todas as forças de sua alma dirigiu uma prece fervorosa para que o tiro acertasse.

Achmet Zek estacou no meio da trilha. Os seus olhos penetrantes scrutavam cada moita, cada árvore dentro do raio da sua visão. O corpo de estatura elevada apresentava um alvo magnífico ao traiçoeiro assassino. Soou uma detonação seca, e

uma nuvenzinha de fumaça levantou-se da moita onde o belga se ocultara. Achmet Zek cambaleou e caiu de borco na trilha.

Quando Werper saiu do seu esconderijo, foi surpreendido por um grito alegre vindo de cima, e, voltando-se para descobrir o autor daquela interrupção inesperada, viu Jane Clayton saltar com agilidade de uma árvore vizinha e correr de braços estendidos para felicitá-lo pela vitória.

Jane Clayton novamente prisioneira

APESAR de Jane trazer os cabelos desalinhados e as vestes em farrapos, pareceu a Albert Werper nunca ter contemplado uma imagem tão encantadora como a que lady Greystoke apresentava naquele momento de exultante alívio ao deparar tão inesperadamente com um amigo e salvador quando se julgava quase perdida.

Se o belga tinha alguma dúvida sobre o conhecimento que ela pudesse ter da parte por ele representada no pérfido assalto ao bangalô, a ela mesma, dissipadas ficaram as suas desconfianças diante da afabilidade franca com que foi recebido. Contou-lhe ela rapidamente tudo quanto lhe acontecera desde que ele partira do bangalô e ao falar da morte do marido, os belos olhos embaciaram-se de lágrimas que não pôde reprimir.

— Que horror! disse Werper simulando viva simpatia. Mas não me admira. Aquele demônio — e apontou o corpo de Achmet Zek — aterrorizava o país inteiro. Os bravos *waziris* ou estão todos exterminados ou foram expulsos para as bandas do sul. Os homens de Achmet Zek estão senhores de toda a planície em torno do que foi a sua casa — não há desse lado refúgio nem salvação. Nossa única esperança está em rumar para o norte o mais depressa possível a fim de chegar ao acampamento árabe antes que lá tenham conhecimento da morte de Achmet Zek, e obter por meio de algum estratagema uma escolta que nos acompanhe em direção ao norte. Penso que a coisa pode ser realizada, pois fui hóspede do bandido antes de conhecer-lhe a verdadeira natureza, e os homens que ficaram no acampamento ignoram que eu me tenha virado contra ele quando lhe descobri a vilania.

E animando Jane:

— Venha! Faremos o possível para alcançar o acampamento antes que os companheiros de Achmet Zek na última incursão tenham encontrado o corpo e levado a notícia da morte do chefe aos companheiros. E a nossa única esperança lady Greystoke, a senhora pode ter toda confiança em mim, se eu for bem sucedido. Espere aqui um instante enquanto vou tirar do corpo do árabe a mochila que ele me roubou.

E Werper caminhou para o cadáver, junto ao qual se ajoelhou, procurando com dedos ávidos a bolsa das jóias. Mas verificou consternado que não havia vestígio dela nas roupas de Achmet Zek. Levantando-se, desandou pela trilha à cata de algum sinal da bolsa ou do conteúdo. Não achou nada, embora pesquisasse com todo o cuidado na vizinhança do cavalo morto e alguns passos no interior da mata a um e outro lado da trilha. Intrigado, desapontado e colérico, voltou afinal para junto da

moça.

— A mochila desapareceu, explicou secamente, e não ousei demorar mais tempo procurando-a. Temos que chegar ao acampamento antes que os bandidos regressem.

Ignorante do verdadeiro caráter do homem, Jane Clayton nada desconfiou dos planos dele ou da especiosa explicação das relações anteriores com o árabe. Por isso aceitou com entusiasmo o oferecimento de Werper, partindo com ele rumo do acampamento onde tão recentemente estivera prisioneira.

Ao cair da tarde do segundo dia chegaram eles à aldeia, e ao pararem em frente ao portão da paliçada, recomendou Werper à moça que confirmasse tudo quando ele dissesse na conversação que iria ter com os bandidos.

— Dir-lhes-ei que a capturei depois que a senhora fugiu do acampamento e a levei a Achmet Zek, mas que este, empenhado em renhida batalha com os *waziris*, me mandou reconduzi-la à aldeia, a fim de obter aqui escolta suficiente para transportá-la o mais depressa possível para o norte e ali entregá-la pelo melhor preço a certo traficante de escravos cujo nome me fora dado.

A moça foi novamente iludida pela aparente franqueza do belga. Sabia que as situações desesperadas reclamam expedientes desesperados, e, embora tremesse intimamente à idéia de penetrar outra vez na aldeia abjeta dos árabes, não via outro recurso senão o sugerido pelo companheiro.

Chamando em altas vozes os guardas do portão, Werper, agarrando Jane Clayton por um braço, atravessou afoitamente a clareira. Os que lhe abriram o portão mostraram nas fisionomias claros indícios de surpresa. O regresso espontâneo e destemido do lugar-tenente desacreditado e perseguido pareceu desarmá-los tão completamente quanto a sua atitude para com lady Greystoke iludira a esta.

As sentinelas responderam à saudação de Werper, e olharam com espanto a prisioneira que ele reconduzira consigo à aldeia.

Imediatamente o belga procurou o árabe que ficara à testa do acampamento durante a ausência de Achmet Zek, e outra vez a audácia desarmou as suspeitas e fez aceitar a falsa explicação do seu regresso. O fato de ter trazido a prisioneira fugida ajuntou forças às suas declarações, e Mohammed Beyd dentro em pouco fraternizava alegremente com o mesmo homem que teria exterminado sem compaixão, se o tivesse encontrado só na mata meia hora antes.

Jane Clayton viu-se confinada na cabana-prisão que ocupara anteriormente, mas como sabia que aquilo fazia parte do arдил que Werper armara à credulidade dos bandidos, foi com sentimento bem diferente que penetrou desta vez no interior imundo.

Ataram-lhe os pulsos e os tornozelos. Puseram sentinelas à porta. Mas antes de

sair da cabana, Werper disse-lhe ao ouvido algumas palavras de animação. Em seguida o belga dirigiu-se à tenda de Mohammed Beyd. Quanto tardariam a chegar com o corpo do chefe assassinado os salteadores que haviam acompanhado Achmet Zek? Meditava no caso e cada vez receava mais que sem cúmplices o seu plano fracassasse.

Suposto — refletia ele — que pudesse- partir a salvo do acampamento antes que chegasse alguém com a notícia do crime — que vantagem lhe traria isso, senão prolongar-lhe por alguns dias a tortura mental e a vida? Aqueles cavaleiros traquejados, exímios conhecedores de todas as trilhas e atalhos da região, não custariam muito a alcançá-lo antes que ele pudesse atingir a costa.

Pensando nessas coisas, entrou na tenda onde Mohammed Beyd estava fumando, sentado de pernas cruzadas num tapete.

— Salve Irmão.

— Salve! respondeu Werper.

Durante alguns instantes nenhum dos dois falou. O árabe foi o primeiro a romper o silêncio.

— E o meu senhor, Achmet Zek, estava bem quando o viste pela última vez?

— Nunca o vi mais a salvo dos pecados e perigos da mortalidade, respondeu o belga.

— Ora bem, disse Mohammed Beyd soprando uma pequena baforada de fumo azul.

De novo reinou silêncio por alguns minutos.

— E se ele tiver morrido? disse o belga, resolvido a desembuchar a verdade e tentar corromper Mohammed Beyd a seu favor.

O árabe contraiu os olhos e inclinou-se para a frente, cravando o olhar no fundo dos olhos do belga.

— Estive refletindo muito, Werper, depois que voltaste tão inopinadamente ao acampamento do homem a quem enganaste e que te procurava com a intenção de matar-te. Há muito tempo que ando com Achmet Zek — a mãe não o conhece tão bem quanto eu. É um homem que não perdoa nunca — muito menos confiaria em quem já uma vez o traiu: disso estou certo. Refleti muito, como te disse, e o resultado das minhas reflexões foi ficar convencido de que realmente Achmet Zek morreu — do contrário não te atreverias nunca a regressar ao acampamento, a menos que sejas mais valente ou mais louco do que imagino. E se não basta o testemunho do meu juízo, não acabo de receber confirmação da tua própria boca? Não disseste que Achmet Zek está mais do que nunca a salvo dos pecados e perigos da

mortalidade? Achmet Zek está morto — não precisas negá-lo. Não sou a mãe nem a amante dele, e portanto não tens a recear que te amole com as minhas lamentações. Dize-me o que desejas, Werper, e se ainda possuis as jóias de que me falou Achmet Zek não há razão para que tu e eu não partamos juntos para o norte e dividamos o resgate da branca e o conteúdo da bolsa que trazes à cintura... não achas?

Um sorriso malvado contraiu a boca fina de Mohammed Beyd ao pronunciar as últimas palavras, piscando os olhos para o belga.

Werper ficou a um tempo aliviado e perturbado pela atitude do árabe. A satisfação com que o homem aceitava a morte do chefe tirava um grande peso de apreensão dos ombros do assassino de Achmet Zek, mas a exigência da partilha das jóias era de mau agouro — que faria Mohammed Beyd quando soubesse que as pedras não estavam mais em poder do belga?

Revelar a perda das jóias seria levantar a cólera ou a suspeita do árabe e comprometer as esperanças de salvação. O que havia a fazer era, pois, manter Mohammed Beyd na crença de estarem as jóias ainda em poder dele, Werper, e contar com algum possível acidente futuro que fornecesse oportunidade de fuga.

Se pudesse marchar com o árabe para o norte, acharia numerosas ocasiões para remover aquela ameaça à sua vida e liberdade — valia a pena tentar, e, depois, não restava outra saída para a dificuldade.

— Sim, confirmou ele, Achmet Zek não existe mais. Morreu batalhando contra uma companhia de abissínios que me tinham feito prisioneiro. Durante o combate consegui fugir, mas duvido que tenha escapado com vida algum homem de Achmet Zek. O ouro que tinham ido buscar está em poder dos abissínios. De resto eles devem estar em caminho para cá, pois foram despachados por Menelik para punir Achmet Zek e sua gente da incursão feita numa aldeia abissínia. São muitos, e se não nos apressarmos em fugir, teremos o mesmo destino que Achmet Zek.

Mohammed Beyd ouviu em silêncio. Não sabia quanto devia acreditar do que lhe contava o belga, mas como via ali um pretexto para desertar da aldeia e fugir para o norte, não quis apurar muito a verdade das palavras de Werper.

— E se eu seguir para o norte contigo, a metade das jóias e metade do resgate da mulher me pertencerão?

— Sim, respondeu o belga.

— Bem, disse Mohammed Beyd levantando-se. Vou dar ordem para levantar acampamento amanhã de madrugada.

Werper estendeu uma mão, detendo-o pelo braço.

— Um momento, disse. Decidamos quantos homens deverão acompanhar-nos.

Não será prudente sobrecarregar-nos de mulheres e crianças, do contrário seríamos alcançados pelos abissínios. O melhor é formar uma escolta pequena, escolhida entre homens mais bravos, e recomendar aos que ficam dizerem termos partido rumo de "oeste". Assim quando os abissínios chegarem, serão encaminhados por eles a uma pista errada, caso os soldados de Menelik tenham intenção de perseguir-nos, e se não, seguirão para o norte com a menor rapidez do que fariam sabendo que marchamos adiante deles.

— A serpente é menos sabida do que tu, Werper, sorriu Mohammed Beyd. Faremos como dizes. Levaremos vinte homens e tomaremos a direção de "oeste" ao sair da aldeia.

— Muito bem, exclamou o belga, e assim ficou decidido.

Na madrugada seguinte Jane Clayton, depois de uma noite passada quase toda em claro, foi despeitada pelo som de vozes do lado de fora da prisão, e um momento após Werper e dois árabes entraram. Os últimos soltaram-lhe os tornozelos e ajudaram-na a erguer-se. Em seguida desataram-lhe os pulsos e deram-lhe a comer um pedaço de pão seco e conduziram-na para fora.

A alva despontava. Jane olhou interrogativamente para Werper, e no momento em que a atenção do árabe estava voltada em outra direção, o belga inclinou-se para a moça e segredou que tudo passaria conforme fora combinado entre eles. Assim tranqüilizada, Jane sentiu renascerem-lhe as esperanças banidas por uma longa e miserável noite de cativeiro.

Pouco tempo depois, foi ela içada à sela de um cavalo, e, escoltada por árabes, conduzida fora da aldeia através da floresta, rumo de oeste. Meia hora mais tarde, a comitiva torceu para o norte, direção que seguiu durante todo o resto da jornada.

Werper raramente falava com a moça, e ela compreendia que, levando o plano que levava, tinha ele que afetar o papel de captor e não de protetor, por isso de nada suspeitou, embora visse bem as relações amicais que parecia existirem entre o europeu e o árabe chefe do bando.

Se Werper conseguiu guardar-se de conversar com a moça, fracassou por completo na tentativa de bani-la do pensamento. Cem vezes por dia surpreendia-se olhando na direção dela, absorto na contemplação dos encantos do rosto e do corpo de Jane. De hora em hora sentia-se mais apaixonado, até que o desejo de possuí-la tomou quase proporções de loucura.

Se a moça ou Mohammed Beyd — qualquer um dos dois — pudesse adivinhar o que se passava no espírito do homem que cada um deles julgava um amigo e aliado, a aparente harmonia da pequena caravana seria imediatamente quebrada.

Werper não logrou ficar com Mohammed Beyd na mesma tenda, e assim revolviam

muitos planos de assassinio do árabe, problema que ficaria muito simplificado, caso lhe tivesse sido permitido partilhar com o outro o abrigo noturno.

No segundo dia de marcha Mohammed Beyd dirigiu o seu cavalo para junto do animal montado pela cativa. Era, aparentemente, a primeira vez que o árabe prestava alguma atenção à moça, mas nos dois dias anteriores freqüentemente os seus olhos astutos espiavam com sensualidade, disfarçados, sob o capuz do albornoz, as formas sedutoras da prisioneira. v

Nem essa paixão escondida era de origem recente. Concebera-a logo que a mulher do inglês caíra pela primeira vez cativa nas mãos de Achmet Zek, mas enquanto vivera o chefe austero, Mohammed Beyd não ousara sequer esperar a realização dos seus sonhos.

Mas agora a coisa era diversa — só um cão desprezível de Cristo se interpunha entre ele e a posse da rapariga. Como seria fácil matar o incréu e apoderar-se ao mesmo tempo da mulher e das jóias! De posse destas, o resgate que poderia obter pela cativa não era grande atrativo em comparação com os gozos que representava a propriedade dela. Sim, mataria Werper, guardaria todas as jóias e ficaria com a inglesa.

Olhou-a de lado. Como era bela! Mohammed Beyd abria e fechava os dedos — garras magras e trigueiras que lhe comichavam com o desejo de sentir a carnadura macia da vítima.

— Sabe, perguntou inclinando-se para ela, aonde esse homem pretende levá-la?

Jane Clayton fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— E está disposta a torrar-se o objeto de prazer de um sultão negro?

A moça empertigou-se toda e voltou os olhos para o outro lado, mas nada respondeu. Teve medo de trair o conhecimento do plano de Werper, não simulando suficientemente a aversão e o terror que lhe inspirava a revelação do árabe.

— Poderá escapar a esse destino, continuou o bandido. Mohammed Beyd salvá-la-á — e estendeu o braço, segurando-lhe os dedos da mão direita num aperto súbito e brutal que toda a paixão se lhe revelou naquele gesto, como se os lábios a houvessem confessado em palavras claras.

Jane Clayton puxou os dedos violentamente.

— Bruto! gritou. Solte-me ou chamarei já o Sr. Frecoult.

Mohammed Beyd recuou fechando a cara. O lábio superior franziu-lhe para cima, mostrando os dentes brancos e polidos.

— O Sr. Frecoult? revidou ele escarninho. Não existe Sr. Frecoult nenhum. O nome dele é Werper. Um mentiroso, um ladrão, um assassino! Matou o capitão, seu

chefe, no Congo e fugiu, colocando-se sob a proteção de Achmet Zek. Guiou Achmet Zek ao assalto do bangalô. Seguiu lorde

Greystoke e planejou roubar-lhe as barras de ouro. Disse-me ele que a senhora o tinha na conta de protetor e o canalha valeu-se de tal, para ganhar-lhe a confiança e assim ser mais fácil levá-la para o norte a fim de vendê-la ao harém de algum sultão negro. Fora de Mohammed Beyd não existe esperança para a senhora.

Dizendo isto, o árabe esporeou o cavalo e foi colocar-se à testa da coluna.

Jane Clayton não podia saber o que havia de verdade ou de mentira nas acusações de Mohammed Beyd, mas elas tiveram o efeito de cortar-lhe todas as esperanças, levando-a ainda a passar mentalmente em revista todos os gestos e palavras do homem por ela considerado como o seu único protetor no meio de um mundo de inimigos e perigos.

A cativa tinha durante a marcha uma tenda separada, tenda que à noite era armada entre a de Mohammed Beyd e a de Werper. Ficava uma sentinela na frente e outra atrás. Com essas precauções julgou-se escusado atar a prisioneira.

À noitinha do dia em que Mohammed Beyd lhe falara, estava Jane sentada à porta da tenda contemplando as atividades do acampamento. Comera a refeição que lhe fora trazida pelo escravo negro de Mohammed Beyd — uns bolos de mandioca e um cozido sem nome onde entrara a carne de um macaco morto recentemente, dois esquilos e os restos de uma zebra caçada na véspera, mistura incongruente sem o menor paladar, mas a beldade de Baltimore havia muito afogara na dura batalha pela vida uma delicadeza estética outrora revoltada à mais leve provocação.

Ao espriar os olhos pela clareira pisada e já emporcalhada pela presença humana, não discernia ela mais nem os objetos do primeiro plano, os rudes homens rindo ou altercando, nem a mata além, fechando-lhe o horizonte da visão material. O seu olhar deslizava sobre isso sem ver, concentrando-se na imagem de um bangalô distante e nas cenas de venturoso sossego, o que lhe trouxe às faces lágrimas que eram um misto de dor, de alegria e de saudade. Via um homem alto, espadaúdo, voltando a cavalo dos campos distantes, via-se a si mesma acolhendo-o com uma braçada de rosas cortadas de fresco no rosai que marginava o portão. Tudo isso não existia mais, desaparecera no passado, varrido pelos fachos incendiários, pelas balas e pela fúria daqueles degenerados. Com um soluço reprimido e um calafrio de angústia, Jane Clayton entrou na tenda e procurou a pilha de cobertas sujas que lhe serviam de cama. Lançando-se de borco sobre elas, soluçou amargamente, até que o sono caridoso lhe trouxe temporário alívio.

E enquanto Jane dormia, um vulto esgueirou-se da tenda que ficava à direita dela e, aproximando-se do guarda da frente, disse-lhe qualquer coisa ao ouvido. O

homem assentiu com a cabeça e sumiu-se na escuridão à procura dos próprios lençóis. O vulto encaminhou-se aos fundos da tenda e ali falou à segunda sentinela, que procedeu como a primeira.

Então aquele que os tinha mandado embora dirigiu-se à entrada da tenda e desamarrando as cortinas penetrou, silencioso como um fantasma, no abrigo da moça adormecida.

A fuga para a floresta

REVOLVENDO-SE sem sono nos lençóis, Albert Werper deixou a mente espairecer na imaginação dos encantos físicos da mulher que dormia na tenda vizinha. Notara o súbito interesse de Mohammed Beyd pela moça, e, julgando o homem por si próprio, adivinhou o que estava no fundo da mudança repentina de atitude do árabe em relação à prisioneira.

E, enquanto a sua imaginação trabalhava, levantou-se-lhe n'alma um ciúme bestial de Mohammed Beyd, e um grande receio de que o outro satisfizesse os seus baixos instintos sobre a moça indefesa. Por um estranho processo de raciocínio, Werper, cujos desígnios eram idênticos aos do árabe, figurava-se como protetor de Jane, e em breve estava convencido de que as atenções que pareceriam hediondas se proferidas por Mohammed Beyd, seriam bem acolhidas se vindas dos lábios dele, Albert Werper.

Morto o marido, imaginava Werper poder substituí-lo no coração da moça. Pediria Jane em casamento — coisa que Mohammed Beyd não poderia fazer, e que o pudesse, a

moça haveria de recusá-lo com o mesmo profundo nojo com que repeliria o desejo libidinoso do árabe.

Não tardou o belga em persuadir-se a si próprio de que não só a cativa tinha todos os motivos para nutrir sentimentos de amor por ele como já dera por vários métodos femininos claras demonstrações de novo afeto.

E uma resolução súbita tomou conta dele. Pulando da cama, enfiou as botas, meteu o revólver na cinta e foi até à entrada da tenda da cativa! Que queria dizer aquilo? Parecia, com efeito, que tinha o fado nas mãos.

Saiu e dirigiu-se aos fundos da tenda de Jane. Ali também não havia sentinela! Então, afoitamente, caminhou para a entrada e penetrou no abrigo.

O luar iluminava fracamente o interior. Do outro lado da tenda viu o vulto inclinado sobre as cobertas de uma cama. Houve uma palavra cochichada e outro vulto levantou o busto dos lençóis, sentando-se. Pouco a pouco os olhos de Werper habituaram-se à meia escuridão da tenda. Viu que o vulto inclinado sobre a cama era um homem, e adivinhou a identidade do visitante noturno.

Um ciúme furioso envolveu-o. Deu um passo em direção aos dois. Ouviu um grito de susto da moça ao reconhecer as feições do homem debruçado sobre ela, e viu Mohammed Beyd segurá-la pela garganta e fazê-la deitar-se novamente.

A paixão burlada lançou uma nuvem de sangue ante os olhos do belga. Não! não se deixaria assim roubar dos seus direitos. O bandido não a possuiria. Ela era para ele, só para ele.

Rápido atravessou a tenda correndo e atirou-se às costas de Mohammed Beyd. Este, embora surpreendido pelo ataque súbito e inesperado, não era homem para fugir à luta. Os dedos do belga tentavam agarrar o gasnete do árabe, mas Mohammed Beyd desvencilhóu-se dele com um safanão e, levantando-se, virou-se para o adversário. Ao se enfrentarem, Werper acertou um golpe na cara do árabe, que recuou cambaleando. Se o belga tivesse sabido tirar partido da vantagem, Mohammed Beyd estaria perdido, mas, em vez de desferir logo o segundo golpe, Werper procurou sacar do revólver, mas nesse momento quis o mau fado que a arma custasse a sair do estojo de couro.

Antes que Werper conseguisse tirá-la, Mohammed Beyd. voltara a si da tonteira e lançara-se sobre ele. Werper atingiu-o de novo na cara e o árabe revidou o soco. Trocando golpe sobre golpe e um procurando atracar o outro, os dois batalharam no pequeno interior da tenda, enquanto a moça, com os olhos dilatados de terror e espanto, seguia o duelo em silêncio.

De vez em quando Werper tentava sacar a arma. Mohammed Beyd, que não contava com a intervenção do belga, viera à tenda desprevenido e só trouxera consigo uma faca, que puxou agora no primeiro breve momento de trégua da luta.

— Cão de Cristo, falou ele em voz surda, olha para esta faca nas mãos de Mohammed Beyd! Olha bem, cristão imundo, pois será a última coisa na vida que verás ou sentirás! Com ela Mohammed Beyd te arrancará o coração! Se tens um Deus, reza logo, que daqui a um minuto estarás morto.

Dizendo isso, lançou-se cheio de ódio ao belga, com a faca suspensa acima da cabeça.

Werper tentava ainda inutilmente desvencilhar o revólver do estojo. O árabe já ia alcançá-lo. Sem outro recurso de defesa, o europeu esperou Mohammed Beyd, e quando este ia desferir a facada, Werper atirou-se no chão, deixando uma perna estendida no caminho do árabe.

O estratagema foi bem sucedido. Mohammed Beyd, levado no impulso da investida, tropeçou no obstáculo e rolou por terra. Mas imediatamente se levantou de novo, virando-se para reiniciar a batalha, Werper, porém, estava em pé diante dele, agora de revólver na mão.

O árabe arremeteu para atracar-se com ele. Houve um lampejo na escuridão, uma detonação seca, e o corpo de Mohammed Beyd tombou sem vida junto do lei*o da mulher a quem pretendia ultrajar.

Quase imediatamente depois do tiro soou lá fora no acampamento o rumor de vozes alarmadas. Os homens interpelavam-se mutuamente, indagando o que tinha acontecido. Werper ouvia-os correr aqui e ali investigando.

Jane Clayton levantou-se quando o árabe caiu morto, vindo de mãos estendidas para Werper.

— Como poderei agradecer jamais, meu amigo? E pensar que hoje mesmo acreditei nas infâmias que esse bandido me contou a seu respeito! Perdoe-me, Sr. Frecoult. Eu devia saber que um homem branco, um "gentleman", não podia deixar de ser o protetor de uma mulher de sua raça entre os perigos desta região selvagem.

Werper ficou, de braços descaídos, olhando para a moça, não sabia o que responder. Não havia o que responder àquela inocente acusação dos seus intentos verdadeiros.

Lá fora os árabes continuavam procurando o autor do disparo. As duas sentinelas que tinham sido mandadas embora por Mohammed Beyd foram as primeiras a lembrar-se de ir à tenda da prisioneira. Ocorreu-lhes que talvez a mulher se tivesse defendido com sucesso contra o chefe.

Werper ouviu os homens aproximarem-se. Ser apanhado como o matador de Mohammed Beyd equivalia a uma sentença de morte imediata. Os sinistros bandidos haveriam de pôr em postas o cristão que se atrevera a derramar o sangue do chefe. Era preciso arranjar alguma desculpa para retardar a descoberta do cadáver de Mohammed Beyd.

Repondo o revólver no estojo, dirigiu-se apressadamente para a porta da tenda, e, apartando as cortinas, apareceu aos homens que vinham chegando. Achou forças para esboçar um sorriso ao estender a mão, impedindo-lhes a entrada.

— A mulher resistiu e Mohammed Beyd foi obrigado a atirar. Mas ela não está morta, ficou apenas ferida levemente. Podem ir dormir. Mohammed e eu olharemos pela prisioneira.

Disse, e voltou ao interior da tenda. Os homens, satisfeitos com a explicação, voltaram alegremente ao sono interrompido.

Ao encarar de novo Jane Clayton, Werper sentiu-se animado de intenções completamente diferentes daquelas que o haviam tirado dos lençóis poucos minutos antes. A ex-citação da luta com Mohammed Beyd, bem como os perigos que teria de enfrentar quando na manhã seguinte se conhecesse no acampamento a verdade do que ocorrera na tenda da prisioneira, esfriara naturalmente a paixão ardente que o dominava ao penetrar ali.

Mas havia ainda outro motivo mais forte atuando em favor da moça. Por mais baixo que desça um homem, nunca a honra e o cavalheirismo que porventura tenha

possuído são inteiramente extirpados do seu caráter, e embora Albert Werper houvesse cessado, havia muito tempo, de manifestar o mais leve indício daquelas qualidades, o espontâneo reconhecimento delas por parte da moça reacendeu-as no coração do renegado.

Pela primeira vez sentiu o belga a posição terrível e quase sem esperanças da bela cativa, bem como a profundidade da ignomínia que lhe tornava possível a ele, um europeu bem-nascido, tomar parte na destruição do lar e da felicidade daquela que o havia hospedado com tanta gentileza.

Demasiada era a baixeza que sentia pesar-lhe na consciência para que tivesse esperança de redimir-se por completo, mas na primeira e súbita crise de remorso, o homem concebeu a intenção sincera de desfazer, na medida das suas forças, o mal que a sua cobiça criminosa causara à doce e inofensiva mulher.

Como ele ficasse imóvel, aparentemente escutando os passos dos árabes que se afastavam, na realidade profundamente engolfado em seus pensamentos, Jane Clayton chegou-se para perto dele.

— Que faremos agora? perguntou. Amanhã descobrirão isto — e apontava para o cadáver de Mohammed Beyd. Matá-lo-ão, sem sombra de dúvida.

Werper guardou silêncio por algum tempo. Depois voltando-se para ela:

— Tenho um plano. Exige calma e coragem de sua parte, mas a senhora já mostrou possuir uma e outra coisas. E' capaz de mais?

— Sou capaz de tudo, respondeu a moça com um sorriso animoso, que possa oferecer-nos alguma probabilidade de salvação.

— Finja-se morta, explicou o belga, e eu carregá-la-ei para fora do acampamento. Direi às sentinelas que Mohammed Beyd ordenou-me levar o corpo para a floresta. Justificarei esse ato, aparentemente desnecessário, alegando que Mohammed Beyd lamentava de tal modo o gesto pelo qual se tornara assassino, daquela por quem se apaixonara, que não podia suportar o reproche silencioso do corpo inanimado da sua vítima.

A moça ergueu a mão para interrompê-lo. Um sorriso entreabriu-lhe os lábios.

— Está louco? perguntou. Imagina então que as sentinelas darão crédito a semelhante balela?

— É que a senhora não os conhece. Sob aquele exterior selvagem, e a despeito de suas naturezas calejadas e criminosas, existe em cada um deles uma camada indestrutível de emotividade romântica — contraditória em toda a parte nos indivíduos dessa mesma laia. É o romanesco que atrai os homens a essa vida de crime e banditismo. O estratagema será bem sucedido — não tenha medo.

Jane Clayton deu de ombros:

— Podemos tentar... E depois?

— Deixá-la-ei oculta na floresta, continuou o belga, e pela manhã voltarei lá com dois cavalos.

— Mas como explicará a morte de Mohammed Beyd? Ela será descoberta antes que o senhor tenha tempo de fugir do acampamento.

— Não explicarei nada, replicou Werper. Mohammed Beyd que se explique sozinho. Está disposta a tentar a aventura?

— Estou!

— Mas espere — preciso arranjar-lhe arma e munições. E Werper saiu apressado da tenda.

Pouco depois regressou, trazendo outro revólver e um cinturão de balas à cintura.

— Está pronta?

— Estou.

— Então venha e deite-se como morta sobre o meu ombro esquerdo.

E Werper ajoelhou-se para recebê-la.

— Isso, disse levantando-se. Agora deixe a cabeça, os braços e as pernas penderem inanimadas. Lembre-se de que está morta.

Um momento depois Werper saía da tenda levando ao ombro o corpo da mulher.

Uma *boma* de espinheiros tinha sido levantada em volta do acampamento para guardá-lo dos carnívoros mais afoitos. Duas sentinelas andavam de um lado para outro à luz de uma fogueira que tinham o cuidado de manter sempre esperta. A que estava mais próxima olhou surpresa ao ver aproximar-se Werper.

— Quem vem lá? gritou. O que leva aí?

Werper levantou o capuz do albornoz para que a sentinela pudesse ver-lhe o rosto.

— E' o corpo da mulher, explicou. Mohammed Beyd pediu-me que a levasse para a floresta, pois não podia tolerar a vista daquela a quem amava e que a necessidade o forçou a matar. Está inconsolável, e foi com dificuldade que o impedi de tentar contra a própria vida.

Suspensa do ombro do belga, rígida e assustada, a moça esperava pela resposta do árabe. Sem dúvida que ele iria rir-se da peta, disso estava certa. Não tardaria a descobrir o logro que Werper lhe preparava, e ambos estariam perdidos, ela e o seu protetor. Pensou em como poderia ajudar o belga na luta que certamente haveria de ter lugar dentro de um minuto ou dois.

Nisso ouviu a voz do árabe respondendo a Werper:

— Vai sozinho ou quer que chame alguém para acompanhá-lo? perguntou a sentinela, e o tom não denotava a mais leve surpresa diante da sensibilidade tão repentinamente demonstrada por Mohammed Beyd.

— Vou só, respondeu Werper, e passou adiante pela estreita abertura da *boma* à qual o homem montava guarda.

Um momento depois o belga embrenhava-se entre os troncos das árvores com o seu fardo, e quando se viu fora do alcance das vistas da sentinela, depôs em terra a moça, fazendo *psiu* quando ela quis falar.

Em seguida conduziu-a mais longe no interior da mata, parou embaixo de uma árvore de larga copa, afivelou o cinturão de balas e o revólver à cintura de Jane, e ajudou-a a trepar aos galhos mais baixos.

— Voltarei pela manhã, assim que puder escapar. Tenha ânimo, lady Greystoke. Ainda há esperança de salvar-nos.

— Obrigada, respondeu ela em voz sumida. Não esquecerei a sua bondade e a sua bravura.

Werper não respondeu. A escuridão da noite escondeu o rubor de vergonha que lhe cobriu as faces. Tornou rápido ao acampamento. A sentinela do seu posto viu-o desaparecer na tenda, mas não o viu esgueirar-se por baixo da lona dos fundos e penetrar cuidadosamente na tenda que tinha sido ocupada pela prisioneira e onde se encontrava o cadáver de Mohammed Beyd.

Sem um segundo de hesitação, Werper segurou o corpo pelos pulsos e arrastou-o para o ponto por onde havia entrado. Pondo-se de gatinhas, passou para o lado de fora, levando atrás de si o cadáver. Espiou em torno — não havia ninguém. Então tomou o corpo nos ombros, e, arriscando tudo, atravessou correndo a curta distância que separava a tenda da prisioneira da do morto. Parou rente à parede de seda e depôs o fardo por terra. E ali permaneceu imóvel por alguns minutos, escutando.

Certo, afinal, de não ter sido visto, abaixou-se e ergueu a aba do pano da tenda, onde penetrou arrastando o corpo de Mohammed Beyd. Depois de o deitar na cama, tateou na escuridão à procura do revólver do árabe. Com a arma na mão voltou para junto do cadáver e ajoelhou-se à cabeceira, meteu a mão direita, que empunhava a arma, embaixo das cobertas e com a mão esquerda empilhou o pano em cima do revólver. Em seguida puxou o gatilho e no mesmo instante tossiu.

O ruído da detonação, abafado pelo da tosse, não podia ter sido ouvido nem por quem estivesse junto da tenda. Werper estava satisfeito. Um sorriso sinistro passou-lhe nos lábios ao retirar a arma de sob os lençóis e colocá-la na mão direita do morto, fixando três dedos na coronha e o indicador no gatilho.

Demorou-se ainda alguns minutos compondo as cobertas revolvidas, e em seguida saiu como entrou, reajustando o pano no fundo da tenda, de sorte a não deixar vestígios da sua passagem.

Voltando à tenda da prisioneira, pôs lá tudo em ordem, não deixando sinal de que alguém tivesse entrado ou saído pela parede do fundo. Em seguida tornou à própria tenda e meteu-se na cama.

Na manhã seguinte foi acordado pela voz alarmada do escravo de Mohammed Beyd, chamando por ele à entrada da tenda.

— Depressa! Depressa! gritava o preto em tom amedrontado. — Venha! Mohammed Beyd matou-se.

Werper sentou-se na cama ao primeiro alarma e, com uma expressão de susto na fisionomia, mas às últimas palavras do preto, um suspiro de alívio escapou-lhe dos lábios, e um ligeiro sorriso substituiu-lhe a tensão das feições.

— Já vou, disse ao escravo, e, calçando as botas, levantou-se e saiu da tenda.

Árabes e negros corriam excitados de todas as partes do acampamento para a tenda de seda de Mohammed Beyd, e quando Werper entrou, encontrou grande número deles em volta do corpo, já frio e inteiriçado.

Abrindo caminho com o ombro, o belga parou junto ao cadáver do bandido. Olhou-o por um momento em silêncio, e voltando-se para os árabes:

— Quem fez isso? Quem assassinou Mohammed Beyd?

Um coro súbito de vozes levantou-se em tumultuoso protesto.

— Mohammed Beyd não foi assassinado. Matou-se por suas próprias mãos. Isto e Alá são testemunhas — clamaram apontando o revólver na mão do morto.

Por algum tempo Werper simulou não acreditar, mas afinal deixou-se convencer de que com efeito Mohammed Beyd se suicidara de remorsos pelo assassinio da mulher por quem nutria tão grande paixão, desconhecida dos seus comandados. O próprio Werper envolveu o cadáver nos lençóis, tomando cuidado de esconder a parte do pano varada e chamuscada pelo tiro que disparara na noite da véspera. Em seguida seis negros robustos carregaram o corpo para a clareira onde se erguia o acampamento, e depositaram-no num túmulo raso. Quando a terra fofa caiu sobre os lençóis denunciadores, Albert Werper deu outro suspiro de alívio — o seu plano surtira efeito acima de suas esperanças.

Mortos Achmet Zek e Mohammed Beyd, os bandidos ficavam sem chefe, e após breve confabulação decidiram regressar ao norte em visita às várias tribos a que pertenciam. Werper, depois de inteirar-se do rumo que eles pretendiam tomar, anunciou-lhes, por sua vez, que seguiria em direção à costa de leste, e como o belga

não possuísse nada que lhes suscitasse a cobiça, deixaram-no seguir o seu caminho em paz.

Quando eles partiram, Werper montou a cavalo no centro da clareira, vendo-os desaparecer um por um na floresta, e deu graças a Deus por lhes ter afinal escapado das garras.

Ao morrer na distância o último eco dos árabes, Werper tomou à direita e dirigiu-se ao ponto da mata onde deixara lady Greystoke escondida, estacando embaixo da árvore, chamou-a com um "Bom dia!" alegre e esperançado.

Não teve resposta, e embora explorasse com os olhos a folhagem espessa, não descobriu vestígio da moça. Desmontando, subiu rápido à árvore, donde pudesse ter uma vista geral de todos os galhos. A árvore estava vazia — Jane Clayton desaparecera pela calada da noite.

Tarzan recobra a memória

AO DEIXAR as pedrinhas da bolsa recuperada escorrerem-lhe entre os dedos, Tarzan voltou os pensamentos para a pilha de barras amarelas em torno da qual os árabes e os abissínios tinham travado a implacável batalha.

Que havia de comum entre aquele monte de metal sujo e os lindos seixinhos rebrilhantes que dantes havia na bolsa? Que metal era aquele? Onde viera? Que significava a meia convicção que o perseguia, como forçando a sua memória a reconhecer uma relação entre a sua pessoa e aquela pilha amarela que alguma coisa no fundo da consciência dizia pertencer-lhe?

Qual era o seu passado? O homem-macaco abanou a cabeça. Vagamente, lentamente, as lembranças da sua infância simiesca desfilaram em revista — depois veio uma massa estranhamente confusa de rostos, figuras e acontecimentos que pareciam não ter a menor relação com Tarzan dos Macacos, e no entanto lhe eram, apesar das suas formas fragmentárias, familiares.

Lentamente, penosamente, as reminiscências teimavam em afirmar-se, o cérebro lesado ia-se reparando à medida que, dissipada a causa do colapso recente, as funções se iam reintegrando pelo restabelecimento dos processos da circulação perfeita.

As pessoas que agora se lhe apresentavam ante os olhos do espírito eram, pela primeira vez havia tantas semanas, rostos familiares, mas não podia ainda colocá-las nos nichos por elas ocupados no passado, nem tampouco chamá-las pelo nome. Uma era a criatura feminina, e o rosto dela a imagem que mais freqüentemente se movia entre as reminiscências confusas do cérebro convalescente. Quem era ela? Que relação tinha com Tarzan dos Macacos? Parecia-lhe vê-la precisamente no lugar onde estavam as barras amarelas desenterradas pelos abissínios, mas o sítio era muito diferente do que se mostrava agora.

Havia uma casa — havia muitas casas — e muros, sebes, e flores. Tarzan enrugava a testa, absorvido no exame do intrincado problema. Parecia um segundo estar a ponto de apanhar a explicação de tudo, e de repente tudo se desvanecia de novo no cenário da floresta onde um adolescente branco e nu dançava em companhia de um bando de antropóides cabeludos e feios.

Tarzan abanou a cabeça e suspirou. Por que seria que não podia lembrar-se? Pelo menos tinha certeza de que as barras amarelas, o local onde elas jaziam, o aroma da fugitiva que ele procurava, a lembrança da mulher branca e ele mesmo estavam

inextricavelmente ligados pelos laços de um passado esquecido.

Se a mulher era dali, que melhor lugar onde procurá-la ou esperá-la do que o mesmo sítio onde a colocavam as suas vagas reminiscências? Valia a pena tentar. Tarzan pôs ao ombro a bolsa vazia e partiu através da galharia em direção à planície.

Na orla da floresta encontrou os árabes que voltavam à procura de Achmet Zek. Ocultando-se, deixou-os passar, e em seguida prosseguiu a caminho das ruínas carbonizadas do lar que esteve a pique de revocar à mente desmemoriada.

A jornada através da planície foi interrompida pela descoberta de um pequeno rebanho de antílopes que pastava num ponto em que a vegetação e o vento se combinavam para tornar fácil a caça. Um filhote nédio recompensou a meia hora de tocaia e o bote súbito e selvagem. Ao cair da tarde o homem-macaco acorrou-se finalmente para saborear o fruto da sua habilidade, da sua astúcia e da sua força.

Matada a fome, tratou de satisfazer a sede. O rio atraiu-o pelo caminho mais curto às suas águas refrigerantes, e quando Tarzan acabou de beber, a noite caíra e ele se achava a meia milha ou mais abaixo do ponto em que vira a pilha de barras amarelas e onde esperava encontrar a mulher que não lhe saía da imaginação, pelo menos achar alguma indicação do paradeiro ou da identidade dela.

Para as criaturas da mata o tempo é matéria de somenos importância, e a pressa, quando não engendrada pela fome, pela raiva ou pelo terror, odiosa. O dia de hoje estava acabado. Amanhã — e haveria uma infinita sucessão de amanhã — Tarzan prosseguiria em suas pesquisas. Além disso, o homem-macaco necessitava muito de repouso e sono.

Uma árvore ofereceu-lhe a mesma segurança, retiro e conforto de um quarto de dormir bem mobiliado, e ao coro dos caçadores e caças das margens selvagens do rio não tardou ele a adormecer profundamente.

A manhã seguinte veio achá-lo de novo faminto e sedento. Descendo da árvore, encaminhou-se ao bebedouro à margem do rio. Ali já encontrou Numa, o leão. A fera enorme sorvia a água avidamente, e, pressentindo a aproximação de um intruso pela retaguarda, levantou a cabeça e, lançando um olhar por cima da juba, fitou o homem-macaco. Um ronco surdo de ameaça trovejou-lhe na garganta, mas Tarzan, adivinhando que o bicho acabava de largar a carniça e estava farto, deu uma pequena volta e prosseguiu em direção do rio, onde parou a algumas jardas acima do felino e pondo-se de gatinhas mergulhou o rosto na água fria. Por um momento o leão continuou a olhar para o homem, depois voltou a beber, e homem e fera mataram a sede lado a lado, cada qual aparentemente esquecido da presença do outro.

Numa foi o primeiro a acabar. Erguendo a cabeça, ficou a olhar por alguns

minutos para a outra margem do rio com aquela fixidez de pedra que é uma característica da sua espécie. Se não fosse a juba negra que bulia à aragem que soprava, dir-se-ia fundido em bronze, tão imóvel, tão estática era a sua atitude.

Um resfolego profundo arrancado aos pulmões possantes dissipou a ilusão. A larga cabeça girou lentamente até pousar os olhos amarelos no homem. O beicho cerdoso retraiu-se para cima, expondo as presas amarelas. Outro ronco de ameaça vibrou-lhe nas bochechas pesadas, e o rei dos animais virou-se majestosamente, subindo devagar a trilha que se perdia entre os caniços.

Tarzan dos Macacos continuou a beber, mas com o canto do olho vigiava cada movimento do grande carnívoro, até que este desapareceu, e a partir de então foram os ouvidos apurados do homem que passaram a prestar atenção à fera.

Depois de um mergulho no rio, acompanhado de uma ligeira refeição de ovos que o acaso lhe revelara, Tarzan subiu rio acima em direção às ruínas do bangalô.

Quando chegou ao ponto em que as barras amarelas marcavam o centro da batalha da véspera, ficou surpreso e consternado ao verificar que o metal havia desaparecido! A terra, trilhada de pegadas de homens e cavalos, não fornecia nenhuma indicação. Era como se as barras se tivessem evaporado no ar.

O homem-macaco estava sem saber o que fazer ou para onde se virar. Não havia sinal de rasto denotando que ela tivesse estado ali. O metal fora-se, e se havia alguma relação entre ela e o metal, parecia inútil esperá-la, uma vez que as barras tinham sido levadas para outro lugar.

Tudo parecia fugir-lhe — os bonitos seixos, o metal amarelo, ela, a memória do passado. Tarzan estava profundamente desgostoso. Regressaria à floresta à procura de Chulk, e mais uma vez encaminhou os passos em direção à mata. Apressou-se, atravessando a planície em trote largo, e, na orla da floresta, atirou-se às árvores, por onde seguiu com a destreza e a velocidade de um símio.

Ia a esmo — para diante, para diante, gozando da liberdade sem peias dos movimentos, na esperança de deparar com algum vestígio de Chulk ou dela, incentivo secundário..

Vagou assim durante dois dias, matando alguma caça, comendo, bebendo e dormindo onde quer que a necessidade coincidissem com os meios de satisfazê-la. Na manhã do terceiro dia chegou-lhe às narinas o cheiro de homem e de cavalo. Instantaneamente mudou o passo, deslizando silenciosamente na direção donde vinha o eflúvio.

Não tardou a descobrir um cavaleiro solitário a caminho de leste. Imediatamente a vista confirmou o que o olfato revelara — o viajante era o homem que lhe havia roubado as pedrinhas. A cólera acendeu-se-lhe nos olhos cinzentos ao baixar aos

galhos mais baixos, até mover-se quase a cavaleiro do desprevenido Werper.

Um salto súbito, e o belga sentiu um corpo pesado desabar-lhe na garupa do cavalo espavorido, que resfolgando deu um pulo para frente. Braços gigantes enlaçaram o cavaleiro, que num abrir e fechar de olhos foi arremessado da sela à trilha, onde o gigante branco lhe fincou um joelho no peito.

Ao primeiro olhar, Werper reconheceu as feições do seu captar, e uma palidez de morte cobriu-lhe o rosto. Dedos de ferro apertavam-lhe o gasnete. Tentou gritar, implorando a vida, mas os dedos cruéis não lhe consentiam falar, e decerto não lhe fariam misericórdia.

— As pedrinhas? gritou o homem-macaco. Que fizeste das pedrinhas — as pedrinhas bonitas de Tarzan?

Os dedos escuros do homem-macaco apertavam cada vez mais. No primeiro instante Werper, meio sufocado, apenas pôde tossir. Por fim recobrou a fala.

— Achmet Zek, o árabe, roubou-mas, gritou. — Ele obrigou-me a entregar a bolsa e as pedras.

— Sim, respondeu Tarzan, mas as pedras que estavam na bolsa não eram as pedrinhas bonitas de Tarzan — eram simples seixos como os que se encontram no leito dos rios e nas margens. O próprio árabe não quis saber delas, pois atirou-as ao chão com raiva quando as viu. São as minhas pedrinhas bonitas que eu quero. Onde estão elas?

— Não, sei, não sei, gritou Werper. Dei-as a Achmet Zek, senão ele me matava. Alguns minutos depois ele seguiu-me na trilha para matar-me, apesar de ter-me prometido não me molestar mais, e então eu atirei e matei-o, mas a bolsa não estava com ele, e embora eu a procurasse por toda a parte, não pude encontrá-la.

— Achei-a eu, estou te dizendo! rosnou Tarzan, e achei também os seixos que Achmet Zek jogou fora indignado. Não eram as pedrinhas de Tarzan. Escondeste-as! Ou me dizes onde estão elas ou eu te mato!

Os dedos escuros do homem-macaco apertavam cada vez mais a garganta da sua vítima. Werper lutava por desvencilhar-se.

— Deus do céu, lorde Greystoke, gritou, será possível que queira matar-me só por causa de um punhado de pedras?

— Lorde Greystoke! repetiu o homem-macaco. Lorde Greystoke! Quem é lorde Greystoke? Onde ouvi esse nome antes?

— Mas lorde Greystoke é o senhor mesmo, homem! gritou o belga. O senhor foi alcançado na cabeça por uma rocha quando o terremoto fez desmoronar a passagem que leva ao subterrâneo onde o senhor e o negro *waziri* tinham ido buscar as barras

de ouro. A pancada tirou-lhe a memória. O senhor é John Clayton, lorde Greystoke — pois não se lembra?

— John Clayton, lorde Greystoke! repetiu Tarzan.

E calou-se um instante. Daí a pouco passou uma mão hesitante na fronte, e uma expressão de espanto encheu-lhe os olhos — de espanto e súbita compreensão. O nome esquecido viera despertar-lhe a memória adormecida. O homem-macaco soltou a garganta do belga e pôs-se em pé de um salto.

— Deus meu! gritou, e depois — Jane! Virando-se de repente para Werper:

— E minha mulher? Que é feito de minha mulher? A herdade está em ruínas. Tu sabes. Teu dedo anda em tudo isso. Seguiste-me a Opar. Roubaste-me as jóias que eu imaginava serem simples pedrinhas bonitas. És um tratante! Não venhas dizer-me que não.

— Pior que um tratante, disse uma voz pausada atrás deles.

Tarzan voltou-se admirado e viu a poucos passos um homem fardado em pé na trilha. Acompanhava-o um grupo de soldados negros trajando o uniforme do Estado Livre do Congo.

— É um assassino, "Monsieur", continuou o oficial. Há muito que o venho seguindo para aprisioná-lo por ter matado o seu superior.

Werper estava agora em pé, pálido e trêmulo, considerando o destino que vinha pôr-lhe a mão em cima do labirinto da mata fechada. Instintivamente voltou-se para fugir, mas Tarzan dos Macacos estendeu a mão possante e deteve-o pelo ombro.

— Espera aí! disse o homem-macaco ao prisioneiro. Este senhor tem contas a ajustar contigo, e eu também. Quando eu tiver acabado, será a vez dele. Quero que me digas que é feito de minha mulher.

O oficial belga olhou com curiosidade o gigante branco quase nu. Notou o estranho contraste da vestimenta e das armas primitivas com o francês fácil e fluente falado pelo homem. Aquelas denunciavam o tipo mais baixo de cultura, este, o mais alto. Não saberia determinar a situação social de tão estranha criatura, mas do que estava certo é que não lhe agradava a tranqüila segurança com que o camarada pretendia ditar-lhe ordens quando lhe cumpria apoderar-se do prisioneiro.

— Perdão, disse, dando um passo à frente e colocando a mão no ombro de Werper, mas este homem é meu prisioneiro e tem que vir comigo.

— Depois que eu acabar de ajustar contas com ele, replicou Tarzan, tranqüilamente.

O oficial voltou-se e acenou para os soldados que o escoltavam. Estes adiantaram-se e fizeram o cerco em torno do homem-macaco e do prisioneiro.

— Do meu lado está a lei e a força para fazer cumpri-la, anunciou o oficial. Evitemos brigas. Se o senhor tem alguma queixa contra este homem, venha conosco e apresente-a perante o tribunal competente.

— A sua autoridade é muito discutível, meu caro, respondeu Tarzan, e a força com que conta para apoiá-la, apenas aparente — não real. O senhor atreveu-se a entrar em território britânico, com uma escolta armada. Que direito tem para proceder assim? Onde está a sentença extraordinária que justifique a prisão desse homem? E quem lhe diz que eu não disponho de força armada, que o impeça de voltar ao Estado Livre do Congo?

O oficial perdeu a calma.

— Não estou disposto a discutir com um selvagem nu, gritou. Se não quer sofrer as conseqüências, não se intrometa no que não é da sua conta. Sargento, prenda este homem, ordenou apontando Werper.

Werper aproximou-se do ouvido de Tarzan e segredou-lhe:

— Livre-me desse homem e eu lhe mostrarei o lugar preciso onde vi a sua mulher pela última vez. Ela não pode estar longe.

Os soldados, obedecendo ao sinal do sargento, acercaram-se para apoderar-se de Werper. Tarzan, agarrando o belga pela cintura, e carregando-o debaixo do braço como se transportasse um saco de farinha de trigo, avançou resolvido a romper o cordão. O seu punho direito atingiu o queixo do soldado mais próximo e derrubou-o por cima dos companheiros. Estes tentaram fechar-lhe o caminho, cruzando as carabinas, mas o homem-macaco arrancava-lhas das mãos, levando-os todos de roldão. O bolo era tão confuso que os negros não ousaram atirar, de medo de ferir algum dos companheiros, e Tarzan já estava prestes a escapular-se na mata quando um deles, vindo por trás, conseguiu dar-lhe um golpe em cheio na cabeça com a coronha da carabina.

No mesmo instante o homem-macaco caiu e uma dúzia de soldados negros precipitaram-se sobre ele. Quando Tarzan voltou a si, estava sólidamente amarrado, e Werper também. O oficial belga, vendo os seus esforços coroados de êxito, mostrava-se de bom-humor e inclinado a trocar dos prisioneiros pela facilidade com que haviam sido capturados, mas Tarzan não lhe deu resposta. Werper, porém, não cessava de protestar. Explicou que Tarzan era um lorde inglês, mas o oficial limitou-se a rir da declaração, e aconselhou o prisioneiro a poupar o fôlego para defender-se no tribunal.

Assim que Tarzan recobrou os sentidos e viu-se que não estava seriamente ferido, os prisioneiros foram enquadrados e iniciou-se a marcha de regresso ao Estado Livre do Congo.

Ao anoitecer, o destacamento fez alto à margem de um curso d'água, onde acampou e procurou o jantar. Da folhagem espessa da mata circunjacente um par de olhos sinistros espreitava as atividades dos negros fardados, com intensa e silenciosa curiosidade. Acompanhou a construção da *boma*, o ateamento das fogueiras, os aprestos da refeição.

Tarzan e Werper jaziam amarrados atrás de uma pilha de mochilas desde o momento em que o destacamento fizera alto, mas acabado de preparar a comida, ordenaram-lhes as sentinelas que se levantassem e se aproximassem de uma das fogueiras a fim de lhes serem as mãos desatadas para que pudessem comer.

Quando o homem-macaco se ergueu, o observador da mata, reconhecendo-o, deixou escapar um grunhido surdo e gutural dos lábios selvagens. Imediatamente Tarzan ficou alerta, mas o grunhido de resposta que já lhe subia da garganta morreu-lhe na boca, suprimido pelo receio de despertar suspeitas da parte dos soldados.

De repente veio-lhe uma inspiração. E voltando-se para Werper:

— Vou falar-te em voz baixa e numa língua que não compreendes. Finge escutar atentamente o que vou dizer, e responde de vez em quando uma palavra ou outra, como se estivesses falando no mesmo idioma — a nossa salvação depende do sucesso dos nossos esforços.

Werper fez com a cabeça um aceno de compreensão e assentimento. Imediatamente irrompeu da boca do companheiro uma estranha algaravia, que só poderia ser comparada ao latido e rosar dos cães e ao tagarelar dos macacos.

Os soldados mais próximos olharam espantados para o homem-macaco. Alguns deles riram, outros retiraram-se, evidentemente tomados de medo supersticioso. O oficial aproximou-se dos prisioneiros enquanto Tarzan estava ainda papagueando, e ficou parado atrás deles, escutando muito perplexo. Quando Werper balbuciou uma geringonça ridícula qualquer em resposta, a curiosidade do homem não se conteve mais e ele adiantou-se perguntando que língua era aquela que estavam falando.

Tarzan tinha avaliado o grau de cultura do oficial pela natureza e qualidade da conversação durante a marcha, e baseou o sucesso da sua réplica na opinião que havia feito.

— Grego, explicou.

— Ah, logo vi que era grego, respondeu o oficial, mas deixei de estudá-lo há tantos anos, que não estava certo. No futuro, porém, gostaria que falassem num idioma que me seja mais familiar.

Werper virou a cabeça para esconder um sorriso de mofa e cochichou a Tarzan:

— Era grego para ele — e para mim também!

Mas um dos soldados negros disse em voz baixa a um companheiro:

— Já ouvi estes sons antes — uma vez em que eu estava perdido na mata de noite, ouvi os homens cabeludos das árvores conversarem entre si, e as palavras que diziam eram muito parecidas com as deste homem branco. Só queria que não o tivéssemos encontrado! Ele não é homem, não — é um espírito mau, e se não o deixarmos ir embora, alguma desgraça nos vai acontecer.

O outro voltou os olhos assustados para o lado da floresta. O primeiro riu nervosamente e afastou-se, para repetir a conversa, com variações e exageros, aos outros pretos, de sorte que dentro em pouco circulava no acampamento em torno do gigante branco uma aterradora história de magia negra e morte súbita.

E nas trevas da noite que baixava sobre a floresta sombria, uma criatura cabeluda, com jeito de homem, lançou-se pela mataria a fora, saltando de árvore em árvore, rumo do sul, em missão secreta e espontânea.

CAPÍTULO 23

Uma noite de terror.

PARECIA a Jane Clayton, esperando na árvore onde a deixara Werper, que a noite não teria fim, e no entanto o fim chegou, e uma hora depois de despontada a aurora, o ânimo da moça levantou-se novamente com a aproximação de um cavaleiro solitário que vinha vindo pela trilha.

O albornoz flutuante, com o seu capuz frouxo, escondia o rosto e o corpo do cavaleiro, mas que era Frecoult, Jane sabia bem, pois ele trajava como árabe, e depois, quem mais poderia vir buscá-la no esconderijo?

O que ela via aliviava-a da tensão da longa noite de vigília, mas havia muita coisa que ela não via. Não viu o rosto negro por baixo do capuz branco, nem na volta da trilha a fila de cavaleiros de ébano que vinham a passo lento escoltando o chefe. Essas coisas não viu ela a princípio, e por isso inclinou-se para baixo e com uma exclamação acolhedora saudou o cavaleiro que se aproximava.

À primeira palavra, o homem levantou os olhos, restando surpreso o cavalo, e quando Jane deu com o rosto negro de Abdul Murak, o abissínio, escondeu-se aterrada no meio da folhagem, mas era tarde. O homem a tinha visto e ordenava-lhe agora que descesse. A princípio ela recusou, mas quando uma porção de cavaleiros negros se juntaram ao chefe e por ordem de Abdul Murak um deles trepou à árvore, ela compreendeu que toda resistência seria inútil, e desceu devagar para perante o captor pleitear a sua causa em nome da justiça e da humanidade.

Irritado pela recente derrota, e pela perda do ouro, das jóias e dos prisioneiros, Abdul Murak não estava em disposição de espírito para ser influenciado por qualquer apelo a sentimentos de brandura, estranhos à sua natureza mesmo nas circunstâncias mais favoráveis.

Contava com a degradação e possivelmente a morte como castigo pelos fracassos da sua expedição, quando voltasse ao país natal e narrasse a Menelik o acontecido, mas um presente magnífico poderia temperar a cólera do senhor e certo essa linda flor de outra raça seria recebida com vivo prazer pelo imperador negro.

Quando Jane Clayton terminou o apelo, Abdul Murak, em breves palavras, prometeu-lhe a sua proteção, mas disse-lhe que tinha de levá-la ao Negus. A moça não precisou perguntar porque, e mais uma vez a esperança desertou-lhe do peito. Resignada, deixou-se içar à garupa de um dos cavaleiros, e de novo, às mãos de outros senhores, retomou o caminho de um destino que lhe parecia agora inevitável.

Abdul Murak, privado dos seus guias pela batalha travada contra os árabes, e

incerto dos caminhos, desgarrava longe da trilha que deveria ter seguido, e em consequência pouco avançara para o norte desde o momento em que se pusera em fuga. Naquele dia bateu a mata na direção do oeste, esperando encontrar alguma aldeia onde pudesse obter guias, mas a noite chegou frustrando-lhe as esperanças.

Reinava o desânimo na comitiva, ao acampar, faminta e sedenta, na mata cerrada. Atraídos pelos cavalos, os leões vagavam em torno da *boma*, e aos seus roncões medonhos misturavam-se os relinchos estridentes dos animais amedrontados. Homens e bichos mal podiam conciliar o sono, e as sentinelas foram dobradas, tanto para impedir o ataque súbito de algum leão demasiado afoito ou esfaimado, como para entreter esperto o fogo, barreira bem mais eficiente do que a *boma* contra a audácia dos grandes carnívoros.

Já era mais de meia-noite e Jane Clayton, não obstante haver passado em claro toda a noite anterior, mal cochilara um pouco. Uma sensação de perigo iminente parecia pairar como um véu negro sobre o acampamento. Os veteranos do imperador negro mostravam-se nervosos e inquietos. Abdul Murak volta e meia deixava o leito para andar abaixo e acima entre os cavalos amarrados e as fogueiras crepitantes. A moça podia ver-lhe o vulto silhuetaado no fundo vermelho das chamas, adivinhando pelos movimentos bruscos e nervosos do homem que ele estava com medo.

O rugir dos leões de repente assanhara-se a tal ponto, que a terra tremia e reboava ao coro medonho. Os cavalos rincharam de pavor, sacudindo para trás a cabeça numa tentativa desesperada de romper as cordas que os prendiam. Um homem da tropa, mais animoso que os demais, saltou entre os animais espavoridos e alvoroçados, procurando acalmá-los. Um leão, mais bravo, saltou num pulo feroz quase em cima da *boma*. A luz da fogueira iluminou-lhe em cheio o vulto enorme. Uma sentinela ergueu a carabina e fêz fogo. Foi como se aquela pequena bala de chumbo houvesse rompido os diques do inferno sobre o acampamento tomado de pavor.

O projétil abriu um sulco profundo e doloroso no flanco da fera, açulando-lhe toda a fúria bestial no pequenino cérebro, mas não abatendo em nada o vigor e resistência do grande corpo.

Incólume, a *boma* e o fogo poderiam tê-lo feito recuar, mas agora a dor e a raiva privavam-no de toda a cautela, e com um rugido tremendo de cólera, ele galgou a barreira num salto fácil e arremeteu sobre os cavalos.

O que já era um pandemônio antes, tornou-se então tumulto indescritível. O cavalo acometido pelo leão rinchava de terror sob as garras cruéis. Vários outros animais romperam as cordas e galopavam à doida pelo acampamento. Os homens pulavam das camas e de carabina na mão corriam para a estacada, ao mesmo tempo que da mata, do outro lado da *boma*, uma porção de leões, estimulados pelo

exemplo do companheiro, investiam sem medo sobre o acampamento.

Um a um, a princípio, depois aos dois e aos três saltavam a *boma*, até o pequeno cercado ficar entupido de homens berrando pragas, de cavalos rinchando em batalha feroz para defenderem a vida contra os demônios de olhos verdes da floresta.

Com a investida do primeiro leão, Jane Clayton levantara-se e assistia agora horrorizada à carnificina selvagem que turbilhonava em roda dela. De uma feita a rodada de um cavalo derrubou-a e um momento depois um leão, saltando em perseguição de outro animal espavorido, empurrou-a com tamanha violência que a repôs em pé outra vez.

Entre as detonações das carabinas e os roncões dos carnívoros soavam os gritos dos homens e cavalos feridos ao serem abatidos pelos felinos sequiosos de sangue. As feras que pulavam, os cavalos que se empinavam e disparavam, impediam qualquer ação concertada por parte dos abissínios — cada vim cuidava de si — e no calor da refrega os homens esqueciam a indefesa mulher ou não lhe prestavam atenção. Uma porção de vezes foi a sua vida ameaçada por leões que investiam, por cavalos que escoiceavam ou pelas balas perdidas dos negros. E parecia não haver mais esperança de salvação, pois agora os ruivos felinos, com a astúcia da sua espécie, envolviam as suas vítimas num cerco horrendo de presas amarelas e longas garras afiadas. De vez em quando um leão isolado saltava de súbito entre os homens e os cavalos aterrorizados, de vez em quando um cavalo, enfurecido de dor ou de espanto, conseguia romper o círculo dos leões e saltar a *boma*, sumindo na floresta, mas para os homens e para a mulher era impossível esse recurso.

Um cavalo, atingido por uma bala, tombou ao lado de Jane, um leão pulou por cima do animal moribundo e foi cair em cheio sobre o peito de um negro que estava do outro lado. O homem levantou a carabina à guisa de cacete e desferiu um golpe inútil à cabeça da fera, que um segundo depois estava de novo em cima dele. Gritando de pavor, o soldado enfiou os fracos dedos na juba enorme, tentando afastar de si a queixada hiante. O leão abaixou a cabeça, as maxilas escancaradas fecharam-se trincando num só golpe a cara desfigurada pelo terror, e um segundo depois o felino voltava para junto do cavalo morto arrastando na boca o corpo sem vida do negro.

A moça assistia à cena de olhos esgazeados. Viu o carnívoro trepar sobre o cadáver, titubeando quando a massa inerte resvalou-lhe sob as patas dianteiras, como fascinada, seguiu com os olhos a fera quando esta passou a pequena distância dela.

O obstáculo do corpo pareceu irritar o leão. Sacudiu com fúria o cadáver do preto, rugindo e rosnando entre dentes. Por fim largou-o e ergueu a cabeça, à procura de outra vítima em que repastar a cólera. Os olhos amarelos fixaram-se sinistramente

no rosto da moça, arreganhando a beíçada cerdosa e exibindo as presas terríveis. Um rugido medonho escapou-lhe das fauces, e a fera enorme agachou-se para dar o bote em cima de nova e indefesa vítima.

O sossego baixara sobre o acampamento onde Tarzan e Werper jaziam sólidamente amarrados. Duas sentinelas nervosas faziam a ronda, olhando de vez em quando para as trevas impenetráveis da floresta sombria. Os outros dormiam ou procuravam dormir — todos menos o homem-macaco. Pertinaz, silenciosamente forcejava ele por quebrar os laços que lhe atavam os pulsos.

Retesavam-se-lhe os músculos sob a pele macia e morena dos braços e dos membros, saltavam-lhe as veias das têmporas pela violência do esforço — um fio partiu, outro mais, mais outro, e enfim uma das mãos ficou livre. Aí veio da mata um som gutural surdo, e o homem-macaco parou, rígido como uma estátua, sondando com o ouvido e com o olfato no negrume da noite onde a vista não podia penetrar.

De novo se fêz ouvir o som misterioso oriundo da mataria espessa que envolvia o acampamento. Uma sentinela estacou abruptamente, firmando os olhos na escuridão. E chamando o camarada num cochicho rouco:

— Ouviu? perguntou.

O outro aproximou-se trêmulo.

— Ouviu o quê?

O som estranho repetiu-se novamente, acompanhado quase imediatamente por outro semelhante em resposta, partido do acampamento. As sentinelas chegaram-se umas para as outras, escrutando o ponto donde a voz parecia provir. Era da extremidade oposta do acampamento, dum lugar em que as árvores pendiam sobre a *boma*. Os homens não ousaram aproximar-se. O terror impedia-os até de despertar os companheiros. Transidos de medo, esperavam o momento de ver saltar da mata a aparição horrorosa.

E não tiveram muito que esperar, Um vulto escuro e corpulento pulou dos galhos de uma árvore no interior da *boma*. Ao vê-lo, uma das sentinelas recobrou o uso dos músculos e da voz. Gritando alto para alarmar o acampamento, correu à fogueira onde jogou uma braçada de arbustos.

O oficial branco e os soldados negros saltaram da cama. As chamas espertadas clareavam todo o acampamento, e os homens acordados recuaram tomados de terror supersticioso ante o quadro que se lhes deparou à vista.

Formas gigantescas e cabeludas moviam-se entre a folhagem na extremidade oposta do recinto. O gigante branco, com uma mão livre, tentava desvencilhar-se das cordas que lhe prendiam os pés, e chamava os temíveis visitantes noturnos numa horrenda mistura de latidos e grunhidos guturais.

Werper conseguira sentar-se. Ele, também, via as cataduras selvagens dos antropóides e não sabia se devia respirar aliviado ou tremer de pavor.

Os grandes macacos aproximaram-se, rosnando, de Tarzan e de Werper. Chulk conduzia-os. O oficial belga ordenou aos soldados que atirassem, mas os negros não obedeceram, retidos pelo terror supersticioso que lhes inspirava as criaturas peludas das árvores e pela convicção de que o gigante branco, que tinha o poder de chamar em seu auxílio os bichos da floresta, era um ente sobrenatural.

Sacando da arma, o oficial fez fogo, e Tarzan, temendo o efeito da detonação sobre os seus amigos, tímidos de fato, gritou-lhes que se apressassem a cumprir o que ele lhes ordenava.

Dois dos macacos abalaram ao estrondo do tiro, mas Chulk e uma meia dúzia de companheiros avançaram rapidamente e, obedecendo às ordens de Tarzan, tomaram deste e de Werper, carregando-os em direção à mata.

À custa de ameaças, exprobrações e insultos, o oficial belga conseguiu persuadir os seus comandados a romper uma descarga sobre os macacos em retirada. A descarga foi incerta e desigual, mas uma das balas pelo menos atingiu o alvo, pois quando a macacaria desapareceu na floresta, Chulk, que conduzia Werper nos ombros, cambaleou e caiu.

Mas num instante se levantou de novo, o belga, porém, percebeu pelo andar pouco firme do antropóide que este fora gravemente ferido. Chulk, com efeito, ficou muito atrás dos companheiros, e só alguns minutos depois que o bando fez alto ao comando de Tarzan, é que se reuniu aos outros, caminhando penosamente, para afinal tombar novamente sob o peso do fardo e o choque do ferimento.

Ao cair, Chulk arrastou Werper, que ficou de bruços, sob o corpo do macaco, meio atravessado sobre ele. Em tal posição sentiu o belga qualquer coisa tocar-lhe as mãos ainda atadas atrás das costas — alguma coisa que não fazia parte do corpo cabeludo do antropóide.

Mecanicamente os dedos do homem apalparam o objeto

— era uma bolsa macia cheia de partículas duras. Werper ofegou entre assombrado e incrédulo. Parecia impossível — e no entanto era verdade!

Febrilmente esforçou-se por transferir a bolsa do corpo do macaco para o seu, mas o raio limitado de ação que lhe permitiam às mãos as ataduras não o consentiu. Em todo caso, sempre conseguiu ele enfiar a bolsa com o precioso conteúdo para dentro do cinturão.

Tarzan, sentado a pequena distância, estava ainda ocupado em desatar os nós das cordas que o amarravam. Afinal desvencilhou-se da última e pôs-se em pé. Aproximando-se de Werper, ajoelhou-se junto dele e ficou um momento examinando

o macaco.

— Morto, anunciou. Pena, era uma esplêndida criatura.

Em seguida voltou-se para o belga a fim de soltá-lo. Libertou-lhe as mãos e depois começou a labutar por desenlaçar as cordas que atavam os tornozelos.

— Eu faço o resto, disse o belga. Tenho um canivetezinho que escapou à revista que eles me passaram.

Assim conseguiu Werper livrar-se do auxílio do homem-macaco, a fim de poder abrir o canivete e cortar a correia que prendia a bolsa no ombro de Chulk, passando o saquinho de couro do cinturão para o peito da camisa. Feito o que, levantou-se e aproximou-se de Tarzan.

Mais uma vez sentiu-se dominado pela cobiça. Esquecidas estavam todas as boas intenções despertadas pela confiança que Jane Clayton lhe testemunhara. O que a moça fizera, a bolsinha desmanchara. Como esta fora parar às mãos do antropóide, era o que Werper não podia atinar, a não ser que Chulk tivesse presenciado a luta com Achmet Zek e visto o árabe jogá-lo ao chão, mas que aquele saquinho continha as jóias de Opar, disso Werper estava absolutamente certo, e era tudo quanto lhe interessava.

— Agora, disse o homem-macaco, cumpre a tua promessa! Leva-me ao lugar onde viste pela última vez minha mulher.

Foi coisa muito demorada varar a floresta pela noite morta atrás do belga. Tarzan ardia de impaciência com a lentidão da marcha, mas o europeu não podia voar através das árvores, como faziam os outros, mais ágeis, e mais musculosos, assim a velocidade do bando tinha que obedecer à do companheiro mais lento.

Os macacos acompanharam os dois homens por espaço de algumas milhas, mas em breve o interesse deles afrouxou, o que ia na frente estacou numa pequena clareira e os demais imitaram-no. Dali ficaram olhando os vultos dos dois homens até vê-los desaparecer na folhagem da trilha, do outro lado da clareira. Então um macaco procurou posição confortável embaixo de uma árvore, e um a um todos lhe seguiram o exemplo, de sorte que Tarzan e Werper continuaram a caminho sem eles, nem o primeiro ficou surpreso ou desapontado com o fato.

Os dois tinham caminhado um pouco além da clareira onde os macacos haviam ficado, quando lhes chegou aos ouvidos um rugir de leões distantes. O homem-macaco não prestou atenção a essas vozes familiares, até o momento em que da mesma direção veio o eco fraco de um tiro de carabina, e quando a este se seguiu o relinchar estridente dos cavalos e uma fuzilaria quase contínua misturada aos rugidos crescentes e selvagens de um grande bando de leões, ficou imediatamente alerta.

— Alguém está em apuros ali, disse voltando-se para Werper. Tenho que ir lá — podem ser amigos.

— É possível que sua mulher esteja com eles, sugeriu o belga, que depois de recuperar a bolsa, receoso e desconfiado do homem-macaco, revolia constantemente na mente planos de iludir a vigilância daquele inglês gigante, que o salvara e capturara ao mesmo tempo.

A essa lembrança Tarzan estremeceu como que ferido por uma chicotada.

— Deus do céu! gritou. Pode estar sim, e os leões estão atacando! Os leões penetraram no acampamento — conheço pelo rincho dos cavalos. Estás ouvindo? O grito de um homem nos braços da morte! Espera-me aqui até que eu volte. Preciso primeiro socorrê-los!

E lançando-se a uma árvore, o corpo ágil desapareceu na noite com a rapidez e o silêncio de um fantasma.

Werper ficou um instante no lugar onde o homem-macaco o deixou. Depois um sorriso astucioso franziu-lhe a boca.

— Ficar aqui? perguntou a si mesmo. Ficar aqui esperando que ele volte e me tome estas jóias? Isso não, meu caro! e, virando-se abruptamente para leste, Albert Werper sumiu para sempre das vistas de Tarzan.

CAPÍTULO 24

Volta ao lar

A MEDIDA que Tarzan dos Macacos avançava através da floresta, os sons discordantes da batalha entre os abissínios e os leões chegavam-lhe cada vez mais distintamente aos ouvidos, não lhe deixando nenhuma dúvida sobre a situação crítica em que se encontrava o elemento humano empenhado no conflito.

Por fim o clarão dos fogos do acampamento luziu entre o arvoredor, e um momento depois a figura gigante do homem-macaco deteve-se num galho que dominava a cena da terrível carnagem.

O seu olhar penetrante abrangeu num relance todo o cenário e parou no vulto de uma mulher frente a frente com um enorme leão separado dela pela carcaça de um cavalo.

O carnívoro agachava-se para saltar, quando Tarzan deu com os olhos no quadro trágico. Numa se achava quase debaixo do galho onde estava o homem-macaco, nu e desarmado. Mas não houve nem um segundo de hesitação da parte do último. Foi como se ele não tivesse estacado na sua disparada através das árvores, tão vertiginosamente rápida foi a sua percepção da cena que se passava embaixo — tão instantânea a sua ação.

Jane Clayton sentiu-se perdida, de tal sorte que permaneceu em apatia letárgica aguardando o embate do corpo formidável que ia derribá-la — aguardando o transe cruel em que as garras e as presas implacáveis lhe rasgariam as carnes antes que ela desfalecesse no esquecimento misericordioso que poria termo a todas as suas dores e penas.

Que adiantava correr? Tanto valia olhar de frente o fim tremendo como ser abocanhada pelas costas numa tentativa inútil de fuga. Nem sequer fechou os olhos para não ver o aspecto medonho da goela escancarada, e foi assim que, quando ela viu o leão preparar-se para o bote, viu também um vulto brônzeo e possante saltar de um galho sobre a fera no instante em que esta ia pular.

Jane arregalou os olhos de espanto e incredulidade, ao contemplar aquela aparição que parecia surgir do império dos mortos. O leão foi esquecido — esquecido o próprio perigo — esquecido tudo, salvo o milagre espantoso daquela ressurreição. Com os lábios entreabertos, as mãos espalmadas contra o peito ofegante, a moça inclinava-se para a frente, olhando como fascinada pela visão do companheiro que julgava morto.

Ela viu o corpo musculoso saltar sobre o dorso do leão, martelando a fera como

um ariete animado. Viu o carnívoro desviar-se para um lado quando já estava quase em cima dela, e num relance compreendeu que nenhum fantasma sem substância poderia assim torcer a investida de um leão enfurecido com força bruta maior do que a força do bruto.

Tarzan, o seu Tarzan, estava vivo! Um grito de inenarrável alegria rompeu-lhe dos lábios, mudada logo em terror quando viu que o marido estava inteiramente desarmado e percebeu que o leão voltara a si da surpresa e carregava agora sobre Tarzan num desejo furioso de vingança.

Aos pés do homem-macaco jazia a carabina abandonada pelo abissínio que Numa esfaqueara. Tarzan deparou com ela no rápido olhar que lançou em torno de si à procura de alguma arma, e quando o leão se empinou nas patas traseiras para saltar sobre o intruso que ousara interpor-se entre Numa e sua presa, a coronha pesada rodou no ar e abateu-se com toda a violência na testa larga do bicho.

Um golpe desferido por Tarzan não era como um golpe vibrado por outro nenhum mortal ordinário, o dele tinha a fúria de uma besta-fera e era desfechado pelos músculos de aço forjados durante a sua juventude selvagem vivida entre as árvores. A coronha lascada com o choque enterrou-se no crânio fendido da fera e o pesado cano de ferro envergou-se em forma de V.

No instante em que o leão caiu sem vida, Jane atirou-se nos braços ansiosos do esposo. Por um momento ele apertou ao peito o rosto querido, mas logo a seguir girou os olhos em volta, alerta aos perigos que ainda os rodeavam. De todos os lados os leões saltavam sobre novas vítimas. Cavalos espavoridos ameaçavam-nos em correrias a esmo de uma extremidade a outra do acampamento. As balas das carabinas descarregadas pelos defensores ainda com vida aumentavam os riscos da situação.

Permanecer ali por mais um minuto era expor-se a morte certa. Tarzan agarrou Jane e suspendeu-a ao ombro. Os negros viram atônitos o gigante nu saltar, como se nada fosse, ao galho da árvore donde despencara tão misteriosamente no meio da confusão, e desaparecer como tinha surgido, levando consigo a prisioneira.

Estavam eles por demais ocupados em salvar a própria pele para tentar retê-lo, nem o poderiam fazer sem sacrifício de uma bala preciosa quando fosse necessário desviar a acometida do felino.

E assim Tarzan saiu sem ser molestado do acampamento dos abissínios. Do recesso da floresta ouviu o estrondo do pavoroso conflito, até que a distância foi pouco a pouco amortecendo os ecos da carnificina.

O homem-macaco voltou ao lugar em que deixara Werper, mas agora em seu peito a alegria substituíra a lancinante apreensão que reinava ali tão recentemente, e havia

em seu espírito a determinação de perdoar ao belga e ajudá-lo a fugir. Mas quando chegou ao local, Werper não estava mais lá, e embora Tarzan o chamasse em altas vozes, não teve nenhuma resposta. Convencido de que o homem teria os seus motivos para desertar-lhe a companhia, John Clayton não se julgou na obrigação de procurá-lo, expondo por mais tempo a vida da mulher aos incômodos e perigos de uma batida atrás do belga.

— Esta fuga vale por uma confissão de culpabilidade, Jane. Deixemo-lo entregue à própria sorte.

Como dois pombos de regresso ao ninho, Tarzan e Jane se encaminharam diretamente ao cenário de desolação e ruínas que fora o centro das suas vidas felizes, e que dentro em pouco seria restaurado graças ao concurso dedicado dos negros, tornados à ventura primitiva, pela volta do patrão e da patroa, aos quais haviam pranteado acreditando-os mortos.

Ao passar pela aldeia de Achmet Zek, não viram ali senão os restos carbonizados da paliçada e das cabanas nativas, fumegando ainda como mudas testemunhas da cólera e vingança de um inimigo poderoso.

— Os *waziris*, comentou Tarzan com um sorriso satisfeito.

— Deus esteja com eles! exclamou Jane.

— Não podem estar longe de nós, disse Tarzan, Basuli e os outros. Foram-se o ouro e as jóias de Opar, Jane, mas estamos juntos e em breve estaremos entre os *waziris* — temos o amor e amigos. Que valem ouro e jóias em comparação com isso?

— Ah, se o pobre Mugambi estivesse vivo, respondeu ela, Mugambi e os outros que sacrificaram as vidas para proteger-me!

Num misto de alegria e pesar, seguiam os dois em silêncio pela floresta familiar, quando ao cair da tarde chegou aos ouvidos do homem-macaco o eco distante de um sussurro de vozes.

— Estamos perto dos *waziris*, Jane, disse ele. Já lhes ouço as vozes. Estão acampando para a noite, imagino.

Meia hora depois os dois avistaram a horda de guerreiros negros que Basuli reunira para tomar vingança dos salteadores árabes. Com eles estavam as mulheres capturadas na aldeia de Achmet Zek, e alto, mesmo entre os *waziris* gigantes, divisava-se a figura familiar de um preto ao lado de Basuli. Era Mugambi, a quem Jane tinha por morto entre as ruínas carbonizadas do bangalô.

Que alegre encontro! Até alta noite as danças, os cantos e os risos acordaram os ecos da mata sombria. Não acabava aquela gente de contar as histórias das

aventuras de cada um, de reviver pela narrativa os combates com homens e animais selvagens. A alva já despontava e Basuli descrevia ainda, pela vigésima vez, como ele e um punhado dos seus guerreiros tinham presenciado a batalha que os abissínios de Abdul Murak haviam travado com os árabes de Achmet Zek por causa das barras de ouro, e como, quando os vencedores se tinham afastado, ele e os seus homens saíram do cançal e carregaram o ouro para ocultá-lo em lugar onde ladrão nenhum poderia descobri-lo.

Dos fragmentos das aventuras de cada qual, ressaltava a completa verdade, relativamente às atividades malignas de Albert Werper. Só lady Greystoke achava alguma coisa a louvar no procedimento do belga, e era mesmo difícil para ela conciliar os muitos atos odiosos dele com aquela única prova de cavalheirismo e honra.

— Não há homem em cuja alma não se esconda o germe dos bons sentimentos, disse Tarzan. Foi a tua virtude, Jane, e não a tua situação desesperada que despertou por um momento a consciência do bem nesse degenerado. Com esse único ato ele se resgatou, e quando for chegado o instante de ele comparecer à presença do seu Criador, possa aquele gesto contrabalançar todos os seus pecados!

— Amém! secundou Jane com fervor.

Passaram-se meses. O trabalho dos *waziris* e o ouro de Opar reconstruíram e remobiliaram o lar devastado dos Greystoke. Mais uma vez a vida simples da grande fazenda africana prosperou como antes da vinda do belga e dos árabes. Esquecidos estavam os pesares e perigos do passado.

Pela primeira vez depois de muitos meses lorde Greystoke sentiu poderem todos gozar férias, e assim uma grande caçada foi organizada para que os fiéis operários festejassem o termo dos seus trabalhos.

A caça foi um sucesso, e dez dias depois da abertura um safári carregado de despojos se punha de volta à planície *waziri*. Lorde e lady Greystoke com Basuli e Mugambi seguiram a cavalo à testa da coluna, rindo e conversando com aquela boa familiaridade que os interesses comuns e o respeito mútuo criam entre homens inteligentes e francos de raças diferentes.

De súbito o cavalo de Jane Clayton passarinho diante de um objeto escondido nas ervas de uma clareira da floresta. Os olhos agudos de Tarzan logo procuraram uma explicação para o susto do animal.

— Aqui há coisa, gritou ele, saltando da sela, e um instante depois estavam os quatro agrupados em redor de um crânio e um pequeno monte de outros ossos humanos.

Tarzan abaixou-se e retirou de entre os despojos um saquinho de couro. As

arestas duras do conteúdo arrancaram-lhe uma exclamação de surpresa.

— As jóias de Opar! gritou, suspendendo a bolsa — e, apontando para os ossos a seus pés — tudo o que resta de Werper, o belga.

Mugambi riu.

— Olhe para dentro do saco, *Bwana*, disse ele com malícia, e veja o que são as jóias de Opar — as jóias pelas quais o belga sacrificou a vida, e o negro riu alto.

— Por que te ris? perguntou Tarzan.

— Porque, respondeu Mugambi, eu enchi a bolsa do belga com seixos do rio antes de fugir do acampamento dos abissínios, onde ambos estávamos prisioneiros. Deixei o belga com essas pedras sem valor, enquanto carregava comigo as jóias que ele roubara do senhor. Que elas me fossem roubadas depois, quando eu estava dormindo na mata, é coisa de que me envergonharei para sempre e de que nunca me poderei consolar, mas ao menos o belga não ficou com elas. Abra a bolsa e o senhor verá.

Tarzan desamarrou a correia que fechava a boca do saquinho de couro e esvaziou o conteúdo na palma aberta da mão esquerda. Os olhos de Mugambi arregalaram-se de assombro. Os outros três soltaram exclamações de surpresa e incredulidade. É que da bolsinha velha e suja rolara um punhado de gemas cintilantes!

— As jóias de Opar! gritou Tarzan. Mas como é que foram parar de novo às mãos de Werper?

Quem poderia responder? Chulk e Werper estavam mortos e ninguém mais sabia.

— Pobre diabo! comentou o homem-macaco, saltando na sela. Mesmo depois de morto, teve que restituir o que roubara. Que os pecados lhe fiquem sepultados com os ossos!

FIM

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[1: Belga e árabe](#)

[2: A caminho de Opar](#)

[3: O apelo da mata](#)

[4: Vaticínio cumprido](#)

[5: O altar do Deus Flamejante](#)

[6: O ataque dos árabes](#)

[7: A sala das jóias de Opar](#)

[8: A fuga de Opar](#)

[9: O furto das jóias](#)

[10: Achmet Zek vê as jóias](#)

[11: Tarzan vira bicho outra vez](#)

[12: La busca vingança](#)

[13: Condenado à tortura e à morte](#)

[14: Sacerdotisa, porém mulher](#)

[15: A fuga de Werper](#)

[16: Tarzan de novo à testa dos Manganis](#)

[17: Jane Clayton em perigo mortal](#)

[18: A luta pelo tesouro](#)

[19: Jane Clayton e as feras da mata](#)

[20: Jane Clayton novamente prisioneira](#)

[21: A fuga para a floresta](#)

[22: Tarzan recobra a memória](#)

[23: Uma noite de terror.](#)

[24: Volta ao lar](#)